

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA

**O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL...
...Para cinco catadores de papelão,
no centro da Cidade do Rio Grande,RS.**

RIO GRANDE

2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA

**O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL...
...Para cinco catadores de papelão,
no centro da Cidade do Rio Grande,RS.**

RIO GRANDE

2012

CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA

**O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL...
...Para cinco catadores de papelão,
no centro da Cidade do Rio Grande,RS.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Ambiental.

Orientador: Professor Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues

RIO GRANDE

2012

Ficha Catalográfica

S586q Silva, Claudio Renato Moraes da
O que é Educação Ambiental...: para cinco catadores de
papelão, no centro da cidade do Rio Grande,RS. / por
Claudio Renato Moraes da Silva. – 2012.

204 f. : il. ; 30cm.

Tese (doutorado) — Universidade Federal do Rio
Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação
Ambiental, Rio Grande, RS, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães
Rodrigues, Educação e Filosofia”.

1. Educação Ambiental. 2. Catadores de papelão – Rio
Grande, RS. 3. Imagem. 4. Imaginário. I. Título.

CDU 504:37

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Camila Quaresma Martins - CRB 10/1790

CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA

O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL... ...Para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande,RS.

Tese de Doutorado aprovada como parte dos requisitos necessários a obtenção do grau de Doutor em Educação Ambiental. Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA. Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Comissão de avaliação formada pelos professores:

Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues
(Orientador – Universidade Federal do Rio Grande - FURG)

Dr. Marcos Reigota
(Universidade de Sorocaba, SP - UNISO)

Dr. Leandro Belinaso Guimarães
(Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)

Dr. Valdo Barcelos
(Universidade Federal de Santa Maria - UFSM)

Dr. Daniel Porciúncula Prado
(Universidade Federal do Rio Grande - FURG)

Eu dedico esta Tese a TODOS os pescadores de coisas.

Dedico a TODOS os catadores de qualquer coisa.

*Por muitos dias a pescaria trouxe-me lembranças de gentes. Saudades de Pessoas
que navegavam comigo, e num de repente, desceram em algum porto e deixaram
que eu seguisse adiante.*

Só.

Sem os seus rostos. Sem os seus abraços.

*Quando envolvia-me na pesquisa, também mergulhava nas vidas dos catadores de
papelão, latinhas, papel, plásticos, Lixo.*

Recebi permissão para pescar coisas – Deles. Neles.

Esta Tese está permeada de emoções. De ciências. De técnicas.

E de imensurável valor das Pessoas Humanas,

Com as quais fui catador.

Esta Tese, o autor dedica aos leitores.

A todo aquele que se permitir viajar por estas páginas.

A cada Pessoa que entregar o seu olhar,

Para cinco catadores de Papelão, no centro da Cidade do Rio Grande,

no Rio Grande do Sul do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Eu acredito que há, para cada pesquisador, um Mentor SAGRADO que nos ensina a fazer pesquisa. A construir Teses.

Para esse MESTRE, eu faço a minha mais verdadeira reverência.

Para um parceiro que pesca comigo, por mais de dezesseis anos. Ainda estamos no mesmo barco. Temos um pacto:
- seguir Pescando. Sempre.
Em qualquer condição do vento.

Ela não veio. Ela não está aqui pra gente se abraçar. Bem forte. Mas agradeço o trabalho D´ela. Lá nas fábricas de pescado, em São José do Norte, RS. Lembro-me de tocar naquelas mãos geladas, quando ela voltava da fábrica de pescado, nos tempos de inverno. Não deveria se chamar Iracema, mas Dona Esperança!

Ele nos deixou cedo. Foi pro mar e se apaixonou por aquilo que nós não conhecemos – o fundo do mar. Dormiu e não voltou mais. Ainda está pescando. Dobrando as ondas e quebrando os ventos. Ele não teria medo de se sujar. Abraçaria os catadores, com suas camisas sujas de lixo. Por vezes, tinha as roupas com perfume de maresia.

Com a Andréa e com o Jean, lá no Cassino, num daqueles verões, que ficávamos na casa rosa, em frente às dunas, na beira mar, Nós vimos Tuco-tuco ... Dedico àquela magia para eles dois.

A mulher guardou o autor, por nove meses, em um oceano que vigiava todos os dias. Preferiu sentir a dor de um temporal que rasga o azul do céu. Decidiu pari. Confiava na Rosabela e deixou a criança chegar ao Norte. Ela é a mãe desse que escreve. Importante e absoluta nessa constituição humana.
Mais que valeu Mãe.

Agradeço aquele que acreditou nessa viagem. Abriu o Rincão e deixou-me explorar possibilidades. Ele mostra que a natureza é generosa, igual a Ele. Pessegueiro em flor e fruta. Coração de amigo presente e intenso. Obrigado Victor, meu Orientador.

Danni Pieper, Dolci Lu, Altemir, Claudio Tarouco, Renatinha Braz, Mario (Moso), Débora Martins, Karoline Veiga França, Andreisa Damo, Soninha Cava ... entre outros

são parte do humano desta Tese. Agradeço aos meus queridos colegas.

O que seria da escrita se não existisse a leitura.
Um amontoado de letrinhas que formam palavras que compõe linhas que são só a escrita.

Por isso, meu agradecimento a Banca Examinadora e Julgadora desse trabalho.

Valdo. Leandro. Daniel. Marcos. Nomes e rostos que compartilham o seus olhares
sobre esta Tese.
Vocês justificam a escrita.
Meu agradecimento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, registro o meu
agradecimento.
Para o Gilmar. Para a Ritinha.

A FURG é a casa que abraça todos nós.

Agradeço ter vivenciado e experimentado aquele café, na casa daquele catador.
Lá naquele bairro.
Naquele Castelo.



Para
Bombom e Lola.

Pescando pessoas,

Catando peixes,

Colecionando coisas.

Decidindo depois, o que é lixo. O que está lixo.

Aonde é lixo.

Pescadores e catadores de papelão agradecem.

Muito obrigado!

Mais que valeu pela companhia.

Nessa pescaria. Juntos!

*Agosto de 2012, na FURG, no Rio Grande,
no Rio Grande do Sul do Brasil.*

Claudio Renato Moraes da Silva.

Educação Ambiental,
para o Claudio, Bibliotecário, professor e pesquisador:

***“São valores naturais, sociais e
economicamente humanos num
constante vigiar. Vida natural, humana
e animal sob o arco de um mesmo elo,
todos necessários.”***

(Claudio Renato Moraes da Silva, 2011)

RESUMO

A pesquisa utilizou a obra REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 107 p. ISBN: 9788511001228 a ser presenteada aos cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul do Brasil. E essas leituras são a **Rede** de fundo para a investigação.

Trabalhar com os catadores, especificamente de papelão é ouvir pessoas. Ouvir suas imagens que representam a si mesmos. A leitura vem a ser reflexão-intervenção na vida e no viver dos catadores. Assume o papel de contraponto nas construções daquilo que dizem e pensam ser Educação Ambiental. Antes da leitura, sob uma Linguagem Cotidiana. Puro conhecimento. Nato ou adquirido pelo modo de fazer o seu trabalho de catador. Pela instrução escolar ou não. Pelas políticas que se estabelecem. Ante a leitura, sob uma Linguagem Controlada, elementos artificiais de educação – interferência literária, os interlocutores da pesquisa vêm revelar o que é Educação Ambiental.

O olhar sobre o que é Educação Ambiental é interferido pela leitura da obra de Reigota. Ou um novo olhar se constrói e representa-se em diferente olhar. Surge, nas pessoas, outra maneira de olhar a fotografia da natureza. Os retratos das suas vidas e do seu trabalho de catador. Não ficarão iguais.

Olhar pela lente da revelação e utilizar do nitrato de prata – o livro **O que é Educação Ambiental? É Se** revelar diferente.

Esse comparativo é o “descobrimento” da/na pesquisa. Dessa forma, responde-se não só a questão geradora, mas o próprio título da investigação científica.

Essa resposta é a joia da pesquisa. No caso, a joia encontrada no Rio Grande, RS, os Catadores de Papelão.

Ouvir, tratar e representar por imagens “O que é Educação Ambiental... para cinco Catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS”.

Também, para responder o núcleo da questão geradora da pesquisa – O que é Educação Ambiental, o pesquisador é convidado por quatro (04) Bibliotecários, egressos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG para ante a obra de Reigota representar conceitos sobre Educação Ambiental.

Os catadores de papelão não estão sendo convidadas a escrever artigos. Livros. Teses. Os catadores de papelão são as pessoas que com os seus discursos e, a reunião de suas falas constituiu o corpo teórico dessa investigação, para a Tese.

Palavras-chave: Educação ambiental. Catadores de papelão. Rio Grande, RS. Imagem. Imaginário.

ABSTRACT

The research will use the work REIGOTA, Marcos. **What is Environmental Education**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 107 p. ISBN: 9788511001228 being gifted to five collectors in center of Rio Grande in Rio Grande do Sul in Brasil. And these readings are the background for network research.

Working with the hunters, specifically cardboard is to hear people. Listening to their representations. Knowledge. Information we have about what is environmental education, how is your environment. The reading comes to reflection-intervention in the life and living of waste pickers. Assume the role of counterpoint in the constructions of what they say and think is Environmental Education. Before reading, in a Natural Language. Pure knowledge. Innate or acquired by way of doing your job picker. For schooling or not. Policies that set. Beliefs, cultures, among others are factors that substantiate the representation of which is environmental education for five collectors of cardboard in the center of Rio Grande, RS. Before the reading, language in a controlled, artificial elements of education - literary interference, the interlocutors of the research are to reveal what is environmental education.

The look on what Environmental Education is interfered with by reading the work of Reigota. Or a new look is constructed and represented in different look. Surge in people, another way of looking at nature photography. The portraits of their lives and their work picker. Will not be equal.

Looking through the lens of disclosure and use of silver nitrate - the book What is Environmental Education? It is to reveal different.

This comparison is the "discovery" of / in the search. Thus, not only answers the question generator, but the title of scientific research.

This response is the jewel in the research. In this case, the jewel found in the Rio Grande, RS, the Collectors of cardboard.

Listen, treat and represent the "What is Environmental Education ... Collectors for five cardboard in the center of Rio Grande, RS. "

Also, to answer the core question of generating the research - What is Environmental Education, the researcher is invited for four (04) Librarians, graduates of the Federal University of Rio Grande - FURG compared to the work of Reigota represent concepts on Environmental Education. The cardboard collectors are not being invited to write articles. Books. Theses. The cardboard pickers are the people with their speeches and the meeting of their speeches was the theoretical framework of this research for the thesis.

Keywords: Environmental Education. Cardboard recyclers. Rio Grande, RS. Image. Imagery.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Ver todas as formas. Aceitar todas as formas. Ser pleno em todas as formas.	17
Fotografia 2 - Fotografia de uma pipa, na Praia do Cassino, em Rio Grande, no Rio Grande do Sul do BRASIL.....	32
Fotografia 3 - Marcos Reigota – o escritor.....	41
Fotografia 4 - Porta de entrada para o COCURUTO – Segundo Distrito de São José do Norte, RS, BRASIL.....	48
Fotografia 5 - Tem o BRASIL né? Então, nesse país tem um estado que é dos gaúchos – se fala Tchê! Pois bem, mais embaixo da capital que é Porto Alegre, margeando pela Laguna dos Patos a gente avista a “Mui Heróica Villa - é São José do Norte	49
Fotografia 6 - Lancha Noiva do Mar	57
Fotografia 7 - O pescador volta pro mar. Dorme. Não acorda mais. Esse não é o DIAMANTE. Barco encalhado na Praia do Mar Grosso, Oceano Atlântico, litoral de São José do Norte, RS.....	60
Fotografia 8 - Laranjas de Umbigo. O balanço. A Lúcia caiu do balanço e fraturou a coluna.	62
Fotografia 9 - As Amarras que nos Protegem.....	129
Fotografia 10 - Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável - MNCR.....	130
Fotografia 11 - Ler. Ler a leitura da própria vida cotidiana. Ler.....	138
Fotografia 12 - Boa Viagem! Penso que deveria Ter uma santidade que proteja os/as catadores de todas as coisas.....	139
Fotografia 13 - Mergulhador. Escafandrista. Catador. PESSOA.....	148
Fotografia 14 - Essa é a última moda. Um luxo. As frutas parecem quase de verdade – à mesma cor.....	167
Fotografia 15 - O pão nosso de cada dia é de Papelão.....	173

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASMARE	Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitável de Belo Horizonte
Biblio	Biblioteconomia
BIBLIO	Biblioteconomia
EA	Educação Ambiental
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
ICHI	Instituto de Ciências Humanas e da Informação
MEA	Mestrado em Educação Ambiental
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MNCR	Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável
QSL	Quadro de Sequencia Lógica
RENATO	Andres Reinaldo Floriano da Silva
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul
SLU	Superintendência de Limpeza Urbana
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

Alguns estranhos partidos, não políticos, aos quais o orientador é filiado:

CRI	Criatividade
DIC	Devaneios Individuais e Coletivos
DSONHOS	Despertar de Sonhadores
EE	Educação Ética
EEO	Educação Estético Onírica
EEsp	Educação Espiritual
EO	Ecologia Onírica
Esp	Espiritualidade

FELIZ	Felicidades
FI	Formação Integral
IPC	Instauração de Processos Criativos
ISC	Imaginário Socioculturais
LD	Linguagens do Destino
LS	Linguagens Sonoras
MIUSORRISOS	Mundos Inimagináveis e Utopias Culturais Concretizáveis
QVida	Qualidade de Vida
RH	Reciclagem Humana
SIM	Sonhos Impossíveis

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
1.1 O CONTEXTO DA PESQUISA	38
1.2 A QUESTÃO DE PESQUISA É O PRÓPRIO O TÍTULO DESSA TESE:	43
1.3 JUSTIFICATIVA	43
1.4 OBJETIVOS	43
1.4.1 Objetivo Geral.....	43
1.4.2 Objetivos Específicos	44
1.5 METODOLOGIA.....	44
1.6 POR QUE A GENTE NÃO BOTA O NOME DELE DE RENATO. CONSTITUINDO-ME PESSOA HUMANA.	48
1.7 EU, CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA, TORNANDO-ME UM EDUCADOR AMBIENTAL.....	60
1.8 A MINHA ESCOLHA	71
1.9 EU, CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA, TORNANDO-ME UM PESQUISADOR.	76
1.10 OUTROS OLHARES.....	88
1.11 O ENCONTRO – ESTÁ POR ADVIR O PORVIR.....	97
1.12 RESPEITÁVEL PÚBLICO... A QUALIFICAÇÃO	99
2 UMA TESE EM CONSTRUÇÃO.....	119
2.1 A TESE: UMA JOIA NO RIO GRANDE, NO RIO GRANDE DO SUL DO BRASIL	125
2.2 SOBRE O TEMA QUE ME ESCOLHEU	125
2.3 COMEÇA A TESSITURA	128
2.4 PRA FALAR SOBRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS:.....	131
2.5 AS PESSOAS QUE TRABALHAM NA COLETA DE LIXO:.....	137
2.6 O PASSEIO : TALVEZ UM OLHAR PARA A SUPERFÍCIE.....	160
2.7 O ANTEFINAL DO FECHAR DAS CORTINAS SE INICIA.....	163
2.8 O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL	170
2.9 UMA LUZ DE LAMPIÃO.....	177
2.10 UMA PESCARIA NO LIXÃO DO RIO GRANDE, RS.....	178
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	183

3.1 O ESPETÁCULO	184
3.2 O AZUL DA TESE.....	189
REFERENCIAS.....	197
APÊNDICE A – TERMOS DE CONCENTIMENTO PARA REPRESENTAÇÃO DAS FALAS DOS CINCO CATADORES DE PAPELÃO E DOS QUATRO BIBLIOTECÁRIOS.....	201

CONSIDERAÇÕES INICIAIS...

Considero o início, o meu encontro contigo.

Na primavera das nossas vidas,

No início do nosso futuro tempo.

Para os CATADORES DE PAPELÃO, de todos os lugares.

(Claudio, 2011)

Uma Dama, A Educação Ambiental Humana.



**É como
Uma tatuagem
Fica na gente.**

**É como um
Registro...**

**Registra-se em nós,
Como se escrevesse
Histórias.**

**De gentes, de nós, da
Educação Ambiental.**

Gosto de tatuagem.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS



Fotografia 1 - Ver todas as formas. Aceitar todas as formas. Ser pleno em todas as formas.

Fonte: Produção do próprio Autor

Esse estudo vai tratar o objetivo, objeto e a pergunta motivadora para esta pesquisa: - O que é Educação Ambiental?

O foco está nesta questão. Neste objeto que se materializa pelo lixo, especificamente pelo papelão que recebe vida, por parte do catador. O objeto recebe a vida. O objetivo é simples. É científico. É grandioso e enriquecedor no campo da pesquisa, pois vem somar como fonte para outras investigações acerca do tema.

O que é Educação Ambiental? É o que se pretende dizer ou apontar, sob a luz das imagens que se representam. Para o pesquisador. Para os catadores de papelão.

A Tese que é uma Rede de relações, emoções e falas, contextualiza desde tempos e lugares á pessoas grandes e pequenas, por exemplo, um menino de seis anos que vai fazer parte dessa tessitura, entre nós, entre amarras e malhas.

A estrutura deste trabalho está dividida em três capítulos. Partimos das Considerações Iniciais, com alguns subtítulos que organizam ideias e o próprio texto. Faz-se uma viagem por um rincão. Pessegueiros em flor. Dormentes para trens dividem o caminho. A pesquisa. A vida do pesquisador. Desde a Prainha do Cocuruto. São José do Norte. As travessias. A FURG. O Curso de Biblioteconomia. A profissão de Bibliotecário. A Vocação Docente. A sala de aula e os aprendentes. A descoberta – a Educação Ambiental. A Pós-Graduação. Especialização. Mestrado – uma Dama. Raízes plantadas no aprendente. Doutorado – um Orientador. Certo senhor Carlos Duarte Feijó. Catadores de papelão, pelo centro da Cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul do Brasil. Revisitando literaturas – Dissertações e Teses. Uma proposta para pesquisa. A Qualificação. Uma Tese em construção.

A constituição do sujeito/pessoa e pesquisador Claudio Renato Moraes da Silva. A trajetória. Como estou me tornando um pesquisador. O assunto que me escolheu.

A profissão escolhida tem nome: Biblioteconomia. Os Bibliotecários falam sobre o que é Educação Ambiental. Outros Olhares.

O segundo capítulo é a joia encontrada no Rio Grande, RS. Trata-se, especificamente, sobre o desenvolvimento da pesquisa. A Nau que tem o nome Diamante segue pela Laguna dos Patos. Atenta para todas as falas faz muitas paradas durante a viagem.

Os trabalhadores informais na catação de materiais recicláveis são selecionadores e educadores de pessoas. As falas são transcritas desde o gravadorzinho – preenchem folhas recicladas de papel. Não simplesmente descansam sobre as folhas – é a revolução. Segue o tratamento para/nas informações das pessoas convidadas para/na pesquisa. Os aspectos de forma, também estão nesse capítulo.

Responder O que é Educação Ambiental, torna-se mero objetivo. Justificativa mais que justificável. Título mais que cristalino. Todos esses são ensaios de/para pesquisa. A força. A viceralidade está no conteúdo concreto das falas dessas pessoas. Imagens que respiram. Elas e as falas são a célula que tudo justifica. Que faz brotar. Nascer e multiplicar-se.

Duas formas de linguagem vivificam a mesma questão. O que é Educação Ambiental? Uma linguagem pura, muito simples e de um vocabulário cotidiano aos fazeres dessas pessoas e uma linguagem artificial, pós-coordenada, intervida pela leitura.

Na primeira fase da pesquisa, com os catadores de papelão, pretende-se colher manual e artesanalmente aquilo e aquela maneira que entendem e falam o que seja Educação Ambiental. Depois dessa colheita, oferecemos regadores, tesouras de podas, saquinhos de terra forte da marca “REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 107 p. ISBN: 9788521001228”.

Na segunda voltamos para colher mais uma vez. Uma linguagem de intervenção agora deixava de ser puramente simples e passava a contextualizar a Educação Ambiental sobre outra maneira de olhar. Sob outro olhar que mostra. Apresenta. Indica, simplesmente.

Nesse capítulo da Tese não apresentamos momentos distintos do olhar dos catadores de papelão, sobre Educação Ambiental. Decidiu-se que trazer a forma de linguagem, se linguagem pura, cotidiana, simples, ou se linguagem de intervenção, não é o ponto mais relevante nas informações colhidas. Entende-se que, de acordo como sopra o Vento Norte, também as falas falam por si. E as imagens, também são textos. Por isso, encontram-se as transcrições dos diálogos de acordo com o modo que foi registrado. Na mais exata ordem de colheita. Respeitando sempre, as manifestações extemporâneas que surgiram enquanto andávamos pela plantação de papelão.

O terceiro capítulo apresenta o encaminhamento, para o antefinal da Tese. Algumas considerações, pensamentos, pontos de vista do pesquisador e dos pesquisados estão enraizados nessas páginas. Muito fortemente. Esse é o momento em que estamos sentados nas cadeiras, a luz parece que vai acender e é o final do

espetáculo. A luz acende. Ficam passando na tela somente os créditos, letrinhas minúsculas. Muitos levantam e vão se encaminhando para a saída. Ainda há espetáculo. Falta o Final, falta só o final, e fica uma saudade daqueles atores inesquecíveis.

A mulher renuncia a lógica. A todas as convenções e, depois, muito depois da idade de parir – um filho extemporâneo invade de alegria a vida naquela cidade.

Assim é o **Azul da Tese**. Um texto fora da época. Fora do tempo que tecíamos a Tese. Fora daquele tempo de gestão da escrita. Mas conquistou o a nascente do pesquisador que escreve.

E assim começa esta Tese ...

Era uma vez.....



Fotografias¹

¹ As fotografias que não apresentam fonte e legenda, também conquistaram o direito de compor essa Rede Tese, pois são imagens que falam, traduzem, apresentam e representam à escrita.

O carteiro me entregou cartas, cartas que não são de Neruda são do Cocuruto, um lugar que tem saudades dos meninos que lá deixaram as suas infâncias.

O poeta escreve, e pela voz do Victor² conheço “Nua³”.

Um dia de sol teimoso, numa descontraída brincadeira de esconde-esconde com as irmãs nuvens. Estou chegando ao rincão⁴, onde acontece a minha orientação para a Tese.

Uma comitiva de boas vindas me recebe – lambidas, suaves e delicadas mordidas, pulos de alegrias. Os quatro anfitriões me conduzem por toda a propriedade.

Deparo-me com pessegueiros em frutos e sou convidado a degustar pêssegos, direto do pé. O gosto é doce. Doce como um beijo que derrete a boca.

Os dormentes, que são um caminho, me convidavam a seguir. É como se a estrada de ferro, que ficou lá no Cocuruto, voltasse à vida. Até o barulho dos trens.

Vejo uma plataforma e o condutor me oferece a mão.

Embarco nessa viagem. Sou viajante. Sou pesquisador de pessoas e de lugares.

No rincão ouvi músicas. Piazzola embalava a orientação. Também Cartola andou por lá, na voz de Ney Matogrosso.

Nesse pedacinho de espaço, instalado no planeta, entro pela cozinha. Descubro-me em lembranças.

Cada pessoa tem seu estilo de vida e de viver. Isso é certo, simples como banho de chuva. Explorando o lugar, de chão azul, mobiliário antigo, cristais descansando, festas adormecidas nas prateleiras, risadas em taças de champagne, agora guardadas. O forno a lenha, frio como pedra – muito quente.

Tudo é parecido com outro lugar que já estive. A memória trouxe a doçura de Judith⁵. Um estilo de viver. Uma vida de estilos a ser imitada.

² Victor Hugo Guimarães Rodrigues – Orientador, Mentor, Alquimista, meu “Bachelard”

³ Poesia de Pablo Neruda. Nua – a mão que é nua.

⁴ Termo carinhoso que trato a casa do meu Orientador.

⁵ Maria Judith Zuzarte Cortesão – singular “Judith”.

O moderno, o antigo. O estilo de não ter estilo – ser o próprio estilo de ser.

Uma casa com muitas coisas, por exemplo, mobílias, livros, caixinhas, garrafas, painéis, fogões, cadeira de barbeiro, salamandra, incensário gigante, muitos cds, dvds, pás, machados e lâmpadas, ervas de chá, desenhos e fotografias, na mais estranha organização, ainda assim é um estilo. Os dois são um estilo próprio: singular, plural. A Dama e o Orientador.

E volta a poesia de Neruda, na interpretação de William Dafoe “The Sea” - foi como se a minha prainha do Cocuruto voltasse para nos encontrar. Senti os pés molhados e fiquei feliz.

Gosto de escrever gosto de ler e muito de ouvir. Escrever tem que ser prazeroso, tal qual, ou melhor, que o gosto que sinto quando estou acompanhado de um livro, desbravando e viajando. Conhecendo. Aprendendo e apreendendo em mim novas histórias.

Descobri, há muito tempo, que ouvir é **partilhar com**⁶. É entregar-se para o mar ou para a chuva e se deixar navegar caminhando.

A entrega tem sempre gosto forte de dividir, o que nos torna frágeis e, ao mesmo tempo, colunas de todos os templos.

Percebi que dividir é a tradução para mais forte. Inquebrável. Inquebrantável. Assim também é a Educação Ambiental.

Forte o bastante para se reinventar. Flexível para ceder ao sol, ao vento, à noite, ao temporal, aos fenômenos inteligentes da natureza. Resistente para ensinar ao homem sobre limites. Tudo é Educação, respeito, cuidados, entregas – Ambiental Natureza e Ambiental homem(s).

Falar em natureza lembra-me de Judi⁷ e aqui apresento um pequeno trecho de uma de suas entrevistas, em 2000, para a revista Mundo Jovem:

MJ: O Planeta ainda pode ser salvo?

⁶ Itálico e negrito pelo autor.

⁷ Maria Judith Zuzarte Cortesão - Dama Majestosa da Educação Ambiental. Professora Portuguesa que atuou junto ao extinto Programa de Pós-Graduação Educação Ambiental – MEA. Adiante nesse trabalho, ainda será citada, pela relevante contribuição prestada à ecologia, no Brasil e pela significação profissional e afetiva que tem para o pesquisador.

Judith: Maravilhados com os avanços da tecnologia, com as facilidades da informática, corremos o risco de esquecer o essencial: a vida. Salvar a vida é o grande desafio neste século 21, especialmente para os jovens.

MJ: Se fosse fazer um quadro da realidade ambiental do planeta, hoje, o que daria para dizer?

Judith: A crise ambiental do planeta é tão visível que ela não é mais implícita. Ela é totalmente explícita. Qualquer criança hoje na escola sabe disto, não só porque o professor a ilustrou quanto a isso, mas porque ela encontra no dia-a-dia todas as marcas da degradação da vida no planeta. E a criança ambientalizada constitui hoje, sem dúvida, a promessa, a maior força de esperança de um futuro em que haja mais dignidade para todos os seres e mais paz entre os homens. (CORTESÃO, 2000, entrevista Mundo Jovem).

Para definir Educação Ambiental é preciso definir a compreensão de o que é Meio Ambiente.

Para isso vou buscar em Reigota (1991) que diz:

Para esta pergunta poderemos obter as mais diferentes e variadas respostas, que indicam as representações sociais, o conhecimento científico, às experiências vividas histórica e individualmente com o meio natural.

Para a realização da educação ambiental popular, é importante termos um conceito que oriente as diferentes práticas.

Assim, definimos meio ambiente como o lugar determinado ou percebido onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído.

Nesta definição de meio ambiente fica implícito que:

1 - Ele é "determinado": - quando se trata de delimitar as fronteiras e os momentos específicos que permitem um conhecimento mais aprofundado. Ele é "percebido" quando cada indivíduo o limita em função de suas representações sociais, conhecimento e experiências cotidianas.

2 - As relações dinâmicas e interativas indicam que o meio ambiente está em constante mutação, como resultado da dialética entre o homem e o meio natural.

3 - Isto implica um processo de criação que estabelece e indica os sinais de uma cultura que se manifesta na arquitetura, nas expressões artísticas e literárias, na tecnologia, etc.

4 - Em transformando o meio, o homem é transformado por ele. Todo **processo de transformação** implica uma história e refletem as necessidades, a distribuição, a exploração e o acesso aos recursos de uma sociedade.

A definição de meio ambiente acima exige um aprofundamento teórico que conta com a contribuição de diferentes ciências que se aglutinam no que se convencionou chamar de **Ciência Ambiental**.

Tem se tornado cada vez mais claro e consensual que a **Ciência Ambiental** só se realizará através da perspectiva interdisciplinar.

A problemática ambiental não pode se reduzir só aos aspectos geográficos e biológicos, de um lado, ou só aos aspectos econômicos e sociais, de outro. Nenhum deles, isolado, possibilitará o aprofundamento do conhecimento sobre essa problemática.

À Ciência Ambiental cabe o privilégio de realizar a síntese entre as ciências naturais e as ciências humanas, lançando novos paradigmas de estudo onde não se "naturalizarão" os fatores sociais e nem se "socializarão" os fatores naturais. (REIGOTA, 1991).

Viajar é arriscar a segurança. Sentir o frio. Ficar molhado, encharcado de sol escaldante, às vezes, sozinho ou acompanhado, mas, sobretudo, embriagado de emoções.

É assim que eu sei escrever, totalmente embriago de prazer naquilo que estou fazendo.

E é dessa maneira, talvez até sob o efeito da viagem, que me arrisco em uma definição de Educação Ambiental:

“São valores naturais, sociais e economicamente humanos num constante vigiar. Vida natural, humana e animal sob o arco de um mesmo elo, todos necessários”. (Claudio Renato Moraes da Silva, 2011 – Conceito construído).

Descobrir algo é DES cobrir.

“Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se obrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no *presente*, a nada que se possa nomear rigorosamente uma percepção... A dissimulação da textura pode, em todo caso, levar séculos para desfazer seu pano. O pano envolve o pano. Séculos para desfazer o pano. Reconstruindo-o, também, como um organismo. Regenerando indefinidamente seu próprio tecido por detrás do rastro cortante, a decisão de cada leitura”.(Derrida, J *apud* Victor Hugo Guimarães Rodrigues, 1996, p.71-72).

A escrita, o estilo e o conteúdo são componentes da trama que tece o fio e constrói o pano. O texto é fato, porém, as múltiplas percepções que fazemos são o que lhes atribui categorias de valores. Se filosófico ou literário esses são os olhos de quem lê.

Em nenhum momento o texto abandona o original, aquilo que realmente é – uma construção pela desconstrução como estratégia de interpretação contextual. Desde aqui a imagem é a força que constrói a escrita desse trabalho.

A imagem vem conversar, tornando-se cada vez mais texto, mas falas, mais pessoas.

Início viajando.

Estamos na FURG⁸, na sala da Comissão do Curso de Biblioteconomia, o professor coordenador do curso, que hoje é pesquisador, encontra o amigo, também

⁸ Universidade Federal do Rio Grande - FURG

colega docente na mesma Casa⁹.

Sempre uma alegria conversar com o Victor. É leve e descontraído. Eu, chefe da Comissão do Curso e o orientador, que na época não era, iniciamos um festival de gargalhadas – partindo de nada em específico, de nós mesmos.

Ali, de tudo rimos. Não contamos piadas. Mas tudo era uma exagerada alegria – aos olhos e ouvidos de quem passava.

A proposta era “É” ser feliz.

A secretária Ieda¹⁰ tinha um olhar apavorado para nós dois. Dizia nunca ter visto tanta alegria no ambiente acadêmico – sem nenhum motivo aparente.

Nesse clima nasce o Projeto de Extensão, Pesquisa e Ensino Programa **Tralhas Bugigangas e Outras Quinquilharias**.

Hoje transmitido, semanalmente pela rádio da universidade – FURG FM 106,7 MHZ. Estamos por lá, até hoje.

A proposta continua sendo a mesma – Ser muito feliz.

No meu Orkut, a frase que identifica um pouco de mim diz assim: “Fica com a Razão... e também com a dor no estômago, a úlcera, o estresse, o AVC, o acv, o cva... E me deixa com o que eu Sou”.

As minhas mais loucas viagens ocorreram em mim e permitiu me levar por caminhos onde o céu não é azul. A água é borbulhante, de cor de dourado, doce e gelado. As estrelas ficam dispostas num chão que é transparente de verde e as árvores são todas brilhantes na sua florada, seus caules são cristal.

Pensar numa viagem já me leva a viajar.

A poesia está em mim, da mesma maneira que “eu tomo uma coca-cola e ELE pensa em casamento¹¹”.

Assim vive em mim a vontade de poesia. Posso até não falar poesias, nem mesmo me considerar um declamador, mas sou poeta.

Componho todo o tempo, escrevo na mente.

⁹ Referencia a FURG.

¹⁰ Ieda Maria Vargas. Uma mulher linda. A minha Miss. Com nome e sobrenome. Elegante e doce. Generosa e competente.

¹¹ Música Alegria, Alegria, de Caetano Veloso. Parodiada pelo professor-pesquisador.

Alguém falou do “vento viagem” um vento que vem e não arrasa, constrói.

O meu vento vem do Norte, ele está nas minhas histórias, nos meus tempos que hoje, nesse meu presente são meus passados. O meu vento sopra a TRAVESSIA.

Parei o meu tempo – declino os meus olhos sobre os meus ombros vejo o guri Claudio, na travessia São José do Norte / Rio Grande – a avó estava junto. No porto. É o Porto.

O vento Norte sopra. A Laguna dos Patos respeita. O timão gira e eu chego ao final do início da TRAVESSIA.

Na memória os nomes de ESPERANÇA, SANTA ISABEL, ALICE, RAINHA do MAR, LILA, BETHANIA entre outros são a certeza que viajei ... viajando ... viagem, lanchas queridas.

Os experimentos vividos, nessas viagens contribuem para ser Claudio. Muitas vozes. Cheiros de gente. Óleo diesel queimado. Ondas e marolas. Pôr do sol e noite. Amanhecer e o tempo, tudo isso fez um pouco de mim.

Todas essas pessoas, os fenômenos que a natureza escolheu nos presentear, coisas e fatos deixaram algo de diferente em mim – um pouquinho de cada vida, tempos, experiências e sensações.

As BRUMAS, por vezes chegavam até São José do Norte, no Rio Grande do Sul, no Brasil.

Lembro que lá pelos meus dez ou onze anos, quando eu e minha avó chegávamos à hidroviária do lugar, para atravessar para Rio Grande fomos informados que a CERRAÇÃO impedia a travessia desde as primeiras horas da manhã – as minhas Brumas, embora sob outra concepção, deixavam a minha Avalon perdida no sul do Rio Grande do Sul do Brasil.

Os processos nos interpelam, ora nos tiram do norte, ora nos oferecem outros rumos, e comigo não foi diferente.

Do Cocuruto para São José do Norte: do Norte para Rio Grande. Vestibular, Faculdade de Biblioteconomia – é professor no mesmo curso, o ano é 1993.

Está na carreira do magistério superior – é professor.

A Pós-Graduação é caminho a seguir. Independente das políticas públicas de incentivo e a necessidade em fazer carreira de formação estão à qualificação para a sala de aula e os novos conhecimentos para os educandos.

Como Bibliotecário fui arrebatado pela Educação Ambiental a partir do Congresso Pró-Mar de Dentro, promovido pelo extinto Mestrado em Educação Ambiental – MEA.

Com a proposta de apresentar um artigo, para apreciação nesse evento, o professor convida uma turma de educandos para escrever um texto, sob o olhar de futuros bibliotecários sobre o meio ambiente, a natureza enfim.

Na época, surpreendidos pela proposta, parte do grupo apoiou a ideia. Outros declinaram da possibilidade em pensar e escrever o documento literário.

Esse momento é o balizador para a estreia na Educação Ambiental.

A partir desse marco começo a trilhar e conhecer mais sobre Educação Ambiental, perpassando pelo Mestrado (1998-2000) e pelo programa de Doutorado (2010-2012).

Penso que os caminhos me desconstruíram da pós-graduação na área egressa. Tanto a Biblioteconomia (áreas afins) e a própria ciência da informação não conseguiram despertar em mim uma vontade de “namoro”.

A Educação Ambiental flertou comigo e nos apaixonamos ao primeiro encontro. Dentre as linhas de pesquisa encontrei-me na Educação Ambiental não Formal – EANF.

Entendi que a qualidade de vida das pessoas é, também, uma responsabilidade pessoal. Os pesquisadores têm o compromisso em retorno para as comunidades que se “abrem” e permitem-se ser desveladas nas suas particularidades e segredos.

Educação Ambiental não Formal

Ementa:

Estuda as questões sócio-ecológico-ambientais nos campos não formais e informais da educação ambiental. Enfatiza a dimensão ético-estética, a diversidade e alteridade dos grupos sociais, as relações entre educação

ambiental, os gêneros, as gerações humanas em todas as suas idades, o desenvolvimento humano e sistêmico, a compreensão da interligação dos espaços ambientais da saúde coletiva e da qualidade de vida dos sujeitos e das instituições e organizações sociais. Visa o comprometimento dos pesquisadores envolvidos na restrição dos resultados dos trabalhos às comunidades investigadas (princípio e fins das pesquisas), assim como a participação de comunidades integradas nos processos decisórios do manejo de ecossistemas, preferentemente costeiros, em busca da construção coletiva de sociedades sustentáveis e utopias concretizáveis. (PPGEA, 2011)

A Educação Ambiental se descortinou em perspectivas para a minha vida e para o meu fazer cotidiano.

Por essa trilha, lá no Mestrado encontrei Marília (não a de Dirceu), mas Marília Andrade Toralles, hoje minha amiga. Clair Feijó da Fonseca – a artista da turma de 1998 usava lenços muito coloridos. Sempre. Sua Dissertação: “Arte e Educação Ambiental – Krajcberg: símbolo de denúncia e protesto contra a destruição da natureza”.

A colega Ana Maria Soares da Silva e o seu trabalho com as mulheres catadoras de materiais recicláveis, lá em Pelotas. Aprendi sobre lixo e pessoas.

Minas Gerais também estava nas salas de aulas, o colega Telson Emmanuel Ferreira Crespo trouxe suas contribuições sobre estudos para conservação da água. Experiências e experimentos desde lá de minas.

Descobrimos e fomos encontrados pela Estação Ecológica do Taim – EsEcTAIM.

Por vezes fazíamos inserção na/com a natureza. Muitas foram às saídas-de-campo para a Estação e para a casa da base.

Vivenciamos e experimentamos sensações naturais e humanas. Entre bromélias, barba de velho, gavião-caranguejeiro, cisnes do pescoço negro, samambaias do mato, a lagoa mirim e os seus bancos de areia, gastronomia, o conchero a beira do oceano atlântico, a colheita de flores e folhas – não eram aulas.

Toda essa alquimia era comandada pela grande Dama da Educação Ambiental, Judi (Maria Judith Zuzarte Cortesão). Uma mescla de ensinamentos de Idiomas, Ecologia, Medicina, Educação e Artes Visuais, Matemática, respeito, relações humanas, vida, vida e mais vida.

Não eram aulas. Uma imersão em um útero verde. De paredes verdes e de um imenso céu de constelações. Para cada nascimento um abraço. Nada de dor.

A natureza manda lembranças de saudades e goza de muita alegria por nós.

Uma mulher de todos os tempos, antes do tempo. Ela lembra-me Maude, a magnífica mulher madura que mostra a vida para o jovem Harold. Também aprende com o jovem. Duas mulheres de cinema.

O filme¹² “Ensina-me a Viver”: duas histórias de sucesso e vida, “Oficinas com Judi” - não está mais em cartaz. Só nas memórias.

A ideia de sequestrar uma árvore e depois transplantá-la é nada pra Judi.

Ela arranca pessoas de terras áridas e replanta à beira de riachos.

Aprendemos a aprender que toda investigação deve produzir saúde, prosperidade e paz para a humanidade.

A pesquisa no Mestrado, com a Dissertação: “O homem, a Educação Ambiental e a cultura do plantio da cebola” fez uma trilha de vidas pelo interior de São José do Norte, RS. Tratei das questões sócio-cultural-ambientais das comunidades plantadoras de cebola.

Nos caminhos encontrei homens e mulheres, e falamos de trabalho, cultura, saúde, perspectivas, escolhas e paz.

O retorno que ofereci a eles foi desde a gratidão pelo acolhimento, como também, um Seminário de dois dias que ocorreu junto ao Circulo Operário (22 e 23, junho, 2000) para apresentar a Dissertação e com atividades sobre manejo e adubação orgânica (EMATER, Rio Grande, RS) e sobre saúde rural comunitária (Grupo Terra Gente, Camaquã, RS).

A proposta de retornar aos pesquisados é oferecer algo que lhes poderá somar nas suas vidas, mesmo que em isoladas atitudes ou decisões. Esta é a minha maneira de fazer pesquisa-extensão.

O pilar extensão tem sido um estandarte que impunha, por bastante tempo, desde a estreia no magistério superior, minhas práticas em extensão são recorrentes.

¹² Comédia Dramática, de Colin Higgins e virou filme, em 1971, por Hal Ashby.

Essas atividades extensionistas estão relacionadas com a trajetória que se apresentou, a partir do meu ingresso na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Iniciando pela função de Diretor da Unidade de Ação Comunitária, Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis, Superintendente de Extensão, Coordenador na Comissão do Processo Vestibular e Coordenador da Comissão do Curso de Biblioteconomia, por várias vezes. Sempre tenho orientação de projetos de extensão na sala de aula.

Nesse espírito, retornar ao lugar e aos pesquisados é o que se pretende na pós-pesquisa dessa Tese. A proposta posterior às formalidades necessárias que é a apresentação e defesa desse trabalho para banca julgadora é levar aos cinco catadores de papelão o que revelaram ser EA, antes e depois de ler Reigota. Representar suas falas, mesmo que não identificadas. Em local definido com os pesquisados.

Para compor essa Tese, corroborar na escrita desse trabalho, buscou-se pressupostos em colegas pesquisadores-educadores ambientais.

Por indicação do orientador, iniciou-se a pesquisa pela leitura de vários trabalhos de Dissertações e Teses em Educação Ambiental.

Prazerosamente, desfolhei li e absorvi muitos trabalhos.

Torneio-os muito importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa. Embora os trabalhos não tratassem da nossa temática de pesquisa, mesmo assim garimpei. Garimpei em cada um deles.

Revi seus autores, suas alegrias e sabores, suas dores e risos, seus peixes, suas angústias e surpresas, suas expectativas e gentes. Preciso transcender o real.

Quero pensar que alguém lá em cima cuida de mim.



Fotografia 2 - Fotografia de uma pipa, na Praia do Cassino, em Rio Grande, no Rio Grande do Sul do BRASIL.

Fonte: Produção do próprio Autor ¹³

Posso afirmar que o meu referencial teórico também se constituiu a partir dessas leituras. Em autores ainda não reconhecidos com o Nobel de literatura, porém nobres em escrever sobre humanidade. Nessa trajetória tive o privilégio de ler sonhos. Experimentar outras vidas. Entrar e sair de outros lugares. Todos diferentes. Parecidos e iguais àqueles que pensava conhecer ou não.

Durante essas andanças, fui pescador de ilusões. Sonhos e esperança. Fui pescador de peixes, principalmente, quando os meus ouvidos leram a Dissertação da Carolzinha. Caroline Terra de Oliveira (2008), com o Título “Pescadores de sonhos e esperanças: experiências em E AI com trabalhadores da Associação de Pescadores Artesanais da Vila São Miguel – Rio Grande/RS” (2008).

¹³ Fotografia de uma pipa, na Praia do Cassino, Rio Grande, RS. Confesso que na época o que me chamou a atenção foi o contraste das cores, com o azul de temporal. A liberdade da Diversidade voa em sete cores. Estou no ar. Tenho asas.

A minha origem de “ser Pessoa” começa lá na beira da Laguna dos Patos, no Cocuruto¹⁴, e lá vivi e assisti histórias de pescadores.

Incluindo-se aquelas que os pescadores deixaram de contar – e RECONTARAM com outros muitos detalhes.

Essas histórias, algumas não contadas estão presentes na Dissertação da Alice Fogaça Monteiro, sob o Título: “As histórias que os pescadores não contaram: construindo sonhos e narrativas através das vivências do Grupo de Artesãos da Barra” (2008).

Tudo é poesia. Tudo é uma viagem, que vem de algum lugar e o que menos importa é para onde estamos seguindo.

Seguir é mais que preciso.

A viagem é só um pretexto para que nos deixemos viver um pouco mais. Mentir para o tempo. Enganar o marcador do tempo e do lugar.

Nesse sentido encontro com Daniel Moraes Botelho e a sua Dissertação “A EA como perspectiva para outra viagem: revisando os passos do guia – educador com viajantes na Costa Doce/RS” (2007).

Percebi que estou viajando desde que sai do meu lugar, para muitos outros lugares.

Andando por aqui, por aí, conhecendo gentes. Provando sabores. Degustando perfumes. Hoje estou reconhecendo-me um educador em viagens. E quando pensava já ter encontrado o “pote de ouro na ponta do Arco-Íris”, uma surpresa estava por vir.

A Dissertação de uma sonhadora. Flavinha, Flávia Luce Maisonave (2010), com o Título “De imagens e sonhos, uma micro-intervenção de EA estético onírica no Asylo de Pobres, Rio Grande, RS” (2010) encontrei a possibilidade de sonhar mais sonhos.

O trabalho da Flavinha chegou e revelou que todas as minhas imagens, daquele tempo passado são intervenções entre o sonho e o não sonhar. Compreendi que para poder responder a todos os dissabores que a vida possa nos apresentar, os sonhos podem ser antídoto para a dor.

¹⁴ 2º Distrito do Município de São José do Norte, RS.

Entendi que sonhar é está acordado. Dormindo. Sentado a beira de um caminho, na terra, no céu: dos sonhos para as imagens.

As compreensões desse trabalho, modestamente, têm efeito estético. Cientificamente, brinca com o olhar de quem lê.

As imagens do porvir como uma doce lembrança daqueles tantos sonhos sonhados, em tantos lugares. Na Laguna dos Patos. No Presídio. Nas gaiolas dos Passarinhos. Na prainha do Cocuruto. Nas casas e na ausência delas - no Asylo. Em nós.

Um quase pescador professor e pesquisador acendia no meu coração uma centelha¹⁵ de luz de pesquisa. Uma Luz de lampião acendeu um prazer em mim. Um arrepiar na nuca, um deslizar de gozo pela coluna anunciava orgasmos de pesquisa.

Sou assim mesmo. Visceral¹⁶. Intenso naquilo que me proponho fazer. Integro. Entrego-me.

Para alimentar a minha vontade de pesquisar sobre o tema lixo, ocorreu um encontro bastante interessante que chamei de meu indicador de rumo¹⁷. Poderia ter chamado de meu norte, mas não o fiz.

Nesse diálogo, um catador de materiais recicláveis, no centro da Cidade do Rio Grande, RS fez o seguinte relato, sobre o seu trabalho informal, e que atualmente sustenta a sua família.

Ele disse:

“Eu já trabalhei noutra serviço antes, tive um bom salário, fazia os ranchos no supermercado, tinha prestação de carnê em loja, uma vida boa mesmo e sempre tivemos cuidado com aquilo que a gente botava fora, lixo é emprego, todo mundo sabe um pouco de meio ambiente, de natureza.

Saber bem de educação ambiental eu não sei muito. Sei que o cara tem que ter cuidado com o que vai bota fora como lixo, por que as vezes não é só lixo pode ser onde outros vão trabalha e come dali.

Eu graças a Deus não vivo virando lixeira, isso é muito, o senhor deve vê muito isso aqui no centro né?

Quando eu precisei ser catador, eu comecei com as latinha, uma ilusão isso, por que quem ganha mesmo é a coca-cola, a gente se mata ajuntando uma quantidade enorme e eles pagam uma miséria pelo alumínio, um colega da minha filha disse pra ela e ele me disse que essas história de reciclagem do alumínio não é bem assim como tão falando na televisão, eu

¹⁵ Esta Centelha vai aparecer em outro momento, em outra página. Lá vai ser luz. Incêndio de claridade.

¹⁶ Essa palavra que me aproprio agora é presente do Augusto Amaral – amado teatrólogo e quase doutor em Educação Ambiental – seguidor e apaixonado pela vida, viva.

¹⁷ Grifo do autor.

acredito mesmo, se tivesse uma preocupação, uma preocupação séria de recicla mesmo todos os alumínios usado.

Pra mim posso dizer que as coisa foram boas quando precisei trabalha com as sobras.

Um dia táva perto da loja (nome) e meio por acaso assim, os caras que tavam descarregando.

Hoje aí na rua eu so mais conhecido por Marisa¹⁸ e gosto disso, acho que se não fosse por essa loja eu tava catando latinha até hoje, ou já tinha desanimado, por que não é fácil cata latinha, às vezes a gente fica em cima da pessoa esperando que ela tome pra gente pega a latinha é uma disputa.

Tem vez que a gente vê as pessoas dentro das lixeiras, e é muito comum quando botam os filhos (as) pequenos dentro da lixeira pra ser mais rápido, eu acho muito triste faze isto com a criança. (CARLOS DUARTE FEIJÓ¹⁹, 2011 – catador de papelão, entrevista transcrita).

A bússola humana ensinou ao professor que na viagem, no interiro dos transportes, seja qual for é preciso respeitar os demais viajantes. Se não ouvir. Se não falar. Nunca saberemos com quem estávamos viajando – todo esse tempo.

Conhecer a comunidade, eleger o universo humano de respondentes a questão de pesquisa foi à primeira etapa de todo esse trabalho de investigação científica. Para a construção da Tese de Doutorado em Educação Ambiental, no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, FURG, por várias vezes – levantou-se do lugar confortável e olhamos pela janela.

Depois de conhecer, ouvir e escutar percebeu que muitas outras perguntas se faziam presente.

Uma inquietação marcava o início de um pesquisador. Uma vontade de investigar, de procurar saber mais, de ouvir mais vozes, outros pensamentos, conhecer outras pessoas que também fossem viajantes na temática Lixo. Alimentava-se a inquietação do pesquisador. Até o final do trabalho de investigação.

A dúvida perguntava: Será que pensavam o mesmo que aquele senhor? E como comercializavam seus materiais? Como transportavam, tinha condução também?

Todos os “e” e “se” foram fio condutor para começar a tecer o pano de trabalho para esta investigação científica e humana.

¹⁸ Loja Marisa, localizada na Rua Marechal Floriano Peixoto, com saída para a Rua General Bacular (Calçadão), centro do Rio Grande, RS. A referida loja disponibiliza todo o seu material – Papelão para esse catador.

¹⁹ O Indicador de Rumo, na forma mais humanitária, mais gente – a Pessoa de um Catador de materiais recicláveis.

Estava encharcado de vontade de pesquisar.

Propositei alguns outros encontros, com pessoas que verifiquei selecionavam papelão pelo centro da Cidade do Rio Grande, RS.

Conversei pessoalmente com cada um. E um de cada vez.

Nos dias que seguiram identifiquei nove (09) trabalhadores, específicos em coletar papelão. Desses, somente cinco (05) disseram dominar a leitura e ser eventual leitor. O de menor grau de instrução, disse ter concluído a sexta-série (6ª série) do ensino fundamental.

Também constatei, pelos próprios catadores de papelão, que alguns vêm para o centro da cidade, somente após as dezoito horas. Disseram que aguardam a liberação das lojas, pois elas têm horários específicos para a retirada do papelão.

Para dois (02) desses trabalhadores, a coleta do papelão acontece diretamente na loja, eles nem fazem coleta nos repositórios de lixo. São quase que exclusivos dessas lojas. Um deles tem uma Kombi, o que facilita o transporte.

Desse grupo, quatro (04) têm carroças. Chamou a atenção um aspecto muito social e solidário entre esse grupo. Dois (02) utilizam a mesma carroça, mas o que é mais interessante é que os cuidados com o cavalo, desde alimentação do animal até reparos e benfeitorias na carroça e para o cavalo são divididos pelos dois colegas, que são de bairros distintos.

Continuo aprendendo.

Dentre esses nove (09) catadores de papelão elegemos cinco (05) pessoas convidadas a participar da pesquisa, como respondentes à questão eixo desse trabalho “O que é Educação Ambiental”.

Para estabelecer um laço de comprometimento entre as partes, buscou-se apresentar com muita clareza, o objetivo desse trabalho de pesquisa. Demonstrou-se quão importante e relevante são as suas falas.

Destacou-se qual e quão grande é a contribuição que os seus discursos, sobre Educação Ambiental poderão trazer e constituir novas fontes para outras pesquisas.

No encontro com os cinco (05) catadores de papelão, agora pessoas para a pesquisa, que aconteceu no entorno da Praça Xavier Ferreira, centro da Cidade do Rio Grande, RS, o professor que é pesquisador fez uma apresentação pessoal. Com simplicidade, afetividade e com muita proximidade dos convidados à pesquisa estabeleceu relações de convivência.

Também comentou sobre o livro *O que é Educação Ambiental?* edição (2009) e sobre o autor da obra, professor e pesquisador Marcos Reigota.

O autor do livro tem rosto. É uma pessoa. Em outro momento vai ser fotografia, para ser enxergado pelos catadores de papelão.

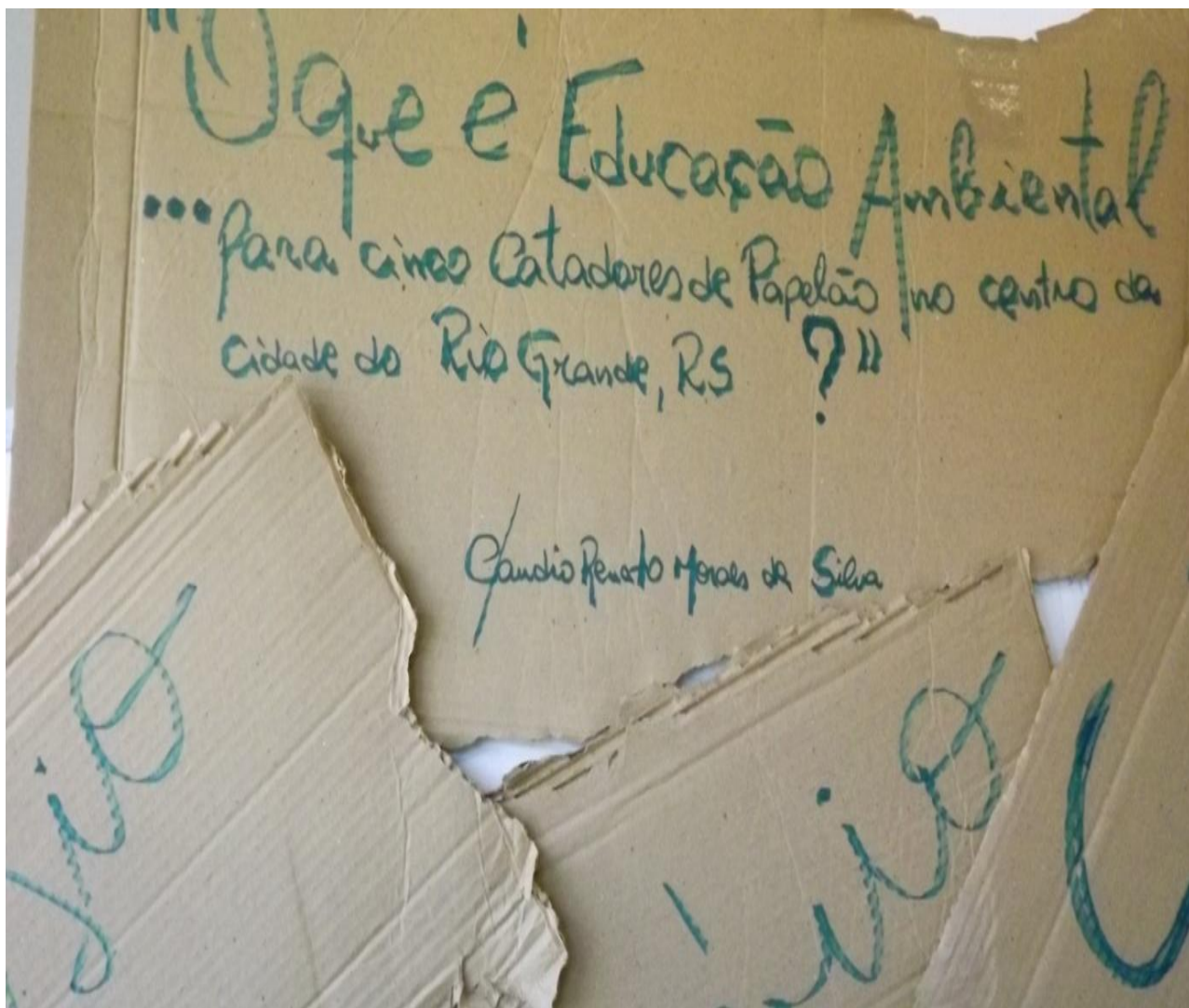
Entende-se que dessa maneira, podem-se aproximar todos os envolvidos na pesquisa. Isso é condicional para caminhar pela/na pesquisa.

Desde o centro aos bairros, de Sorocaba, SP até Rio Grande, RS, nas casas, pelas ruas até o Cocuruto.

O Ambiental. O humano. Os lugares. Tudo se mistura. Tudo está contido em todos os conjuntos. O conjunto é universal.

Nasce a pesquisa.

Aquela centelha que brilhou, lá na página trinta e sete (37), agora incendeia de vida o papelão. É fogo de pesquisa. É fogo que forja e faz nascer um pesquisador.



1.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

O presente projeto de doutorado exigiu, além do levantamento, de fichamento e da reflexão sobre a bibliografia, o trabalho de campo baseado no diálogo e em entrevistas gravadas com pessoas.

Nessa perspectiva, os primeiros contatos com as pessoas²⁰, que se dispusera a participar da pesquisa, ocorreram no segundo semestre do ano de 2010.

São trabalhadores informais, catadores de materiais como papelões, latinhas de alumínio, plásticos, vidros, papel, entre outros, passíveis de reciclagem. Tais

²⁰ Optou-se pela não utilização do termo "sujeito", para identificar os participantes. Decidiu-se tratar tais interlocutores por "pessoas", termo mais revelador e adequado aos propósitos da pesquisa.

materiais são recolhidos do lixo público, acessível a eles por estarem dispostos pelas ruas da cidade em coletores plásticos, disponibilizados pela Secretaria de Serviços Urbanos – SMU, da Prefeitura do Município de Rio Grande, RS.

Após esse primeiro contato, a partir de março de 2011, outros encontros ocorreram. Pessoas que juntavam material das lixeiras, de forma ainda casual.

As conversas aconteceram de maneira amistosa e descomprometida.

Nessas ocasiões, pontuadas pela espontaneidade, perguntou-se de um modo abrangente: “O que é Educação Ambiental, para quem é catador de material para reciclagem?”

A resposta ao questionamento constituiu o marco para definir a questão da presente pesquisa, pois revelaram uma inquietude e perplexidade no discurso dos trabalhadores, catadores de lixo que laboram no centro da cidade do Rio Grande.

Os encontros, datados do mês de março, ocorreram nas ruas²¹, em períodos diurnos e matutinos, em dias úteis durante a semana e, pela tarde, aos sábados. A confiança estabelecida entre professor-pesquisador e pesquisados conduziu ao lar de algumas dessas pessoas.

Os diálogos iniciais se ativeram ao conhecimento e experiência dos entrevistados, sem nenhuma articulação de cunho teórico. Tal abordagem, embora tenha sido feita sem nenhum recurso de áudio ou vídeo, permitiu aos entrevistados dar vazão às suas angústias e expectativas relativas ao que seja Educação Ambiental, ou seja, oportunizou-se a construção por meio da fala das pessoas que comporão o cenário da pesquisa, do primeiro perfil humano.

Percebeu-se a existência de bagagem conceitual acerca da Educação Ambiental, desenhada com elementos da experiência de vida, do senso comum compartilhado, o qual, em última análise, é fruto da experiência dividida com os outros cotidianamente.

Os contatos iniciais permitiram uma abertura que se materializa na recíproca proximidade e confiança entre pesquisador e pesquisados, imprescindíveis à

²¹Ressalte-se que as ruas constituem o ambiente de trabalho de quem efetua as coletas de lixo, de modo que as entrevistas ocorreram, muitas vezes, próximas aos veículos de transporte do material (carroças, Kombi, carrinhos adaptados etc.), bem como na praça, quando aguardavam os horários para recolher mais materiais.

realização de um trabalho de pesquisa.

Trata-se de um grupo de cinco pessoas (05), atuante por mais de dez anos, que concentra suas atividades cotidianas no centro da cidade, na coleta de lixo, sobretudo de papelão.

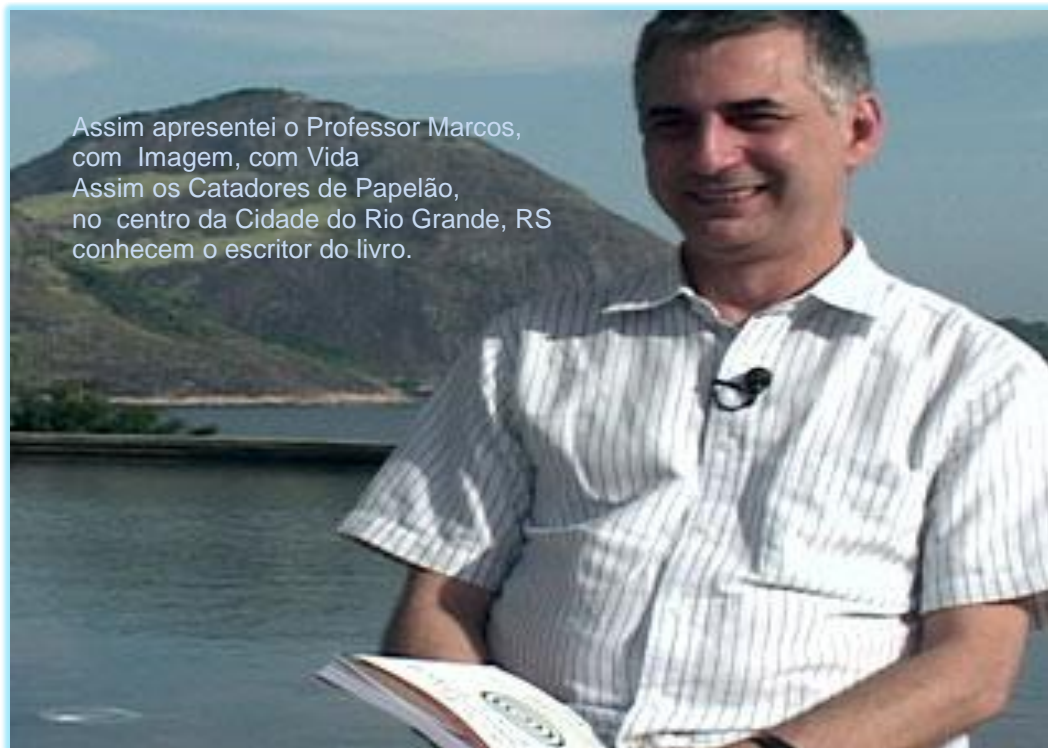
Todos os componentes do grupo são alfabetizados, além disso, demonstraram disposição e disponibilidade para a participação no projeto.

Com a convivência e o envolvimento cada vez maiores com os pesquisados, foi possível identificar traços de organização no trabalho, como por exemplo, a utilização regular de um meio de transporte para o material, obediência a horários definidos pelo grupo e locais específicos para coletar seus materiais.

Esse contexto preliminar oferece a possibilidade de estabelecer canais de comunicação com os pesquisados, a fim de que se possa construir o corpo teórico da pesquisa, cuja questão primordial é O que é Educação Ambiental, para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS.

Nos encontros, foi apresentada, de maneira informativa, a obra O que é Educação Ambiental, de Marcos Reigota. Com a preocupação de humanizar o encontro com o autor, também ofereceu informações sobre o autor²².

²² De maneira não científica, não metodologicamente consagrada apresentou-se o Professor Marcos, da maneira a seguir, na próxima página.



Fotografia 3 - Marcos Reigota – o escritor

Fonte: Programa Salto para o Futuro que integra a grade da TV Escola (canal do Ministério da Educação).Entrevista em 15.05.2009.

Eu sugiro nas práticas de educação ambiental que trabalham com imagens pegarem essas imagens que são tão corriqueiras, tão cotidianas e desconstruí-las num discurso, recortá-las, refazê-las, reconstruir em grupo, ou individualmente, as nossas próprias imagens sobre o meio ambiente. Eu acho que essa pode ser uma prática de educação ambiental e, pelo que eu tenho visto com os colegas que trabalham assim, são experiências muito interessantes, quando os próprios sujeitos constroem imagens sobre o meio ambiente e não apenas reproduzem aquelas imagens que são as mais comuns, as mais evidenciadas pelos meios de comunicação. (REIGOTA, 14.05.2009)

O autor passa a ser tratado, intimamente, como “Professor Marcos”, assim aconteceu à proximidade do autor da obra com os leitores do livro.

A obra *O que é Educação Ambiental?* É instrumento de intervenção para sustentar a discussão, que ainda está *in natura*. Nesse sentido, a leitura do livro coloca-se como fio condutor da investigação, sendo o marco referencial para responder a questão de pesquisa: O que é Educação Ambiental para os cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS?

Feita esta apresentação, que se cinge ao objeto e objetivo da pesquisa e os convidados aceitaram participar de todo o processo. Todos foram informados sobre o método de coleta de informações, esclarecidos de que não haverá retorno material.

A gratificação pela participação, além do acréscimo científico, somente poderá advir da proposta de se verem no seu fazer diário, com uma resignificação das suas atividades e outra representação de trabalho e vida.



1.2 A QUESTÃO DE PESQUISA É O PRÓPRIO O TÍTULO DESSA TESE:

O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS.

1.3 JUSTIFICATIVA

Por que pesquisar, investigar *in loco*, entrevistar ou colher falas comuns na multidão? Para que fora possível elaborar uma produção, muito mais que científica, metódica, metodológica, uma produção fundamentada no cotidiano do humano pelo humano, na visão de quem se vê inserido no contexto social de um trabalho que, relegado à margem do “status social”, seleta o lixo que a humanidade produz – os catadores e selecionadores de lixo.

Esses seres tão ou mais humanos, de pouca instrução escolar e parcas condições de sobrevivência, desempregados, com ou sem profissões definidas, mas que, dado a busca constante da manutenção de sua dignidade, desempenham, efetuar no seu “*affaire*” cotidiano o cuidado com a cidade, contribuindo, assim, para a profilaxia do planeta.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

- Perceber, por meio dos diálogos, entrevistas e imagens, como os pesquisados – cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS, compreendem o que é Educação Ambiental.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Recolher as falas dos pesquisados, dimensionar e apresentar quão significativas são as compreensões de Educação Ambiental, a partir da janela cotidiana que veem o mundo,
- Recolher e apresentar O que é Educação Ambiental, para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS, a partir da intervenção pela obra de Marcos Reigota.

Os objetivos específicos são instrumentos para trânsito na questão da pesquisa. São responsáveis pelo ir e vir nas percepções que tem acerca do que é Educação Ambiental nos seus cotidianos, levando-se em conta as atividades que desempenham na natureza e com o lixo.

A leitura apresenta-se como instrumento metodológico de intervenção.

1.5 METODOLOGIA

O método de Intervenção será sob a forma de um presente. Isso mesmo. Um presentinho, em um embrulho de papel bonito, com fita e tudo, no qual está a obra do professor Reigota “O que é Educação Ambiental?”

Mais que o presente, a as imagens que têm e as que irão se construir, pelo trabalho oral que pressupõe o encontro entre interlocutores e a valorização do embate oral de ideias, assim costura-se essa investigação. Pela qualificação e trajetória do orientador, pela natureza do pesquisador, a imagem é o timão nessa viagem.

Conhecer a si mesmo. Conhecer a conhecer, essência dessa investigação. Investiga-se para saber compreender.

Desconstitui-se para fazer-se de novo.

O ser que trabalhamos, conversamos e ouvimos são pessoas. Seres plenos. Inquestionáveis são as suas verdades. Representá-las e desenhar.

Desenhar imagens, desde a lente da câmera do professor-pesquisador, até as ruas, os containers de lixo, o lixo – os catadores de lixo.

Desvelamos rótulos. Caminhamos até os pesquisados.

Nossa metodologia. Impregnada de imagens. Produção de palavras, respiração e textos. Uma produção científica, no campo da ciência.

No caso da presente pesquisa, o que baliza o modo de fazer está debruçada na ementa da Disciplina Ecologia Onírica, proposta e desenvolvida pelo Professor Victor Hugo Guimarães Rodrigues, a saber:

Ementa: Conceito e a importância da ecologia onírica. Conceitos de realidade. Realidade virtual e potencial. Morada dos sonhos. Os quatro elementos imaginários. Metamorfoses do lixo. Doença como saúde. Massificação das imagens e o universo imaginário. Sociedade improdutiva e as razões do ócio criativo. Importância do trabalho onírico na transformação do homem em sonhador. Emergente paradigma onírico e a ruptura da relação sujeito-objeto na pesquisa. Conceitos de vida. Vida imaginária. Educação Ético-estética onírica. Experiências imaginárias utópicas concretas na pesquisa dos sonhadores. Formação, o autoconhecimento e o comprometimento dos pesquisadores nos espaços formais de educação integral. (RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães, EMENTA Disciplina Ecologia Onírica, 2011).

A Ecologia Onírica tem como base a Educação Ética, Estética e Ambiental, por intermédio de experiências que nos façam perceber o direito que temos de sonhar e sermos e estarmos a todos os instantes muito Felizes.

A disciplina é presente no professor-pesquisador.

O primeiro encontro ocorreu na sala de aula do PPGEA, uma apresentação da proposta e um convite a ser muito, mas muito Feliz.

As crianças que éramos voltaram para nos ver. Festejamos seus aniversários de quatro anos – os nossos, de cada um. Lembramos-nos dos doces, do bolo, das bebidas da época.

Hoje temos bem mais de trinta ou quarenta anos. O meu presente, inesquecível nos meus quatro anos foi o nascimento da minha irmã Claudia, no mesmo dia sete de dezembro. Na sala de aula, comemorei duplamente.

Bachelard nos diz:

“Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história e da lenda”.(BACHELARD, 1988, p.85).

“Preparem o Café da Manhã para alguém que vocês gostam”.

Lá em casa, preparei uma linda mesa de Café da Manhã: café passado na hora, torradas na torradeira, geleia de pêssegos, queijo branco, sucos, granolas e frutas. Tenho uma toalha que trouxe dos Açores, Portugal, branca e amarela estava cobrindo a mesa. Foi uma proposta pelo Professor. É ementa da disciplina. Foi uma proposta, minha também.

Lá em casa funcionou.

Muitas foram às metodologias, todas impregnadas de sabedoria, cientificidade e prazer, sem sofrimentos.

Aula no Mercado Público, na Pastelaria da Tia Lúcia – tia de todos. Uma professora na arte de fazer e servir o pastel de camarão, marmelada ou muitos queijos.

A Educação Ambiental acontecendo em nós, nos modificando, sem levantar nenhuma suspeita de apoderação – de nós.

Ainda, nessa vasta e infinita metodologia de/para a vida, os aprendentes redescobrem que o bem é supremo.

É divino sobre todas as más ações que sofremos ou causemos.

“Se o homem não tiver receio de cometer más ações, se não sentir vergonha de praticar atos impuros, nem pena de fazer os outros sofrerem, esse homem já perdeu o valor como ser humano. Por mais que fale de teorias excelentes e se orgulhe de ter instrução, somente isso não lhe confere valor de ser humano.”(MOKITI OKADA, 14 de maio de 1949).

A metodologia não é fechada. Não é exata. O transito pela pesquisa é um constante descobrir. São imagens que constrói textos – Fenomenologia das Imagens, mais uma contribuição de Gaston Bachelard.

Sob o pano da poesia e do espaço, a confluência de informações define como

tratá-los metodologicamente. Nesse momento, somente um colher de leituras, falas, sentimentos, metodologias.

A forma vai representar como os catadores lidam com o modo que compreendem e fazem Educação Ambiental.

As maneiras como os pesquisados se colocam sob a perspectiva do antes e depois de ler a obra O que é Educação Ambiental.

Autoconhecimento e comprometimento com as suas culturas, modos de ser e realizar seus trabalhos de catadores.

Nesse caminho, pela estrada de ferro, sobre os dormentes lá do rincão, pergunto-me:

- Os meus convidados para a pesquisa absorverão uma nova cultura?
- De fato ocorre alguma intervenção cultural nas suas falas e práticas de trabalho?

Não sei. Ainda não sei. É tudo somente imagem. A pesquisa é uma fotografia daquele momento. Porém importante é o que causemos em nós mesmos. O quanto absorvemos do Outro.

Assim é a Educação Ambiental, um pouco de cada um, cuidando do outro. Entende-se que assim, outras questões surgirão para a análise. Talvez mais humanamente interessantes. Mais desafiadoras. Desinteressantes para a ciência.

Mas isso não importa. Os catadores de lixo resignificaram o lixo.

Reciclaram preconceitos.

Já desde os primeiros encontros, evidenciou-se que a Intervenção permitirá aos pesquisados a ampliação de perspectivas, inclusive o leque de suas reivindicações sociais.



Fotografia 4 - Porta de entrada para o COCURUTO – Segundo Distrito de São José do Norte, RS, BRASIL

Fonte: Produção do próprio Autor 03²³

1.6 POR QUE A GENTE NÃO BOTA O NOME DELE DE RENATO. CONSTITUINDO-ME PESSOA HUMANA.

Lá em São José do Norte, corria o ano de 1964, no mês de dezembro, nos dias que antecederam o dia sete. Sol e prenúncio de verão no ar.

Uma mulher, com uma barriga de grávida já carregava uma criança por certos nove meses. Ela tinha vindo do seu lugar chamado Cocuruto, um distrito da

²³ Estou de volta. Chegando à Mui Heróica Villa (Título dado pelo Imperador Dom Pedro II, por ocasião de sua visita – reconhece a Villa como uma resistência na Revolução Farroupilha), ainda são alguns quilômetros até o meu Cocuruto.

metrópole São José do Norte. A mulher buscava se acercar de todos os recursos, pois um primeiro filho iria ter.

A parteira Rosabela era a segurança da maioria daquelas que já pariram.

Isso era um conforto.

Para a criança ainda não havia um nome escolhido. Somente muitas especulações, de todos e de qualquer um.

Contaram pra mim, que certo “seu Firmino”, com relação à escolha do nome disse: “Por que não bota o nome dele de Renato, além de homenagear o apelido do pai é um nome bom, não é tão corriqueiro?” (dezembro, 1964).

Não tem estrela que aponta. Que indica o caminho.

Precisa-se de um mapa.



Fotografia 5 - Tem o BRASIL né? Então, nesse país tem um estado que é dos gaúchos – se fala Tchê! Pois bem, mais embaixo da capital que é Porto Alegre, margeando pela Laguna dos Patos a gente avista a “Mui Heróica Villa”²⁴ - é **São José do Norte**.

Fonte: Googlemaps

²⁴ Em 31 de março de 1983, a Vila de São José do Norte é elevada à categoria de cidade. Em 31 de julho de 1841, devido à resistência de São José do Norte à Guerra dos Farrapos, recebeu o título de Mui Heróica Vila, título este agraciado por D. Pedro II.
Fonte: www.riograndeemfotos.fot.br

O nome do professor-pesquisador é Claudio Renato Moraes da Silva.

O nascimento foi um evento para as famílias Marques & de Moraes e Floriano & da Silva.

Minha avó me contava, e nem me interessa se verdade ou não, que:

“Na véspera do teu dia de nascer, desde a manhã até tarde da noite, muitos familiares vinham do interior do “Norte” pra esperar a criança. Um porco grande já havia sido preparado, dividido ao meio, pendurado no galpão, e as mulheres preparavam temperos para a feitura de quitutes. Os parentes vinham de fora e na frente da casa ficavam os cavalos amarrados e as carroças “empinadas”, mais de duas, mostravam quão importante era a família e a espera da criança. Eu fui com a tua mãe dormir na Rosabela, na casa da parteira”. (Iracema – a avó, por muitos anos).

Quando ela contava isso eu me sentia como um reizinho, esperado e importante. E Ela sempre contava isso.

Ela não veio aqui hoje. Ela não pode contar isso aqui, hoje.

Ela está cuidando de outras barrigas. Abraçando outras mães.

Outros netos dormem no colo dela. Um colo confortável de vó.

O professor-pesquisador nasce com seu berço alicerçado na pesca artesanal e abraçado pela avó que já o amava – antes da primeira luz de lampião.

A origem dos primeiros recursos, que vão subsidiar a sua “estreia na vida”, advém de uma boa safra de peixes e camarões.

O pescador espera pelo milagre da água salgar e os pescados descer, sem timidez alguma. Isso por que a água salgada precisa descer do Oceano e salgar a Laguna dos Patos.

O parto aconteceu na cidade. A compra do berço foi dádiva da generosa agora.

Um dos primeiros cenários de vivência e aconteceu no lugar denominado Cocuruto, distante, aproximadamente, 20 km de São José do Norte.

A presente história constituiu-me como um animalzinho mamífero, bípede, de atitudes inteligentes e ignorantes. Uma pessoa, às vezes humana, outras vezes com potencialidades pra não ser. Estou nascido.

Entrei nesse cenário novo, que não é mais meu oceano particular, mas florestas, concretos, asfalto, dinheiro, ração, dentes, dor, tudo é novo e é onde me encontro para fazer valer. Pelo menos tentar valer a viagem.

Essa minha história, embora assistida e vivida por mim, não é somente minha propriedade. Parentes, conhecidos e pessoas que nunca saberei ou lembrarei seus nomes, também são potenciais escritores das minhas vidas.

Como é bem comum, algumas passagens dessa minha vida são mais presentes. Algumas outras parecem estar mergulhadas naquele lugar, tão longe e tão feliz que eu nem quero trazê-las para a superfície.

Um personagem que hoje é importante, entre todas as peças que contam essa minha regata²⁵ é o meu pai.

Meu pai fazia parte de uma parelha²⁶ de pesca amadora, formado por um grupo de amigos, lá no Cocuruto.

As lembranças me confirmam que era muito comum o filho dizer que continuaria a profissão do pai, o que comumente acontecia. Isso com muito orgulho, preferencialmente no mesmo barco que o pai pesca.

Para traçar as nossas identidades, naquela época, bastaria que se perguntassem: - quem quer sair daqui?

A resposta seria quase a mesma: - “aqui é o melhor lugar pra se viver.”

Ou se perguntassem: - o que vocês vão ser quando crescer?

A resposta seria única: -

“pescador igual meu pai.”

Identificar e representar as relações sociais dos homens do mar e seus filhos era uma paisagem constante, transparente e forte. Os homens, envelhecidos pelo sol e mar, pela dura vida de pescador, mas ternos.

²⁵ Resgata no sentido figurado, para entender que o pesquisador utiliza-se da representação do seu elemento mais presente em sua vida – o mar, a Laguna dos Patos, limite do quintal da casa dos pais, na localidade do Cocuruto.

²⁶ Organização social e representação local dos pescadores artesanais lotados naquela unidade de pesca. Organismo de pesca onde um proprietário é o detentor do capital mobiliário e consumo. Para entender, significa que o patrão da unidade Parelha é o responsável por empregar pescadores artesanais e oferecer toda a infra-estrutura para pesca, como barcos (botes, caícos, canoas), combustível, as redes e tudo que necessário para o trabalho de pescaria.

A grande maioria deles abraçava e beijava seus filhos. Um beijo de boa sorte na pesca. Um beijo de felicidade por mais um dia de encontros. Um beijo para a vida toda.

Como é bom sentir o rosto do pai no rosto do filho. Toda aquela aspereza da face endurecida, barba por fazer, sulcos bem marcados, dizendo que o tempo passou naquele rosto, mas acima de tudo, quando ele beija, uma mágica acontece, e tudo que a gente passa a ter é a benção que sai da boca daquele pai e se instala naquele filho.

O meu pai, agora e aqui nesse tempo é pescador.

O bote do meu pai tinha o nome de “Diamante”.

Na época, lá nos meus anos que fui guri, não entendia e tão pouco me perguntava o significado do nome do bote do meu pai. Porém, a bem poucos anos, quando o tempo passou por mim, percebi, senti e a imagem que vejo não é do barco do pescador, mas o pescador do barco.

O Diamante é o meu pai.

Lá onde morávamos, bem em frente a nossa casa estava o campo de futebol que têm o nome do time o nome do lugar, Sporte Clube Cocuruto.

Umás graminhas verdes, convidativas ao esporte desafiavam a gurizada. Uma vez por mês, fazíamos a marcação do campo, com a cal delimitando as áreas pequenas e grande área, as laterais, meio de campo e batedores de pênalti.

Tudo isso para os campeonatos, ditos oficiais, entre grupos de pesca, as parselhas, que faziam parte do cenário naquela época.

Todos os dias uma “peladinha” depois que os barcos chegavam do mar.

Minhas lembranças me levam a percorrer por lugares, emoções e Gentes, e com esse caminho de volta posso sentir-me ainda mais humanamente ecológico.

Encontro-me na casa dos meus sete ou oito anos e uma atividade que a gurizada dessas idades fazia, movidos pela aventura e disputa de habilidades era caçar vagalumes em copos e tampar a borda com a mão, proporcionando um espetáculo de luz e ao mesmo tempo sofrimento.

Penso que o vagalume, que é luz, certamente também pensava: - “por que

aqueles guris são tão maus, se o divertido é a brincadeira de brincar de pegar, correr atrás de mim, dessa forma me estimulando a voos mais rasantes e um rastro maior e mais duradouro de luz”.

Esse deveria ter sido o meu pensamento naquela época, mas não foi assim. O pensamento desse inseto tão significativo também me constitui.

É mais uma fala que me permito ouvir. Diz o que pensa

Para tecer a malha que vai compor a Rede das minhas pescarias, convidei pessoas diversas, mas todas de muita importância nesse encontro comigo – em mim.

Uma fala, fala nas minhas lembranças. Irei identificá-la pelo pseudo Vagalume. As falas irão representar fios e linhas para a tessitura da Rede de relações e de vidas. Essa memória me diz:

“Lembro uma vez quando teve enchente aqui na vila, que pegou toda essa parte das parelhas, e a Dona Clara tinham os guris pequenos, já eram os quatro (Fabrício, Lino, Egon e o Carlos), eles são mais novos que tu né? Eu me lembro que eles eram bem pequenos e tu carregaste o Egon e o Lino no colo, os dois: tu magrinho, de pés descalço e com calça comprida com medo das sanguessugas, mas tu foste valente, ajudou a salvar aquelas crianças. A casa deles era bem do lado da barranca da ponte do coleginho. Lembras disso? Pra mim parece que to vendo o campo todo embaixo d’água e os botes que não tava bem atados nos calão mais grosso foram a pique. Os guris ali do Seu Calistro perderam o Cancioneiro que depois muito de tempo foi achado perto do Olegário²⁷, ti lembras lá na leitaria né? Eu não me lembro do teu pai naquele dia, tava prô Rio Grande ou no mar. Isso me fugiu. Mais a tua mãe sempre caridosa. Botô a família da Clara todinha dentro de casa.” (VAGALUME, 81anos)

Talvez isso não sejam coragem, nem desprendimento, generosidade ou bondade, mas a natureza de ser, que era e ficou em mim. Conversar com as pessoas, ouvir como me conhece e lembra-se de mim foi como se eu tivesse voltado naquele dia.

Meus pés sentiram toda aquela água, o medo das sanguessugas chegou até a minha espinha, e aquele mesmo arrepio me invadiu agora a pouco. Meus olhos viram aquela família e os meus braços abraçaram aquelas duas crianças. Tenho o

²⁷ Uma leiteria que ficava distante, aproximadamente, uns 5km de onde estavam amarrados os barcos. Olegário era o nome do senhor, proprietário.

peso deles em mim, e a responsabilidade por eles de levá-los seguros e secos pra minha casa. Isso tudo é o mais verdadeiro sentimento físico e sensível que me absorve agora, enquanto digito essa lembrança que é transcrita.

O momento e os ambientes escolhiam os entretenimentos, sempre obedecendo à natureza. Ouviam-se as suas diferentes vozes e, de acordo com as estações, a gurizada se atrevia a brincar.

As cheias e vazantes na Laguna dos Patos, praticamente o quintal da nossa casa, determinavam e nos educavam para os períodos que poderíamos brincar na prainha e os que deveríamos ficar dentro de casa.

Na beira da praia, também um ambiente para as brincadeiras de crianças, era um atelier a céu aberto.

Os adultos pescadores teciam esperanças, tramavam fios e vidas. Tinham os olhos sempre voltados para o mar, pescavam esperanças. Quando não havia safra de pesca, costuravam as suas Redes, puxavam as embarcações à terra e lavavam os cascos. Pintavam e renovavam letreiros e desenhos nos seus transportes de trabalho e lazer.

Nesses períodos em que as embarcações estavam para ser reparados de alguma avaria, causadas pelo uso, pelo mar e pela força do mar, pelas chuvas, o vento, o sol e o homem. Certamente, os grandes mestres da pintura eram viajantes por aquele lugar.

Sem material adequado, apenas pincéis comuns, tintas resistentes a água, sem uma palheta de cores, alguns analfabetos da escrita, outros desenhadores de letras. Conheci artistas mesmo. As telas eram as proas e popas dos barcos. Na maioria das vezes, pescadores comuns eram revelados artistas.

Com seus desenhos e brasões, às vezes, muitos eram estranhos para nós, pareciam que nada diziam, mas estavam impregnados de significados para seus barqueiros. O bote Diamante nunca mudava de nome. Trocavam as cores para melhor realçar. Mas sempre as mesmas, e o que sempre achava incrível é que a cor do diamante, da imponente pedra desenhada na altura da proa, nos dois lados externos, a qual representava o nome do bote, nunca mudava era sempre pintada de cor preta.

Hoje acho um pouco estranho, mas naquela época não me lembro de questionar sobre a cor. Eu via, enxergava a arte, sobretudo, às cores que detalhavam o bote, branco, azul, laranja e o diamante e o nome pintado em preto.

Ainda não falei do cara que comandava esse bote. Era um homem muito lindo, negro, um pouco alto, tinha o cabelo bem preto. Dizem que tenho os olhos da cor dos dele, um sorriso lindo, mas ele sorria pouco.

Por que nadava muito tinha os ombros bem largos.

Por várias vezes foi campeão pelo Sport Clube Cocuruto. Era armador veloz. Estava sempre no lugar certo. Certo pra marcar o gol.

Nesse tempo onde estou agora, lá na minha Tara²⁸ vou viver uma vida inteira. Um tempo que é curto. Não mais do que três anos. Tenho um pouco mais de seis ou sete anos. Ele²⁹ têm trinta e poucos anos, forte, muito forte e alto, muito admirado pelos colegas, um pouco por mim. Gostava de contar que uma vez quando estavam pescando em mar aberto, em pleno Oceano Atlântico, em um barco atuneiro³⁰, uma Rede enroscou na hélice do barco. Pulou na água. Mergulhou e retirou a Rede que estava presa.

Quando emergiu, todos os colegas batiam palmas e o mestre apertava a buzina do barco a todo som.

Pra mim não importa quantas vezes eu ouvi essa história, sei que sempre gostei de lembrar para nunca esquecer.

Eu não sei quem escreveu o que vou transcrever, mas é importante para mim, por isso preciso compartilhar e talvez esse texto, também seja um pouco daquilo que falta em mim. Li algo assim:

“minta pra mim e eu prometo acreditar na mentira, mas, por favor, não me deixe sem a tua voz.”

Se ainda hoje ele me falasse mentiras, eu creia Nele.

Esses silêncios me constituíram um filho com saudades.

Falar em um homem pescador, embora já tenha partido para outros mares,

²⁸ Referencia a Fazenda Tara, em E o vento levou ...

²⁹ Ele se refere a Pai, inicial maiúscula proposital pelo autor.

³⁰ Barco específico para pesca de atum, peixe de alto mar.

para outras pescarias, sem ter levado as Redes, nem o barco e nem os remos, aproxima um pescador que mora em mim.

Hoje, agora aqui, me deixou sozinho para contar essa história. Talvez falte algum pedaço de mar pra compor essa Rede.

Alguns detalhes que não lembro que não quero lembrar. Que roubei de mim pra sofrer menos.

Penso que nas relações, também é assim que acontece. Criamos algumas artimanhas para tentar driblar a dor. Com isso, às vezes, ficam lacunas nas histórias que ninguém ousaria procurar preencher. Por medo de chorar mais de uma vez.

Mas também é preciso chorar mais uma vez, pra poder ser muito mais feliz, de novo, ou pela primeira vez. Inesquecíveis são os dias finais do mês de julho de 1988. Um homem negro, quarenta e poucos anos, saudável e forte, jogador de futebol e pescador artesanal, nadador – vencido pelo álcool.

“Homem cai na hidroviária de São José do Norte, RS”, o corpo desaparece em meio à água turva e a lama que se concentra no fundo da hidroviária, do lugar.

“A gente não viu nada. Ele saiu do barco cedo, lá por umas oito da noite, foi pro centro comer alguma coisa. Ele bebe. A gente esperou até quase de madrugada, aí o Mauro deu uma volta no centro, foi nos bar e nada dele. Eu sô o mestre do barco. Eu acho que ele tá aqui embaixo! Não vamos sair enquanto não tiver uma solução, já são mais de dez hora e nada ainda. Aquele é filho dele”. (PESCADOR, patrão do meu pai, julho 1988).

Isso eu vivi. Eu estava lá na hidroviária. Nara Regina Machado Scheridon, minha prima, também estava lá.



Fotografia 6 - Lancha Noiva do Mar

Fonte: Produção do próprio Autor³¹

Os longos dias que seguiram, as buscas foram muitas. Rastreamento por mergulho, sondas e espinhel³², orações e ritos de qualquer crença, tudo fazíamos, só não o impossível.

Lá pelos últimos dias do final do mês, a Capitania dos Portos do Rio Grande encontra “aquilo” que era um pescador chamado Andres Reinaldo Floriano da Silva (Renato), meu pai, o meu início.

³¹ Lancha Noiva do Mar, chegando no atracadouro, em São José do Norte.

³² Equipamento em ferro, formato de ancinho, preso a um cabo de aço e articulado a um controle sensorial que permite fazer uma varredura no fundo do mar.

Para os amigos pescadores, de acordo com as suas crenças e achismos, disseram na época:

“Foi um pescador que foi pescar em outros mares, outras pescarias em outros barcos, e é bem possível que esteja olhando por nós, por que bem sabe como é a vida de pescador”.(PESCADORES, Hidroviária de São José do Norte, RS, 1988).

Todas essas falas estão presentes em mim, ainda que adormecidas, distantes, mas não separadas. Esses sou eu.

Quando parti do lugar que estou revivendo, parte de mim se tornou novo, e parte desse lugar me absorveu.

Hoje eu posso dizer que sou diferente do que eu era, ou pensava ser. Minha significação de pessoa humana, antes de ouvir outras pessoas, personagens vivos, com falas e percepções sobre as minhas histórias da/na vida, me resignificaram como um ser.

Em um tempo lá atrás ficou o que me constitui hoje, e resgatar esses *Eus* foi uma imersão nas falas daquelas pessoas, que começou muito longe daqui, lá em um lugar encantado, chamado **Cocuruto**³³.

Olhando pela janela da casa, na escuridão da noite via-se a *luz do norte*³⁴. Os avôs maternos moravam naquela luz, na rua do cinema, que na verdade tinha o nome do político Borges de Medeiros, no número trinta.

Ele sempre chorava muito. Sentia saudades. Tinha o peito apertado de saudades.

Em casa a luz era de lampião a querosene. A manga³⁵ era sempre muito bem limpa, transparente, o que proporcionava uma iluminação perfeita para esse tipo de energia.

³³ O lugar. O berço. O barco. O pescador. A estreia na vida. Uma graminha verde. O lugar que é sagrado. O meu lugar.

³⁴ A luz do norte significa dizer que desde a janela da casa, lá no Cocuruto, distrito que não contava com a luz elétrica naquela época, mas uma vista privilegiada via-se pontos de luz em São José do Norte.

³⁵ Parte de vidro, a luminária que projeta a luz, a partir da queima do pavio embebido no combustível e atizado pelo queima.

Tanto na cidade como no meu lugar, a fonte de luz era a mesma.

O querosene que alimentava a chama no nosso lampião era o mesmo combustível que iluminava a cidade, pois a usina também era movida por esse produto tão “nobre” na época.

Quando alguém não tinha combustível para seus lampiões era comum dividir, dá parte do período de luz em favorecimento de outros. O comércio local era tímido, faltavam muitos produtos, inclusive querosene, mas geralmente tinha quebra-queixo³⁶ e beijo de moça e africano³⁷.

Os mercadinhos, dois na época, precisavam ser abastecidos pela metrópole, às vezes, o tempo não permitia, pois as cheias, as estradas, a natureza impedia o transporte. O acesso até a cidade ou era feito por mar, carroças, alguma carona de jipe, rural, caminhão ou a pé mesmo. Tipo mais de meia hora de caminhada, enfrentado alguns obstáculos como os arroios cheios, as lagoas, a estrada, os ataques de quero-quero³⁸ entre outros.

Dividir a luz me ensinou a dividir mais que o ombro, mais que dizer uma palavra de fé para alguém, me ensinou a oferecer o meu ouvido.

Eu aprendi a ouvir, e é esse aprendizado que me aproximou das vozes dos catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS.

Hoje aqui, nesse outro lugar.

³⁶ Tipo de bala, de tamanho maior que o comum e muito dura, com sabor de côco.

³⁷ Tipo de guloseimas doces, uma é um merengue coberto com chocolate – beijo de moça, e a outra uma pãozinho de mel coberto de chocolate – beijo africano.

³⁸ Muitos ninhos de quero-quero pelo caminho, em campos abertos e tranquilos famílias de quero-quero faziam seus ninhos e reproduziam a espécie, com razão ficavam incomodados pelos animais estranhos, por muitas vezes atacavam, inclusive o animal humano, que às vezes era muito invasivo e desrespeitador dessas famílias.



Fotografia 7 - O pescador volta pro mar. Dorme. Não acorda mais. Esse não é o DIAMANTE. Barco encalhado na Praia do Mar Grosso, Oceano Atlântico, litoral de São José do Norte, RS.

Fonte: Produção do próprio Autor ³⁹

1.7 EU, CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA, TORNANDO-ME UM EDUCADOR AMBIENTAL.

Eu me constituo um sujeito, com características ecológicas desde antes de iniciar a minha caminhada e as descobertas pela Educação Ambiental.

Origem e gerado a beira da Laguna dos Patos. Nasceu em São José do Norte, uma península banhada pelo Oceano Atlântico e emoldurada pela Laguna. Cresceu correndo pelo campo do Cocuruto.

³⁹ Barco encalhado na Praia do Mar Grosso, Oceano Atlântico, litoral de São José do Norte. O autor utilizou, para representar a Partida do Pescador.

A pesca fez parte das primeiras brincadeiras de criança. Siri, camarão, quero-quero, escalada em árvores, esquiar nos cômodos do Laraxa⁴⁰, cientista de plantas⁴¹.

O lixo era coisa séria, a maior preocupação que se tinha era com o mar, a lagoa, que nos alimentava.

Era comum, uma atividade costumeira, os moradores catar todo o tipo de lixo que tivesse no litoral da lagoa, próximo das parelhas de pesca e das casas. Os pescadores do lugar tinham o maior cuidado em jogar qualquer material que fosse ao mar, pois sábios que eram, sabiam que o mar devolve o que não lhe pertence.

Lembro que na minha casa a gente juntava tudo que fosse cascas de legumes e frutas e levava pra um senhor que fazia areia forte⁴². Não me lembro do uso de plástico nas embalagens dos produtos que comprávamos nos mercados, lá no Cocuruto.

O pão enrolado em papel, arroz e feijão era comprado a granel e vinha em sacos de papel. A banha vinha em embalagem de papel e depois de utilizada, sem danificar o papel, lavávamos a embalagem com álcool e utilizávamos como papel transferidor para desenhos.

Na frente da casa, perto da escada que dava acesso a entrada havia duas banheiras plásticas, nossa horta de temperos.

Nós não tínhamos animais de estimação, porém os cachorros e gatos que rondavam a casa eram estimados por toda a família, o medo da responsabilidade pela vida deles nos tornava meros cuidadores.

Na casa da Lúcia, o pai dela era dono de parelha, uma família com muitas condições, já tinham rádio amador, um monte de liquinho⁴³, e um balanço comprado em loja e pendurado na árvore.

⁴⁰ Um local com altos Cômodos de areia branca, que ficava na propriedade do Senhor Laraxa, seguindo pela beira da praia, em direção a São José do Norte.

⁴¹ Brincadeiras de colher folhas diversas e utilizando álcool retiravam a cor das folhas e a folha descolorida era colada em cadernos sem uso, e as identificavam pelo nome vulgar, de conhecimento popular que alguém informava. Sem a menor ideia, já naquela época estávamos experimentando o processo de fotossíntese das plantas, sequer sabíamos o que era clorofila. Também desenvolvíamos a feitura de um herbário, tudo isso acontecia de maneira natural e silenciosa aos olhos da ciência.

⁴² Na verdade esse senhor tinha alguns espaços que tratava dos orgânicos a partir de rústicos minhocarios, onde as estrelas – as minhocas, na sua sabedoria produziam o húmus.

⁴³ Tipo de luminária, uma extremidade de vidro – um bojo, preso a um cabo de metal recebe a condução de gás de cozinha, proporcionando luz com bastante intensidade e clareza.

Eles tinham uma cachorrinha de nome “Chara”. Não posso afirmar que esta seja a forma correta de escrever o nome. Todos imaginavam que era assim.

A Lúcia caiu do balanço, de uma altura mínima, mas como bateu com a coluna na madeira do balanço ficou sem andar.

As crianças tinham medo de ir visitá-la.

Eu marcava ponto ao lado cama, todos os dias. Nossas idades eram quase a mesma, sete e oito anos. Gostávamos do inverno.

Imagens são potências!

Comparo aos dormentes, que é aquela estrada de ferro, onde andei. Por onde estou vindo. As imagens escrevem esse texto.



Fotografia 8 - Laranjas de Umbigo. O balanço. A Lúcia caiu do balanço e fraturou a coluna.

Fonte: Produção do próprio Autor ⁴⁴

Nas nossas conversas íntimas de crianças, a Lúcia me dizia que o que mais sentia falta era de subir em árvores comigo. Sempre deitada de barriga pra cima e

⁴⁴ Nesse inverno, 2011, lembrei-me da Lúcia. Nós dois gostávamos de comer laranjas de umbigo.

com um capacete⁴⁵ até as orelhas, aberto em cima da cabeça.

No inverno eu usava uma touca modelo astronauta, cinza e azul. Nesses dias nos imaginávamos no espaço. A realidade nunca prendeu a minha amiga aquela condição.

Um dia uma movimentação na praia, uns homens agarrando a cama da Lúcia e botando dentro do bote. Levou ela para Rio Grande.

Passaram mais uns dias e mais movimentos de gente na praia. Todos corriam pra ver o que era eu vi que tinham trazido a Lúcia numa cadeira de rodas. No dia seguinte fui lá e passamos todo o dia brincando com a cadeira de rodas. Nosso brinquedo novo e diferente.

Pouco tempo depois fui arrebatado por uma dolorida sensação de pena da minha amiga. Chorei em casa. Nunca mais fui lá.

Depois desse tempo fui morar no Norte, na metrópole São José do Norte. O ano era 1972. Um menino abraça a árvore, beija o barco, contempla o pôr do sol na lagoa, e vai embora.

A Lúcia ficou. Em um mundo só dela. Os nossos planetas em outra órbita. Perdemos-nos. Pra sempre.

Essas sensações todas voltam agora. Rememorar esses fatos é deixar minhas memórias me levar e toda uma música de seda deita sobre mim e dorme.

Estou impregnado de meio ambiente, de natureza, de pássaros, peixes e água. Sentimentos de agradecimento a todos. Agora eu avanço no meu tempo, no presente que contou o meu ontem e chego para outra estreia.

Vinte e três anos. O Vestibular! O que fazer? Qual curso dá um emprego rápido e um salário bom?

Esse é o pensamento, inicial, dos jovens que buscam pela carreira profissional, a partir de um curso superior.

Para mim não foi diferente. A realidade da minha casa era um avô que labutava como empregado na cultura da cebola.

⁴⁵ Colete protetor para evitar movimentos, compreendia desde a bacia até a altura das orelhas, inclusive sobre o rosto, com espaços abertos entre os olhos, nariz e boca.

A avó, uma tarefeira na arte de beneficiar pescados. Desempenhava a função nas fábricas da cidade. Ora na Frigoría⁴⁶, ora na Confrio⁴⁷.

Para complementar a renda e permitir algum conforto, minha atividade era escriturário na Prefeitura Municipal de São José do Norte, lotado na Secretaria de Planejamento. Posteriormente, cedido para a Secretaria de Educação e Cultura. Inesquecível a Secretária Maria Helena Capaverde Saraiva.

Período de inscrição para o Vestibular na FURG e na UFPel⁴⁸. Nesse tempo moro em São José do Norte, mais próximo daqui, Rio Grande, a FURG.

Qual curso escolher? Essa era a minha angústia. E não havia muito tempo para a escolha. Lembro, quando criança, dizer que queria ser arquiteto, e também enfermeiro. Olhando as listas dos cursos oferecidos, pelas duas universidades, Arquitetura não constava na lista da FURG. Mas Medicina Veterinária, na lista da UFPel, flertou comigo. Uma piscadela e me deixou bagunçado.

Uma vontade de namorar.

Veterinária é em Pelotas. Tens grana pra te manter no curso? Pensei.

A resposta foi dolorida - Não.

A Biblioteconomia me encontrou. Estava todo tempo na lista, mas imperceptível por mim. Sempre frequentei bibliotecas.

Sempre gostei de ler. Gosto de cuidar dos livros.

Conheço uma Bibliotecária. Trabalha na Biblioteca Pública Delfina Benigna da Cunha, seu nome é Lizete Terezinha.

O nome do curso era meio difícil de dizer. Mais ainda, de ser entendido pelas pessoas. A minha avó aprendeu a dizer. Disse o nome na corrida. De primeiro.

Mesmo conhecendo a Bibliotecária, não tinha claras as atividades desse profissional. Afinal, o que faz o tal Biblio... Alguma coisa? Então me detalhei no folder sobre os cursos. Li nas aptidões do profissional e gostei.

Vestibular de 1988, para Biblioteconomia. Para ser Bibliotecário. Estou inscrito.

⁴⁶ Fábricas de beneficiamento de pescado.

⁴⁷ IDEM

⁴⁸ UFPel – Universidade Federal de Pelotas

Hoje é dia da divulgação do listão. Estou trabalhando no Arquivo Público, no prédio da antiga Intendência Municipal. Lembro-me da Dona Tereza, uma anja negra, materna e generosa.

Estávamos juntos quando o rádio falou o meu nome. Meu primeiro abraço. Agora sou “bixo” na FURG.

A Lizete veio da Biblioteca Pública e me abraçou. Com um pincel atômico na cor verde escuro, escreveu “BIXO” na minha camiseta. Na frente, no peito.

Nas costas escreveu “BIBLIO FURG 88”.

Incrível a quantidade de arquivinhos que estão em nós, só esperando um *enter*.

Na FURG, um universo inimaginável. A Universidade estava em construção. Crescia e eu ali, junto naquele construir-se. Crescia junto. Ficava diferente.

Uma pedra no meio do meu caminho – Esmeralda Muniz Alves. Impossível chutar a pedra ou desviá-la do meu caminho. Ajoelhei até o chão. Caminho, ainda hoje, com a minha grande amiga Esmeralda.

Aprendi sobre códigos, linguagens, terminologias, sociologia, lógica, estatística, classificação, metodologias, catalogação, indexação... Biblioteconomia.

Na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica a professora Coeli Maria Juliano, enfeitava a sala de aula – Luki e Bel (seus poodles universitários) se misturavam à turma. Educados e carinhosos. Ela os trazia para a sala de aula. Por muitas vezes eu buscava água para os convidados ilustres. Nos copinhos verdes, que a professora guardava lá na sala de permanência.

As primeiras noções de tecnologias, a apresentação formal ao senhor Computador, aconteceu pelas iniciativas da professora Ireda Conceição dos Santos. Era de Porto Alegre e as aulas ocorriam na sexta-feira pela tarde e nas manhãs estendidas de sábado. Imperdíveis.

Professor Manoel Henrique, um educador. Espelho-me em ti.

Na Biblioteconomia, todos os meus Mestres ficaram um pouquinho em mim. Absorvi posturas, comprometimento, atenção e carinho, conhecimentos, informações e cultura. Encontrei-me com a Biblioteconomia.

Para compor minha aquarela de amigos, entre muitos, tenho que destacar, também, uma das Maria's. Se estiveres lendo esse trabalho, saiba que estou falando em ti, Maria do Carmo. Conhecemos-nos e, naquela época, Mizetti de Lima completavam teu nome. Porém, gosto de Ferreira Mizzetti. Na tua casa eu fiz a minha morada. Na tua mesa, eu comi. Na área, sentados sobre a mureta, sonhei. Contigo estou, todo o tempo.

A formatura aconteceu, em janeiro de 1993. A turma se perdeu pelo caminho. Eu me perdi dos meus colegas. Não fui aluno padrão. Não consegui cursar em quatro anos.

Perdi a minha turma de ingresso.

Mas estávamos nós, cinco formandos em Biblioteconomia, Ilda Maria Pinton (a nossa Mona Lisa), Jacinta Nonemacher (iniciou o curso freira, tímida, apagada, sem maquiagem. Na formatura, uma mulher linda, dê's coberta), Patrícia Estanislau (forte concorrente, para qualquer vaga na área, inteligente) e a pedra preciosa – Esmeralda Muniz Alves (dicionário que fala).

A estreia na atividade de ensino aconteceu também em 1993, no dia vinte de dezembro.

Sol e chuva se misturavam e deixava aquela tarde temperada, nem quente nem fria uma equação que somente a natureza sabe como apresentar e resolver. Passando das quinze horas, lá no recurso humano da FURG⁴⁹, no Campus Cidade foi assinado o ato de posse. Agora professor no ensino público superior.

A carreira na educação começa pelo papel de professor, o que muito logo passa a ser substituído e desempenhado pelo papel de educador.

Um novo eu educador. A sala de aula é o meu palco.

O sagrado teatro das não representações.

Lá sou eu. A felicidade de uma grande estreia acontece todos os dias. A sala se constitui de concreto, aberturas, carteiras enfileiradas e uma porta que eu abro e entro em casa. Nesse palco não tenho fantasias.

Não tenho personagens.

⁴⁹ Universidade Federal do Rio Grande - FURG

A plateia, iluminada de rostos, de bocas muito falantes e de ouvidos sedentos permitem iniciar o espetáculo – a aula. Não dou aulas!

Somos a aula. O conteúdo, aquele que é formal, cumpre-se todo. Porém o que não está no texto, esse não se esgota. Mesmo nos intervalos, entre um ato e outro, sempre há o que dizer ouvir e calar.

Quando inicia o exercício do magistério vai buscar uma quantidade de modelos de mestres, com isso pretende se firmar na sala de aula como uma daquelas figuras.

Porém, o processo de ensinar conteúdos aos educandos, aprender com/dos educandos e tornar a ensinar com mais aprendizado supera todos os modelos e todos os experimentos. Nesse momento surge um novo eu educador.

Para todos os antigos modos de ensinar, uma maneira nova de aprender, aprender a ouvir. Dessa maneira, mais que somente ensinar era preciso saber aprender, para poder devolver o que se ensina.

Por esse caminho, que ainda é o meu presente, muitos foram os reconhecimentos pela escolha que fiz, como educador.

Nesses quase vinte anos dedicados aos aprendentes ensinantes, o pesquisador foi paraninfo⁵⁰ treze vezes e patrono⁵¹ por quatro vezes, em mais outras duas vezes foi professor homenageado.

Todos esses muitos encontros, com as disciplinas do curso de graduação em Biblioteconomia trouxeram elementos para fundamentar o meu modelo de educador.

O meu fazer e como fazer aconteceu, e ainda acontece por aprendizagem.

Eu entendia, e hoje é muito claro, que para o desenvolvimento do meu projeto de ensino os lugares, embora não sejam determinantes no processo de troca dos saberes, ainda assim contribuem para fazer diferenças no modo de aprendente.

Saber qual lugar está ocupando, onde são os meus lugares, que ambientes naturais e humanos eu posso ser, e ao mesmo tempo em quais estou inserido é quase que uma lógica determinante para a propriedade do(s) saber (es).

⁵⁰ Paraninfo, distinção que é dada aquele que é de reconhecido saber por turma acadêmica e tem o papel de ser padrinho dessas.

⁵¹ Patrono, distinção que é dada aquele que é de reconhecido saber por turma acadêmica e tem o papel de dar o seu nome a mesma.

O meu lugar é aquele de onde eu vim que ficou lá, mas ainda está comigo e é determinante para uma série de concepções e entendimentos que tenho hoje. Negar ou propositalmente renegar essas heranças é correr riscos na caminhada. Percorrer por um caminho desconhecido é facultado o direito a vir cometer erros. Porém, se caminha por um caminho desconhecido, com situações que são parecidas ou iguais “aquelas” já vividas, ainda assim errar é humano e aceitável, mas pode ser também ignorância, falta de propriedade.

Então, quando eu trazia os aprendentes educandos do curso de Biblioteconomia para outros lugares que não a formalidade do espaço da sala de aula, e em especial quando fora da instituição, além-muros da FURG.

Em todos aqueles momentos ninguém ficava indiferente a questionar o lugar da nossa aula. Sempre uma dúvida. Um desafio de ensinar a aprender. Um vazio de carteiras⁵² distancia da Casa FURG. Onde seria a nossa aula? Por que lá?

Não lembro de oferecer respostas para todos os questionamentos. Ao contrário, provoquei inquietações, mais dúvidas, mais perguntas.

Nesses muitos encontros de aula, íamos para ter aulas em lugares como a Praça Xavier Ferreira, em torno do chafariz, pelo Campus Carreiro da universidade, onde há muitos recantos a serem explorados, museus da cidade, casa de cultura Mário Quintana, em Porto Alegre, onde levei a turma para termos aulas da disciplina Ação Cultural.

Houve uma vez que fizemos uma caminhada reflexiva sobre a passarela, que fica sobre as dunas do Balneário do Cassino. Explorar a imaginação, para construir castelos de areia, na mente. Na alma. Na areia da praia.

Oportunizei para que tivéssemos aula no Porto Velho, no centro, em Rio Grande, RS, consegui a liberação de um galpão, com muitos armários, outros mobiliários e expositores, com um montante de material iconográfico, que certamente conta boa parte da missão francesa, na construção dos Molhes da Barra do Rio Grande, RS.

Ali nos entregamos a refletir sobre os lugares que nos compõe. Uma dinâmica em que cada participante é convidado a contar sobre o seu lugar, seguido pelo

⁵² Carteiras – cadeiras com braço em formato de mesa, muito comum nas universidades.

comentário do próximo colega, que vai falar sobre a cidade do outro, e assim sequencialmente, até todos representarem o seu lugar e ouvir sobre o seu lugar.

Todos esses caminhos já me levavam para vir a ser um educador, também ambiental. Uma conversão de vontades, fenômenos e fatos estavam me levando para a pós-graduação em Educação Ambiental.

Mesmo que não perceptível eu já estava numa construção sócio ambiental. Os valores resgatados desde a infância tornavam-me sensível ao ecológico, vamos dizer assim.

Lá na Biblioteconomia fazia nas atividades docentes o diferencial do que fosse a sala de aula tradicional. Entendia que esse lugar, fora da sala de aula era e ainda acredito que é, indiscutivelmente, importante para vir a constituírem-se pessoas, com outros olhares além daquele que o mundo da academia oferece.

A proximidade com a Educação Ambiental aconteceu quando trabalhava com uma disciplina que tem a nomenclatura Estudo do Usuário e Uso da Informação. Essa disciplina, lá na sua ementa, trata sobre quem são os usuários da informação, quais suas demandas e como ocorre essa mediação.

Estava para acontecer, em 1997, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Ambiental – MEA (denominação anterior à inserção do programa nível de Doutorado, o que vai ocorrer a partir de 2001) o evento I Congresso Brasileiro Pró Mar de Dentro, âmbito nacional. Tendo apoiadores como Ministério do Meio Ambiente - MMA, Secretaria do Meio Ambiente do Estado do RS - SEMA, entre outras. Percebemos que toda a universidade estava envolvida no congresso.

A filosofia e política da FURG são “uma universidade voltada para o mar, voltada para o ecossistema costeiro”.

Muita divulgação, distribuição de material, mídias, tudo isso não nos deixou indiferentes. Ao contrário, nos provocou a participar do evento, mesmo que aparentemente não fizesse uma aproximação com a Biblioteconomia.

Na sala de aula foi proposta a possibilidade em fazer inscrição para o evento. Apresentação de um pôster, sobre os diversos ambientes de trabalho e estudo na Biblioteconomia. Isso surgiu, por que na disciplina Introdução a Biblioteconomia (disciplina extinta do Quadro de Sequência Lógica – QSL do curso, substituída pela

disciplina Fundamentos de Biblioteconomia), ministrada em semestre anterior, para a mesma turma, já havíamos abordado essa questão – Educação Ambiental.

Um projeto de trabalho pesquisou o meio ambiente natural, humano e técnico no cotidiano do profissional bibliotecário na FURG. Embora uma temática bastante discutida em eventos da área, ainda há pouca publicação. Algumas poucas pesquisas foram publicadas pela Escola de Biblioteconomia de Minas Gerais - UFMG, Universidade Estadual de Londrina – UEL, entre outros estudos pela Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Esses estudos não justificam aparecer no corpo dessa pesquisa, por tratar-se especificamente da área da Biblioteconomia.

A ideia inicial era retomar esse projeto. Atualizar informações, coletar outras e submeter o trabalho ao I Congresso Brasileiro Pró Mar de Dentro.

Avaliamos todas as linhas e modalidades de apresentação dos trabalhos.

Parte da turma declinou da ideia da apresentação. Num segundo momento, em sala de aula, um dos aprendentes questiona e questiona-se sobre nossa percepção acerca do meio ambiente, e vai além, provocam a turma, acadêmicos de Biblioteconomia – responsáveis e fiéis pela disseminação da informação, como vemos os ecossistemas brasileiros? Qual o nosso olhar sobre os ecos do Brasil, a partir do nosso objeto de trabalho – a informação. Surpreendentemente, tanto o professor quanto os demais, e digam-se todos, fomos contagiados por essa possibilidade. Instala-se uma atmosfera provocativa e desafiadora naquela sala de aula, com aqueles aprendentes de Biblioteconomia. Uma romaria segue para a biblioteca Central da FURG. Romeiros sedentos por informação mergulham com exaustividade na bibliografia, nas mídias.

Para nossa satisfação, o artigo **“Os ecossistemas brasileiros, sob a visão de um grupo de estudantes de Biblioteconomia da FURG”** foi selecionado pelo Comitê Científico para aprovação de comunicações – artigo, no I Congresso Brasileiro Pró Mar de Dentro. A publicação ocorreu na revista eletrônica do programa⁵³ e nos Anais do evento.

Este fato, nada isolado na carreira docente, tornou-me mais comprometido com a Educação. O Ambiental – meio ambiente natural e humano nunca mais me

⁵³ Disponível em: <<http://www.fisica.furg.br/mea/remea/index2.html>> - ISSN 1517-1256

deixou ficar só.

Essa produção intelectual conjunta despertou e ensinou, ao professor-pesquisador e aos aprendentes que Educação Ambiental não é somente um olhar, mas a maneira que passamos a olhar, a natureza e as pessoas. É maior do que se pode dimensionar. Mensurar e imaginar.

Uma certeza já havia e agora se revelará: vou prestar a seleção para o Mestrado em Educação Ambiental na FURG.

Esse ano, ainda é 1997, a inscrição abre no final do ano. A seleção acontece em dezembro, e não teria dia mais lindo para a realização da prova. Dia sete de dezembro. Um dia meu.

Estou para prestar a seleção, para o Mestrado em Educação Ambiental na FURG.

1.8 A MINHA ESCOLHA

Primeiramente, posso dizer que já havia sido conquistado desde o Congresso do Mar de Dentro. As discussões, palestras, minicursos, contatos, trilhas, enfim, todo o evento. Participar despertou uma vontade de saber mais, para retornar um pouco mais. Retornar para os meus aprendentes e, mais efetivamente, para o planeta e para aqueles que vivem nessa casa planetária.

O Programa de Mestrado, por acontecer na instituição FURG possibilitou não perder o vínculo com a docência. De vez enquanto atendia alunos com projetos, estágios, apresentações de trabalhos, conversas e orientações.

Para o Mestrado não obtive liberação total. O Departamento, na época, entendeu que é possível cursar disciplinas, trabalhos, seminários e escrever uma Dissertação, está na sala de aula, ser Superintendente de Extensão. Tudo possível. Quando percebi que não tinha tempo. Percebi que havia um tempo em mim. Aproveitei-o.

Cursei o Programa em dois anos e meio.

Começando a preparação. Ler e Ler um pouco mais.

Cinco candidatos, incluindo-me, constituíram um grupo de estudos para a seleção. Começamos por formar uma pequena biblioteca, buscou-se reunir a maior quantidade possível de livros da bibliografia sugerida pelo programa. Uma coleção individual, que poderia vir a ser emprestada entre o grupo, mas preferencialmente que cada um tivesse a sua biblioteca.

Compramos muitos livros e outros foram empréstimos da biblioteca do programa e Biblioteca Central. Dividimos todos os livros que conseguimos reunir, em cinco grupos bibliográficos, todos tinham as mesmas obras ficando cada candidato responsável em ler e fazer fichamento do seu conjunto de livros, dessa maneira teria mais de uma opinião sobre a mesma obra.

Além dessas tarefas individuais, três encontros ocorriam semanalmente, com períodos variados de tempo, nada programado, tempo o suficiente para a atividade coletiva que era ler em voz alta e pausadamente, sem ser interrompida, uma obra por vez, quando assim era possível.

Se dinâmica, método ou técnica, não sabe. Mas de muito resultado.

Nós chamávamos os encontros de “contação de histórias”, alguns lembravam as infâncias, outros diziam que dessa forma ouviam os autores falando, utilizando vozes, muito além de letrinhas reunidas.

Nesses exercícios após a leitura, discutíamos tão firmemente com o(s) autor (es) que de certa maneira, e em letras bem minúsculas e acanhadas, éramos arrogantes, nos sentíamos também autores. Tal era nosso envolvimento emocional, intelectual, científico ou meramente de “propriedade” que ousávamos reconstruir as ideias que estavam dispostas na(s) obra(s). Grupo de estudo e exaustivo estudo.

Eu não fui o mais inteligente entre todos, talvez um dos mais determinados. Ainda provo da sensação que senti quando li a lista dos aprovados e lá estava meu nome.

Obtive sucesso! Aprovado para iniciar o programa em março do próximo ano, 1998. Sou mestrando em Educação Ambiental.

Os encontros, as atividades, as leituras, a produção intelectual, a participação nos eventos, o envolvimento com pessoas, também envolvidas com questões ambientais, as disciplinas e o privilégio de conviver com Maria Judith Zuzarte

Cortesão⁵⁴ são o meu divisor de pessoa humana, educador e educador ambiental.

A minha identidade verde, de um sujeito ecológico, segundo Carvalho (2011) começa a tomar forma oficial.

Com a conclusão do Mestrado em Educação Ambiental, retornei as atividades docentes no Curso de Biblioteconomia, culminando com a reformulação curricular do curso. Nessa oportunidade apresentei como proposta de disciplina optativa Informação e Meio Ambiente.

A justificativa se reportou as experiências com os educandos em disciplinas, anteriormente ministradas por nós, às atividades desenvolvidas em diferentes espaços que não a sala de aula, as discussões acerca das questões ambientais e presentes no cotidiano do profissional bibliotecário, em especial, e a produção intelectual, por parte dos acadêmicos de um artigo científico, aprovado e publicado em congresso da área da Educação Ambiental.

A implantação da disciplina Informação e Meio Ambiente – Código 10140 ocorre no segundo semestre de 2001.

Para entendimento do leitor, apresenta-se em destaque a ementa da Disciplina Informação e Meio Ambiente que integrava o elenco das disciplinas optativas do quadro de sequência lógica do Curso de Biblioteconomia.

A saber: Ementa:

“Mostrar os diversos graus de inter-relações entre os diversos ecossistemas. Fundamentar o bibliotecário para uma visão integrada do meio ambiente através de referencial teórico na área, estimulando ações com enfoque a questões ambientais locais. Relacionar os conhecimentos de Biblioteconomia nas unidades em que se desenvolverá a disciplina. Destacar o importante papel do profissional da informação como educador para uma ecologia consciente”. (CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, QSL, 2001).

Para elucidar as amarras que a Biblioteconomia faz com o Meio Ambiente e, conseqüentemente com a Educação Ambiental, apresenta-se duas, das cinco unidades que compõe o conteúdo programático da disciplina:

⁵⁴ Professora Dr^a. Maria Judith Zuzarte Cortesão, ambientalista de reconhecimento mundial, atuou como professora no PPGEA/FURG, período de 1997-2002.

Unidade 2 – Natureza – Informação Homem

Preservação e utilização dos recursos naturais como forma de melhoria da qualidade de vida. Informação empírica e científica na relação do cidadão com a natureza. Estudos de casos, deflagrando impactos no Meio Ambiente.

Unidade 4 - Qualidade de vida - ambientalismo e conservacionismo.

Movimento ecológico e instituições de mobilização. Observação do Meio Ambiente. Capacitar para elaboração de projetos e/ou programas de ações para preservação e conservação da espécie humana e do Meio Ambiente.

Essas duas unidades permitem correlacionar os temas propostos na questão da pesquisa, “O que é Educação Ambiental, para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS: antes e depois de ler O que é Educação Ambiental/Marcos Reigota.”

Pode-se afirmar que na unidade 2 “[...] Informação empírica e científica na relação do cidadão com a natureza.” e na unidade 4 “[...] ações para preservação e conservação da espécie humana e do Meio Ambiente.” Ambos os enunciados são prenúncio do que essa pesquisa pretende.

Investigar os pesquisados – catadores e selecionadores na coleta do lixo, sobre como se constituíram as suas concepções sobre Educação Ambiental, a partir do natural de cada um - das imagens e observações que têm, e posteriormente a esta primeira postura, com as vivências que têm e com a intervenção pela leitura da obra O que é Educação Ambiental de Marcos Reigota. Como representam seus conceitos e apropriação daquilo que consideram Educação Ambiental.

Outro importante momento da Educação Ambiental na Biblioteconomia, conseqüentemente na formação do pesquisador foi o Projeto Sala Verde⁵⁵.

Para contribuir nesse cenário que compõe o pesquisador um ser educador e

⁵⁵ Projeto Sala Verde – Projeto do Ministério do Meio Ambiente para implantar em Instituições Federais e de Ensino Público Pequenas Bibliotecas – Salas, abrigando acervo voltado para assuntos sobre ecologia, meio ambiente e educação ambiental. Nossa atividade foi o tratamento higienização, seleção e classificação pela designação geral do material (DGM) e processamento técnico no acervo. Ocorre nesse período a doação do acervo particular da PROF^a.DR^a. Maria Judith Zuzarte Cortesão, que passou a integrar o acervo documental. O projeto nasceu da parceria do Curso de Biblioteconomia, então coordenador Prof. Claudio Renato, na época consultado pela Coordenadora do PPGA Prof^a. Susana Molon, sobre a disponibilidade e possibilidades em desenvolver uma atividade de ensino e extensão, sob o formato de um Projeto do PPGA e a Biblioteconomia, com subsídios do Programa de Pós-Graduação e Ministério do Meio Ambiente – MMA, as ações se desenvolveram por um período de dezoito meses, até a implantação da Biblioteca Maria Judith Zuzarte Cortesão – Sala Verde.

ambiental, traz a transcrição do relato de um estudante do curso que participou da/na disciplina Informação e Meio Ambiente, no segundo semestre de 2009:

“Sabe Claudinho, eu quando fui fazer matrícula na tua disciplina eu fiz por que pensei que era mais passeio mesmo, mas falando com a (nome), ela foi tua aluna e trabalhou pra montar a sala verde trabalhou com o acervo da senhora Judith⁵⁶. Ela fez estágio fora contigo e ficou trabalhando na (nome da Instituição), ela só veio pra formatura e já estava empregada, lembra dela né? Ela contou na semana acadêmica que eles faziam desde a limpeza do material, um por um, como se fosse uns vidros os livros. Tu conseguiu pra eles aventais, jalecos, luvas cirúrgicas, máscaras é isso mesmo né Claudinho? Eles tinham vale pra almoçar no RU e quando eles iam de jaleco ela disse que pensavam que eles eram estudante de medicina.

A turma não tinha nenhuma experiência com biblioteca, ninguém tinha noção das atividades de bibliotecário, eles eram do primeiro ano né Claudinho? Sem noção do que é processamento técnico. Eu tenho um conhecimento claro do que é classificação, de como se procede pra fazer o processamento técnico das obras sei utilizar as ferramentas meio pra desenvolver o processamento técnico num acervo, pelo menos o básico eu me garanto, na época lá na sala verde o pessoal não tinha essas noções, né?

O (nome) também trabalhou lá contigo, me lembro uma vez aqui na FURG, parece que foi numa apresentação de trabalho, não me lembro se na Semana Acadêmica ou na MPU a gente ficou conversando e ele falou que tu colocou um cartaz com uma ficha catalográfica enorme, com todos os passos a serem seguidos, descrevendo e identificando no exemplo todas as áreas da descrição física e um outro com a classificação geral, por áreas do conhecimento da CDD⁵⁷ utilizando somente até três dígitos né?

É uma disciplina agregadora, serve de bom exemplo, tanto das relações de confiança que se estabelecem entre eles, por que ninguém sabia nada, todos no mesmo nível de informação, mesmo que alguns tivessem mais conhecimento, mas ainda assim as atividades eram novas pra todos.

Eu acho que eles conseguiram levar pras outras aulas os aprendizados de lá, e eles por serem as cobaias foram muito abertos pra receber a tua proposta. Tá certo que eles estavam ganhando bolsa, alimentação, material, essas coisas, mas poderiam não se permitir a esse experimento como tu costumava dizer”. (ALUNO 1).⁵⁸

O professor-pesquisador ainda está se constituindo. Se tornar mais educador,

⁵⁶ Professora Dr^a. Maria Judith Zuzarte Cortesão, ambientalista de reconhecimento mundial, atuou como professora no PPGEA/FURG, período de 1997-2002.

⁵⁷ Código Decimal de Dewey - CDD ferramenta utilizada pela Biblioteconomia para atribuir uma classificação numérica para determinado assunto, dessa forma constituindo, juntamente com o número do autor da obra (Tabela de Cutter), o que chamamos número de chamada do documento, indicar e norteador para a busca no acervo da biblioteca.

⁵⁸ A1 – acadêmico em ordem sequencial de transcrição.

Extrato de uma pesquisa com os acadêmicos do Curso de Biblioteconomia, que cursaram a disciplina Informação e Meio Ambiente, no segundo semestre/2009. O referido projeto de pesquisa trata sobre as relações sociais humanas e dos saberes na Biblioteconomia da FURG, a partir dos ambientes de ensino, com foco no meio ambiente e na informação. Artigo no prelo, 2010/2º semestre.

mais ambiental e, sobretudo, mais humanamente pesquisador é o que se pretende enquanto evolução humana.



1.9 EU, CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA, TORNANDO-ME UM PESQUISADOR.

O Claudio, a partir daqui passa a ser uma pessoa humana, instituída professor e pesquisador⁵⁹.

A ideia de fazer pesquisa está empregada em todas as nossas ações cotidianas. Percebo que faço pesquisa a todo tempo, seja no campo da ciência, da política, da economia, seja das relações pessoais e sociais. Lá em casa.

O pesquisador é uma pessoa. Apresenta-se. Mostra-se. Dá a conhecer-se.

⁵⁹ O Orientador oferece esses adjetivos, para qualificar o orientando.

A relação com o outro estabelece uma pesquisa diária, de interesse mútuo, ou interesses eleito pelas pessoas que desenvolvem as relações.

Porém a academia é desafiadora. Incentivadora para linhas e modelos conceituais para as pesquisas.

As metodologias são música. Os textos precisam de encaixe, da harmonia. Do contrário, não existe a canção.

Peço em prece o teu olhar.

[...] Me disseram, porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos.
Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar
Meu olhar.
(TEIXEIRA,1999).

Aqui eu começo a compor pesquisa. A minha iniciação. Desde a graduação em Biblioteconomia, depois pela especialização em Gestão e Gerenciamento de Sistemas de informação, seguido pelo Mestrado em Educação Ambiental e na sequencia Doutorado em Educação Ambiental.

Embora o empírico por *si* só possa responder muitas questões é necessário representar a investigação sob forma mais aparatada e em ferramentas científicas.

Na pós-graduação, no meu entendimento, os espaços que são proporcionados pelas disciplinas se constituem como fóruns de debates, logo, nesses encontros, muitas desconstruções se fazem e respostas que tínhamos ou pensávamos tê-las são substituídas por perguntas, dúvidas e incertezas.

Nesse campo reside a graminha que brota, faz-se verde e inunda os veios por onde nasce a pesquisa. Fazer pesquisa. Ser pesquisador.

Nos espaços onde ocorreram as disciplinas cursadas no PPGEA nos deparamos com muitos encontros de muitos autores. É comum que algumas linhas de pensamentos, de ideias ou mesmo de abordagens de alguns desses autores, que nos encontraram nesses espaços de pesquisa, passaram a ter em nós “procuradores fiéis”, representantes das suas falas.

Em muitas vezes, sem perceber, nos apropriamos de tal forma de alguns ou determinado autor, que nos perdemos do nosso próprio pensamento; mas, acima de tudo e, o mais importante, é que entre todos esses muitos personagens que vão até a nossa sala de aula estão nós, “atores principais” que praticamente representam os autores.

Nesse momento, e bem aí nesse cenário, nos vemos como aprendizes de pesquisador. Pelos nossos discursos inflamados, em defesa deste ou daquele pensamento, apropriando-nos das falas de alguns autores, às vezes até o livro inteiro, nos flagramos pesquisador em ascensão.

Vejo-me aqui como um aprendiz de pesquisador, ainda um romeiro, ora errante, ora firme na fé, mas sempre em romaria pelo caminho da pesquisa. Mesmo sem quase nada de respostas, mas com uma imensa bagagem de perguntas.

As ideias passam por processos, os processos passam a fazer uma “varredura” nos conceitos, valores, atitudes, percepções e ações. Dessa forma o que havíamos constatado antes, agora há um novo olhar, um novo sentido, ou pelo menos mais “diferente” do que era antes.

Todo esse caminho nos faz continuar acreditando que os caminhos já percorridos somente são demarcadores para as descobertas das etapas, que compõe o todo no exercício da pesquisa.

Toda a nossa bagagem de saberes empírico não será dispensada, mas de uma forma bastante harmoniosa passam a constituir pilares para outros conceitos paradigmáticos no campo da ciência, conseqüentemente, no desenvolvimento dos modos de fazer pesquisa científica.

O professor-pesquisador é sempre o mesmo, o que o torna diferente e modifica seus fazeres são as características e facetas que agrega pela vida e trazem bagagem de vida. Constituir as etapas do processo de pesquisa é caminhar.

Perceber e aceitar a necessidade de sair do lugar, o qual está definido como o lugar absoluto de verdade, já é pesquisar.

Como se faz isso? Bem, ainda estamos vivenciando experimentos, descobertas, invenções, muitos “achismos” e confrontações. Ainda e sempre explorando linhas e modelos conceituais para a pesquisa, adequando pessoas as

técnicas de investigação e representação dessas informações.

Somos todos aprendentes, famintos por mais aprenderes.

A sensibilidade e o desejo de fazer constroem um pouco de pesquisador em cada um de nós, todos os dias. Assim é em mim.

Muitos autores, antes desconhecidos, hoje têm conversado comigo, me dizem coisas que eu nem pensava, me dizem coisas que sempre pensei assim, e, às vezes, me diz coisas que eu não tenho em que concordar.

Entendo que o pesquisador se constrói assim, dessa forma e a partir de muitos diálogos, com autores, em espaços, em todos os tempos e principalmente pelo elemento humano, força maior e naturalmente da/para a pesquisa.

A causa e consequência para todos os investimentos para mudanças ou ajustes, ou simples constatação de uma questão/problema é a Pessoa humana, por alguns autores trata-se por sujeitos da pesquisa.

Estou vivenciando mais um ciclo aprendente, o que é bom de mais.

Esse tempo é confortável, e estou só tornando-me um pesquisador.

Sob a orientação de pessoas, sou orientado a ver imagens e vivificar o imaginário.

Aqui, minha alma se acalma. Meu orientador é oposição ao sofrimento. Filiado a alguns *estranhos* partidos, não políticos, por exemplo, “Instauração de Processos Criativos – IPC; Formação Integral – FI; Ecologia Onírica – EO; Educação Ética – EE; Educação Estética Onírica – EEO; Educação Espiritual – EESp; Educação Ambiental – EA; Reciclagem Humana – RH; Imaginários Sócio-Culturais ISC; Criatividade – CRI; Espiritualidade – Esp; Qualidade de Vida – Qvida; Felicidade – FELIZ; Linguagens Sonoras – LS; Linguagens do Destino – LD; Despertar de Sonhadores – DSONHOS; Devaneios Individuais e Coletivos – DIC, Sonhos Impossíveis – SIM, e Mundos Inimagináveis e Utopias Culturais Concretizáveis – MIUSORRISOS”.

Um conhecimento novo soma-se em mim e vai me tornando pesquisador. Todas as experiências me fascinam e esse novo já está acontecendo.

Sejam pelas sensibilizações, didática dos mestres, seus relatos de

experiências enfim, estou diferente e algo me deixa diferente da maneira que cheguei aqui.

Eu não havia pensado em me colocar no trabalho. Fui trazido pela mão do meu orientador. Estou confortável.

Todos os dias um aprendizado – me aproprio de conceitos e ideias, por exemplo, quando diz:

“Por hobby é amante de gente feliz (que não reclama), mulheres engraçadas, cães & gatos & pássaros de rua (aos quais alimenta todos os dias), da música, dança, da arte fotográfica, cinema, doces de Pelotas, gastronomia, vinhos, charutos, banhos de piscina & mar e uma boa rede para sestar”.(RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães, Lattes, acesso em 23.95.2011).

As possibilidades apontam para vários projetos, e todos focados no fazer pesquisas. Olhos bem abertos e ouvidos também, o meu conhecimento construindo uma relação de amor com informações.

A metodologia acontece a partir do contato comigo, pessoa potencial da pesquisa. Com isso justifica-se dizer que a pesquisa metodológica de ação não é fixa. Não ficaremos presos a um único modelo metodológico, mas utilizaremos aquele que melhor responder ao tratamento das informações colhidas, nos momentos precisos.

A sensibilidade é e será reconhecida como a melhor e mais representativa forma de metodologia. Denuncio a sensibilidade “pegajosa”, excessivamente “sentimentalista”. Falo de uma sensibilidade que se traduz em experimentos, invenções, ousadas e, sobretudo, a disposição de ouvir o Outro.

A comunidade científica brasileira que hoje está instituída, logo, padrão de “referendum”, tem se mostrado um tanto solitária nos seus processos de produção. Por muitas vezes discutem e apreciam as considerações somente de seus pares, nas áreas de conhecimento comuns.

Nos fóruns de apresentação de trabalhos os conceitos, definições e ideias demonstram-se em posturas enrijecidas, quase sempre enraizadas nas linhas de pensamentos dos autores de referência, encasteladas em saberes que não se

permitem outros experimentos, invenções e ousadias.

Não se faz aqui uma crítica aos modos de fazer pesquisa, nem mesmo a metodologia científica. Porém, e muito embora o embasamento teórico seja um sustentáculo da caminhada do fazer pesquisa, ainda assim a de se admitir olhar para os “insignificantes” e/ou “desprezíveis” na composição das informações da pesquisa.

Na Disciplina de Estatística, por exemplo, costuma-se dizer que nos elementos “desprezíveis” encontram-se algumas respostas para explicar o todo. Impossível não lembrar o Professor Luiz Augusto Pinto Lemos, com ele aprendi estatística de uso e usuário na biblioteca. Ainda sei fazer um inventário bibliográfico.

Gosto de pensar que nas pesquisas as perguntas que vem a surgir são por vezes mais interessantes que as respostas que se possa chegar. Dessa forma poder-se-á, num futuro logo ali, tratar os sujeitos pelo nome Pessoas, ouvir mais, menos questionários.

A qualitativa sendo uma quântica mais humanizada, que tem nomes, números, dados, informações e resultados, aplicados e retornáveis. Certamente e para cada tipo de investigação, utilizar-se a pesquisa que melhor se adéqua a proposta de trabalho.

Continuarei, ainda por muito tempo, o tempo todo a aprender como me tornar um pesquisador.

Como eu continuo me tornando um pesquisador fazer pesquisas e iniciar no “tricô” é algo semelhantemente igual.

No primeiro *fazer* parte-se de uma necessidade. Uma questão/problema inquieta, desafia ou necessita tratar com técnicas. Também no “tricô”, a partir de uma necessidade leva-se uma pessoa a aprender a tricotar. Seja por terapia, economia, cultura ou uma questão pessoal. As escolhas para o título definitivo, os cenários e os atores, tanto na pesquisa como no tricotar, são muito idênticas.

O tema da peça a ser tecida é tão cuidadosamente planejado e elaborado como é na investigação científica.

Nos dois processos de construção, fazemos descobertas de possibilidades. Entre pontos, laçadas, limites, costuras, tabelas e representações. Uma Rede de

relações se constrói nas etapas dos *fazer*s, uma teia envolvente de muitos saberes nos absorve e vai nos mostrar que toda a peça está Inacabada.

Estamos todos os dias nos tornando pesquisadores de coisas. Nunca está pronto o aprendente de si mesmo. Escolhemos instrumentos, linhas, agulhas, tecnologias, questionários, as cores, metodologias, relatórios, agulhas, arte(s), normas, bibliografias, entre outros, e ainda assim, nem sempre fazemos a melhor representação no final.

Ainda estou me tornando um pesquisador. A cada experiência de pesquisa, em cada encontro, depois de cada discussão, mais vívida a centelha daquilo que irá se tornar em mim, pesquisador.

A chama é muito importante para que se mantenha iluminada à emoção que sustentará a razão, pois acredito que os sentimentos vêm antes da investigação das Pessoas ou do objeto.

Continuar **aprendendo**⁶⁰ a ser um pesquisador é a condição para tornar-se um pesquisador.

Talvez nunca estejamos prontos, não se sabe se, mesmo depois de ir ao arco-íris, *Jimmy* encontrou o pote de ouro. Verdade é que ainda lá está o arco-íris e se pode ir quantas vezes acreditarmos.

Ainda continuo aprendendo a me tornar um pesquisador. A experiência em se tornar pesquisador é, antes de qualquer coisa, permitir-se experimentar. Descobrir ou Redescobrir experimentos, novidades ou sentimentos. Resignificar tudo que havia em mim, antes de escrever este texto, e agora que o Outro lê o que ficou em mim.

Como estou me tornando um pesquisador tem sido a minha descoberta, tal qual os bandeirantes, a cada novo território de saberes um mundo novo de possibilidades em pesquisa se abrem a minha frente.

Ter as certezas é o que não é preciso. Ainda estou me tornando um pesquisador.

Penso em voz alta a Tese. Outros ouvidos escutam. Outras falas querem

⁶⁰ Negrito proposital pelo autor, pois entende que faz necessário destacar a idéia importante do aprender.

escrever. Outros escritos querem falar sobre Educação Ambiental. São Bibliotecários. A profissão do professor-pesquisador, também quer contribuir na pesquisa.

A profissão do pesquisador, antes da vocação docente que tem – professor na Biblioteconomia é ser Bibliotecário. Em rodas de conversas, descontraídas e informais falou-se sobre a proposta de escrever sobre Educação Ambiental. Ler e escrever sobre Educação Ambiental.

Ouviu outros Bibliotecários acerca daquilo que representam ser Educação Ambiental. E na condição de pesquisador – aquele que convida foi convidado a ouvir. Ouvir colegas Bibliotecários. Ouvir sobre Educação Ambiental pelos olhos daqueles que já foram aprendentes da sala de aula.

Nesse grupo de quatro (04) colegas, três (03) cursou a Disciplina Informação e Meio Ambiente, presente no QSL do Curso de Biblioteconomia.

Essas pessoas não são, não eram convidados para a pesquisa. Porém a pesquisa que é espaço para perguntas. Respostas. Dúvidas. Questionamentos. Experimentos. Medos. Falas e escritos. Representação de informações, também é oceano, onde nos arriscamos navegar.

Os textos foram surgindo. A rede que não é uma malha de fios de *nylon* conduziu os escritos que chegavam. Transitavam por uma rede diferente de nome – *on line*. À medida que os lia, mais e mais despertavam atenção. Dedicava-me a ler cada fração de texto ou enunciados que a tal rede trazia.

Percebi que contava com mais quatro (04) pares de olhos a olhar para O que é Educação Ambiental. Para todos um desafio. Um medo. Uma vontade de surpreender o mestre.

Nas histórias de instrumentalização profissional desses Bibliotecários estou presente. Na vida e na profissão. Sou responsável. Somos cativados e a alegria começa antes.

Convidei outros convidados para a festa de escrever.

Estou na expectativa. Eles estão lendo. Escrevendo e escrevendo. Do mesmo modo que trouxemos uma descrição do universo humano da pesquisa – Os catadores de papelão.

Também aqui, descreveremos algumas características que identificam profissional e humanamente esses colegas Bibliotecários, colaboradores com quatro (04) textos acerca da Educação Ambiental.

Entre eles, um dedicou-se para a Biblioteca Pública e Comunitária, e justifica que essa é a sua missão. E mais que uma missão, um necessário retorno para as pessoas, pois entende que a acessibilidade, por vezes, é quase inacessível pelo/para o cidadão comum. Declarou que um Bibliotecário é “ponte” entre a informação e as pessoas. Ainda enfatizou que são muitas as muralhas que encastelam a informação e fontes de informação, com um único objetivo – o poder pelo poder. “A gente precisa ter pessoas cada vez mais informadas e próximas da informação, essa é a revolução do saber.” (THOMAZINE, 2011).

Outro viajou. Partiu de um porto que parecia ou poderia ser seguro, e rumou para outro lugar. Um lugar novo e recheado de desafios. Tanto de natureza pessoal, sentimento e profissional. Quando seguia pela condução da viagem rumo ao desconhecido, não tinha celular, *net* ou *note book* – não mandava mensagens enquanto viajava. Mas tinha o coração apertado. Por ter partido. Por ter deixado. Encontrou no desconhecido, no desafio, a possibilidade de mentir para tempo. Esconder-se da dor que doía e fazia reflexos. “Uma indiada!” Chegou à Escola Estadual Elpídio, num bairro que brilha que reluz que é Cristal. Assumiu e assumiu-se como bibliotecária sócio-educativa de crianças, homens e mulheres – livres ou aprisionados. Conheceu e vivenciou parte do Sistema Prisional do Rio Grande do Sul. Está na Coordenação do Sistema Estadual de Bibliotecas do RS.

O terceiro agarrou a possibilidade de trabalhar na Biblioteca Universitária, diz que a profissionalização que obteve na FURG é o diferencial, hoje, na instituição que atua. Um currículo bastante técnico, de exaustivas atividades práticas foi divisor na seleção a que se prestou, quando concorria a uma vaga para emprego de Bibliotecário. Com relação à Disciplina Informação e Meio Ambiente disse:

“Lembro que uma vez os guris e a (nome), que eram do mesmo grupo de trabalho na tua disciplina, a de Meio Ambiente, trabalharam pesquisando o retorno das sobras do RU né? Foi isso? Era muita coisa. Muito envolvimento. Tu chegaste até conseguir uns jalecos pra eles poder entrar

na cozinha né? Bacana o trabalho deles na MPU⁶¹ quando foi apresentado”. (BIBLIOTECÁRIO 1, 2011 - Documento).

O quarto, profissional Bibliotecário, voltou-se para a área da logística. Atua em uma grande empresa de transportes, na vizinha Cidade de Pelotas, RS. Entre as atividades que exerce, tem uma que o revela como um bibliotecário educador. Disse que a organização e o bom senso são requisitos para todas as profissões. Tanto pelo fato logístico de seleção, de tratamento, da organização e da recuperação da informação, como na prestação às demandas pelos usuários ou clientes.

O tempo é questão vital no atendimento aos clientes. Também importantes são as tomadas de decisão para a disseminação seletiva da informação a que presta. Ainda disse:

“O ambiente de trabalho, desde o aspecto natural, também o humano é cuidado e vigiado todos os dias. As relações são o que dão sentido, pra tudo. Sem esse sentimento adeus toda a informação”. (BIBLIOTECÁRIO 1, 2012 – Documento – *on line* – e-mail).

Ainda contribuindo na Rede de escritas, um Bibliotecário não está na área da Biblioteconomia, mas exercendo relações sociais, afetivas e profissionais.

A área da beleza foi mais intensa. E sob um duelo de profissões, entre a Biblioteconomia, a Outra o arrebatou.

Não perdemos um Bibliotecário. A Outra ganhou um profissional da informação. Com outro jeito de olhar a profissão. Ainda Bibliotecário.

Identificou-se com o “dom” e as possibilidades de fazer o belo trespassar rostos e cabelos, e assim transformar o que poderia não ser tão belo. Esse se diz revelar a beleza. Outro retrato daquela mesma pessoa. Uma profissão que também se volta para a satisfação dos usuários.

Como afirma Ranghanatan⁶² nas cinco leis da Biblioteconomia, aqui destaca-

⁶¹ Mostra da Produção Universitária – MPU da FURG, atividade de mostra de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidos pela comunidade universitária, durante todo o ano. O evento (MPU) ocorre no segundo semestre, geralmente nos meses de outubro.

⁶² Shiyali Ramamrita Ranganathan, Bibliotecário indiano. No ano de 1928 Idealizou as cinco **leis** da Biblioteconomia (**five laws of library science**),

se uma delas: “para cada leitor o seu livro e para cada livro o seu leitor.” Igualmente, em qualquer área de atuação o profissional deve satisfazer o consumidor de produtos/serviços oferecidos.

Esse Bibliotecário, agora embelezador faz diferença na profissão. Proporciona a cada usuário do seu espaço profissional a “tentativa” de satisfazer a necessidade da demanda.

Os instrumentos de trabalho no seu cotidiano, talvez sejam diferentes daqueles de outros profissionais, em outros ambientes. Mas ainda, assim são as relações que se estabelecem que faça a diferença.

Inter-relaciona universos diferentes em comprometimentos tão iguais: informação e usuário satisfeito. Naturezas. Diferentes de bibliotecas, de parselhas de pescador, de containeres coletores de lixo, *kombi*, cavalos, carroças, cachorros. Utilizam-se instrumentos que representam o pão de “cada dia”. Cabeças de bonecas, sobras de batom, cintos e bolsas fora da moda, livros, muitos livros e cadernos, talvez de física, de muitos alguém que fez faxina, tudo são ferramentas. Coisas que representam. E acrescentou:

“Lá no lixão ou lá na esquina daquela rua bem movimentada, que fica bem lá no centro, eu vi agora a pouco, encostado na lixeira, um monte de tralhas, bugigangas mesmo, tipo aquelas coisa que tu nem imagina que uma pessoa usa, precisa ou já usou né? Se tá no lixo”. (BIBLIOTECÁRIO 4, 2012 – Documento - Entrevista transcrita).

Preocupado por está fora dos meios de informação tradicional – bibliotecas e/ou centros de documentação, solicitou emprestado o livro *O que é Educação Ambiental*. Escreveu no contato por e-mail que:

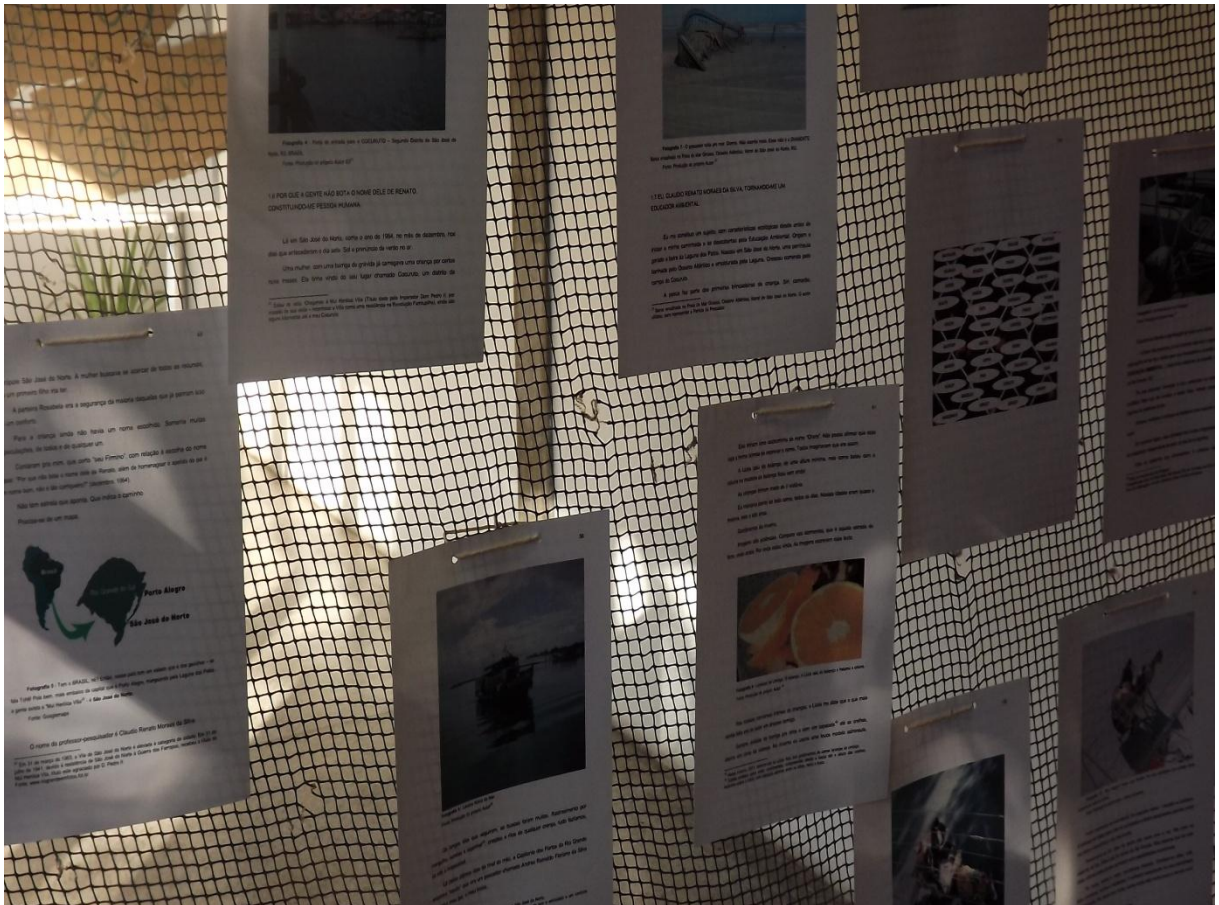
“Claudinho se tu não tiveres o livro para me dá eu pego no NID⁶³. Eu quero ler o livro com esse propósito, expressa a minha opinião sobre o que tá na obra e como é que eu penso que faço acontecer a Educação Ambiental. Pode até não ser aquilo que tu está esperando, mas é uma maneira de ver

⁶³ Núcleo de Informação e Documentação – NID, antiga nomenclatura para identificar complexo de Bibliotecas da FURG. Hoje, a nova sigla que representa o Sistema Integrado de Bibliotecas é SIB (a partir do final de 2011).

e sentir, até que seja diferente. Não esquece que eu fiz a tua cadeira⁶⁴.”(NASCIMENTO, Ana, 2012 – Documento – on line – e-mail).

Tudo são instrumentos. Todos e cada um contam uma história. Muitos são os usuários. Todos justificam uma demanda. Humana ou social.

Quase tudo são **Tralhas Bugigangas e Outras Quinquilharias**, pela FURG FM 10 6,7 MHZ, transmitido todos os sábados às 20h.



⁶⁴ Refere-se a disciplina Informação e Meio Ambiente – COD 10140.

1.10 OUTROS OLHARES

SÃO BIBLIOTECÁRIOS: NASCIMENTO, Ana; MIZETTI, Maria do Carmo Ferreira; THOMAZINE, Sueli Aparecida e WYSE, Thiago Lopes da Silva. Eles leem REIGOTA.

Tudo é construção para os Bibliotecários, que ontem eram aprendentes. Uma fala comum a todos, diz o seguinte:

“[...] ainda estamos “tateando” na apropriação de algum conceito próprio sobre o que é Educação Ambiental. Claudinho, o que pretendemos é oferecer algo que não está pronto ainda. O que a gente apresentar agora, ainda está maturando é jovem, tímido e inseguro.
Tratar sobre Educação Ambiental é muito sério. Quem fez tua matéria⁶⁵ sabe bem como pra ti tudo está sempre faltando mais (rsrsrs).
Tá certo que trabalhamos e transitamos pelas dez grandes áreas do conhecimento⁶⁶, mas saber de tudo um pouco é diferente de saber muito, tudo, sobre alguma área. Desconsidera o que não te agrada.
Considera que a gente só está contribuindo com prazer em mais um desafio dos teus, que são nossos também né?”(OLHARES DE BIBLIOTECÁRIOS, 2011 – Documento – *on line* e-mail).

Depois de presentear um dos colegas com a obra de Reigota (2009), obtive o seguinte agradecimento:

“[...] legal Claudinho, tu ensina a pescar dá as dicas e ainda aponta por aonde ir, isso é muito bacana. To aumentando o meu acervo.” (BIBLIOTECÁRIO, 2012 – Documento – *on line* e-mail).

Todos os Bibliotecários fizeram a leitura da obra de Marcos Reigota, edição 2009, O que é Educação Ambiental? Com a leitura que fizeram, presentearam-me com seus textos, sobre O que é Educação Ambiental.

Neste momento, esclarecemos ao leitor que as falas transcritas dos

⁶⁵ Disciplina Informação e Meio Ambiente – COD 10140 Quadro de Sequencia Lógica - QSL Biblioteconomia, lotada no Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI FURG.

⁶⁶ Na Biblioteconomia as dez grandes áreas do conhecimento, segundo o Código de Classificação Decimal de Dewey – CDD, pelo Bibliotecário Melvin Dewey são: 000 [Generalidades](#); 000 [Filosofia](#); 200 [Religião](#); 300 [Ciências sociais](#); 400 [Línguas](#); 500 [Ciências puras](#); 600 [Ciências aplicadas](#); 700 [Artes](#), 800 [Literatura](#) e 900 [História](#) e [Geografia](#).

profissionais Bibliotecários serão identificadas por BIBLIOTECÁRIO 1, BIBLIOTECÁRIO 2, BIBLIOTECÁRIO 3 e BIBLIOTECÁRIO 4, dessa maneira , e nesta ordem.

Referencia Bibliográfica de leitura:

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 107 p.

PARA LER DIFERENTES OLHARES DE BIBLIOTECÁRIOS sobre a obra de Marcos Reigota e a representação de EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

BIBLIOTECÁRIO 1 “Lendo Reigota percebi que Educação Ambiental vai além do simples significado dessas palavras, tanto unidas como separadas. Quero dizer que o sentido literal delas não é válido para determinar o seu real conceito. Isso na verdade é mais um capítulo em que o autor aborda de uma maneira simples e citando exemplos desse conceito já formado por demais autores da área. O autor nesta obra busca mais do que o compromisso de oferecer respostas ao que realmente significa esse termo. Nessa busca ele lança uma proposta que visa fortalecer a capacidade do indivíduo de entender-se como cidadão e cidadã (escrevendo assim como no seu texto o tempo todo, que nos permite perceber a importância da exposição na distinção dos sexos até para quem já efetua a sua leitura. Entendendo que não só existe o sujeito homem, o que nos permitiu pensar que o uso desse termo gera um ‘descompromisso’ no que diz respeito a inclusão social) atuantes na sociedade em que vivem. A proposta de Educação Ambiental como educação política é o foco de Reigota. Nessa obra reeditada, revista e ampliada, vê-se a busca por propor esse tema e rediscutir as questões que permeiam a Educação Ambiental.

Distante da forma de somente encarar o simples ser humano como principal criador dos problemas ambientais, é manifestado que através dos homens e das mulheres é que também surgem as soluções para esses problemas. A prova disso está no exemplo citado por ele e dito por ele como sendo bastante utilizado por ambientalistas: “Pensamento global e ação local, ação global e pensamento local” e “Os cidadãos e cidadãs do mundo”. Esses sabendo disso, e sendo protagonistas de ações a fim de solucionar os problemas ambientais. O histórico de Educação Ambiental se dá a partir da enumeração demonstrada por Reigota, de uma série de eventos nacionais e internacionais, que abordavam essa temática nas suas mais possíveis e diversas formas. Inclusive efetuada a formação da denominação ‘Educação Ambiental’, já que cada espécie de evento criava uma denominação para essa ‘educação’. O ponto máximo dessa questão vem com a informação de que assim, desse modo, no Brasil e na América Latina, conseguiu-se estabelecer através de uma perspectiva pedagógica e política a denominação da então ‘Educação Ambiental’.

Descrevendo três exemplos de definições para o termo 'meio ambiente' ele cita a sua própria definição, para assim demonstrar com mais clareza a proposta em que faz valer a Educação Ambiental como educação política. Nela é ilustrada a forma como ele interpreta e conceitua, dizendo que 'meio ambiente' não é apenas sinônimo de meio natural. Por essa razão e com esse exemplo, completa dizendo que é assim que se tornará possível que o próprio aluno e demais envolvidos possam criar uma definição adequada para conhecer e tornar concreto o encontro da resolução para as problemáticas existentes naquele grupo. A importância dos espaços para a efetiva aplicação da educação ambiental é vista num primeiro momento, e nessa obra, nos anos do ensino fundamental. A Educação Ambiental também é cogitada como uma possível disciplina no currículo escolar. Educadores e educadoras discutem a participação do tema nos PCN. Fato esse que introduziu a temática como mais uma perspectiva educativa no ensino escolar. Mas isso, segundo ele, não permite que a Educação Ambiental seja exposta de uma forma esclarecedora e abrangente para o diálogo com as demais disciplinas das outras áreas do conhecimento. É dito que a Educação Ambiental como prática pedagógica, precisa estabelecer além da transmissão do conhecimento científico. Precisa estabelecer relações com a comunidade.

Reigota expõe e comenta os objetivos da Educação Ambiental definidos na Carta de Belgrado Conscientização, segundo ele não é possível transmiti-la por meio da educação. Por educadores esse termo é muito ligado ao pensamento pedagógico; O conhecimento é outro objetivo. A Educação Ambiental não é feita somente através da disseminação do conhecimento científico, mas sim e também, por meio do diálogo entre todos os demais tipos; Comportamento, visto como um risco de fomentar um discurso moralista de 'bom comportamento'. Para isso faz-se necessário discutir e compreender as complexidades psicológicas, sociais, econômicas, culturais e ecológicas de cada comportamento afim de encontrar alternativas possíveis para a solução dos problemas; Competência, é na sua opinião não apenas uma questão técnica que se adquire através dos estudos e de uma formação. É também a forma de se tornar capaz a avaliação, a intervenção, o diálogo, o intercâmbio, que cada um tem com demais pessoas e profissionais com conhecimentos diferenciados e complementares ao nosso; Capacidade de avaliação, que demonstra a necessidade da Educação Ambiental em promover a 'tradução' da linguagem adotada nos relatórios técnicos que por muitas vezes visam mascarar a quem é leigo nessa linguagem; Participação, forma de ampliar a discussão, a difusão e a influência da Educação Ambiental.

O conteúdo da Educação Ambiental não é apenas baseado nos disponíveis em materiais técnico-científicos. Ele indica os que dão origem ao levantamento da problemática. O conteúdo da Educação Ambiental permeia e faz ligações entre o aluno e a aluna desde as questões mais imediatas até os mais gerais. Sua metodologia pode ser aplicada de diversas formas. Aulas expositivas proveitosas quando bem dadas. A troca de experiências entre alunos e alunas, professor e professora se tornam um método em potencial. A ênfase da participação do cidadão e da cidadã como o sujeito possível e real na solução do problema. Essa como uma metodologia participativa. Interdisciplinaridade, palavra chave desde o começo do texto quanto a ideia de Educação Ambiental até a aplicação na sua metodologia.

A forma de avaliação dos alunos e das alunas como um processo de autoavaliação. Mas antes disso ele expõe a 'avaliação de aprendizagem' como forma de avaliação quando usada a transmissão apenas de conteúdo científico a fim de identificar o teor do conteúdo desenvolvido em sala de aula. O estímulo a reflexão e ao diálogo são as formas que fogem do tradicional formato de 'prova' e caracterizam como um bom método avaliativo da Educação Ambiental na escola. Dos recursos didáticos são expostos os mais diversos como os veículos de comunicação nos mais diversos formatos de mídias, bem como filmes, músicas que envolvam a temática.

No Brasil a Educação Ambiental veio como dito antes, já com a definição estabelecida através dos eventos realizados acerca do tema. Ele aponta o 'boom' do interesse da mídia como forma de tornar ainda mais confuso esse conceito. A importância do posicionamento político frente ao tema para as atividades pedagógicas que não podem ser palavras bonitas e 'politicamente corretas' mas sim difundir as noções de bem comum, responsabilidade, ética, cidadania, liberdade, participação.

Como perspectiva futura ele aborda inclusive o PPG em Educação Ambiental da FURG. Relata a existência de escolas que produzem materiais de cunho científico trazendo assim um extenso e poderoso leque pra pesquisa científica e materiais para a aplicação da educação ambiental. Encerra a obra dizendo que educação ambiental é uma das mais importantes exigências educacionais contemporâneas não só no Brasil. Buscando a consolidação da democracia, a solução dos problemas ambientais e as condições dignas de vida.

A Educação Ambiental apresentada como forma e método de aplicar as políticas sociais aos alunos e alunas, professores e professoras, assim como todos os sujeitos envolvidos no desenvolvimento educacional do país". (WYSE, Thiago, 2011 – Documento – *on line* e-mail).

BIBLIOTECÁRIO 2 "A Revolução Francesa com os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, desde então vem pautando movimentos significativos pelo mundo, cujos objetivos são de manter vivo espírito de luta, perpetuando esses valores na sociedade.

No contexto histórico foram acontecendo eventos que marcaram e desencadearam mudanças sucessivas redefinindo as sociedades globais.

A Educação Ambiental no mundo ocupa um lugar de destaque, a partir de 1968 que, através de movimentos mundiais, gritam: - "Sonhamos com outro mundo!" A Europa desafiada pelas transformações percebe que o mundo está em crise permanente e segundo Cohn-Bendit⁶⁷ o planeta terá chances a partir da tomada de consciência que "nosso futuro nos pertence" (2011).

⁶⁷ COHN-BENDIT, Daniel – Político francês de nacionalidade Alemã, ativista do "Maio 1968". Atualmente Líder da Bancada Ambientalista na Europa.

A falta de informação propicia para que a sociedade mundial relacione a Educação Ambiental apenas com a Ecologia e apesar das transformações e crises ambientais, econômicas e financeiras não podem ignorar a degradação da natureza e material.

A ecologia questiona a dinâmica e a lógica dos sistemas produtivos e de vida, argumentando que o ser humano não é capaz de dominar a natureza. Um exemplo é a energia nuclear. A natureza não é controlável e tecnologia que não controlamos ninguém sabe onde vai dar, citando como exemplo os produtos geneticamente modificados, assumindo um papel de “aprendizes de feitiçeiro”.

A Educação Ambiental é permeada pela ética e como cita Reigota:

[...] o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos.

A Educação Ambiental é questionadora, criativa, inovadora e crítica, buscando envolver todos os segmentos do conhecimento científico e porque não empírico, pois os valores culturais e étnicos se manifestam sob várias formas, inclusive artísticas.

Ressalta-se a ética como característica principal na Educação Ambiental, pois irá regulamentar o mercado econômico e direcionar o futuro.

Quando se estabelece: - “quero ganhar dinheiro!” isso degrada o meio ambiente porque o dinheiro decide o mercado. As posturas individuais, quando envolve capital, lançam mãos de recursos diversos como: guerras, corrupção, fome e todos os tipos de ações que degradam a humanidade, na natureza, O PLANETA!

Embora parecendo o contrário, Cohn-Bendit diz que “nunca houve um Império que não fosse comandado pelo povo”.

A globalização nos obriga a criar espaços democráticos e a educação mediada pelas tecnologias e outras mídias dão uma dimensão de liberdade. Apesar da sensação de liberdade dos sujeitos, por estarem ocultas, as relações mediadas pela internet demonstram-se conflitantes enquanto censura versus a revolução tecnológica pela internet, evidenciando mais uma vez o valor da ética e a esperança de liberdade. O ser humano se

liberta quando promove a evolução de sua identidade, desafiando a liberdade e o desenvolvimento do senso crítico e culminando a proposta da Educação Ambiental, as sociedades, cada vez mais conscientes, vêm se posicionando otimista na ação e inteligente no pensamento.

Nessas relações pode-se citar a Alemanha que renuncia da energia atômica, com a desativação das usinas nucleares do país prevista para o ano de 2022. Nesse caso especificamente, a sociedade se mobilizou, posicionando-se de forma a não querer correr os riscos, por questões de segurança. As pessoas por medo dão origem a uma sociedade egoísta.

Assim, as notícias, fatos e os problemas globais e do cotidiano, remetemos às reflexões, induzindo a concepção de propostas e projetos que visam à solução do problema e a consolidação da democracia em sua plenitude. (THOMAZINE, Sueli, 2011 – Documento – *on line* e-mail).

BIBLIOTECÁRIO 3 “Como bibliotecária da Rede Estadual de Bibliotecas Escolares muito tem conversado sobre Educação Ambiental com os professores que atuam nas bibliotecas escolares e com os mediadores de leitura do Estado do Rio Grande do Sul, para que conscientizem não só os alunos, mas toda a comunidade escolar sobre a importância deste tema. Analisando a obra de Reigota observei que ele mostra a Educação Ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam o cidadão e cidadã, e coloca a escola como um dos locais mais férteis para a realização da EA, pois a mesma propicia a criatividade. Conclui dizendo que é necessário abordar os objetivos, conteúdos, métodos e processos de avaliação dos alunos.

O Estado do Rio grande do Sul é um marco na sensibilização e preocupação com o meio ambiente, desde a década de 1950, com a criação da União de Proteção a Natureza. E em 1975, o primeiro Encontro Comunitário pela Proteção do Meio Ambiente.

Em 1982, a lei Estadual de agrotóxicos que posteriormente tornou-se lei federal são ações que demonstravam esta preocupação. O programa Pró-Guaíba planejado em módulos para desenvolver a Educação Ambiental no ensino fundamental é componente na socialização de ações ambientais coletivas.

Quanto às escolas a Secretaria de Estado da Educação, em 1998, através de um concurso de redações e desenhos entre estudantes da Rede Pública Estadual, com idade entre nove e dezoito anos trabalhou a Educação Ambiental, sob forma visual de representação. Foram selecionados 80 trabalhos (40 redações e 40 desenhos) e divulgados em uma publicação. No mesmo ano, 1998 ocorreu a elaboração dos Padrões Referências de Currículo (PRCs) que tinham como princípio o comprometimento com valores ambientais, mobilizando nos alunos e professores interesses e preocupações com a problemática socioambiental.

No Brasil, neste momento, estamos vivendo um importante momento para Educação Ambiental através do Programa Olimpíadas da Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro - pois o tema deste é: “o lugar onde eu vivo”. E o lugar onde eu vivo é reflexo das pessoas, de suas comunidades e do mundo.

Por isso, reconhecer e valorizar a história, o patrimônio cultural e o meio ambiente em nossas comunidades são reforçar a cidadania e a identidade das pessoas em seus grupos.

Para ilustrar o que digo, cito, por exemplo, um aluno que escreveu um texto sobre um “valão” que existia em sua cidade, onde as pessoas jogavam lixo, móveis em desuso, etc... Quando o trabalho deste menino foi classificado na Olimpíada da Língua Portuguesa, a imprensa foi até a cidade entrevistá-

lo e fotografar o referido valo. Após fotos e reportagens, os repórteres encaminharam-se até a prefeitura para conversar com o secretário municipal do meio ambiente e saber da sua posição em relação ao problema ambiental, mas não havia a secretaria do meio ambiente neste município.

O fato deixou o prefeito muito constrangido de maneira que na semana seguinte foi criada a Secretaria do Meio Ambiente na cidade e nomeado seu Secretário.

Assim concluo concordando com Reigota quando afirma que a educação ambiental não é nenhum modismo, pois o modismo é passageiro trata-se de uma necessidade do ser humano. (MIZETTI, Maria do Carmo Ferreira, 2011 – Documento – *on line* e-mail).

BIBLIOTECÁRIO 4 “Para uma Educação Ambiental viva, se praticada todos os dias é preciso que a gente respeite alguns aspectos que são fundamentais, que são: a sensibilidade, a disposição de todos está mobilizada para o bem coletivo, a informação, nos diferentes formatos, suportes e fontes, sempre acessíveis, sempre disseminada, e mais importante, a reunião de todos esses fatores impulsionarem a ação no processo que se chama respeito mútuo.

Pra nós mesmo a informação é muito importante, pois trata-se de um elemento decisório para assumir atitudes. Tu dizes que trabalhamos com o objeto informação e que o nosso objetivo é informar né? Eu também penso assim. Quando eu me reconheci como cabeleireira, senti medo. Cheguei a pensar que havia desperdiçado todo um precioso tempo na FURG, na Biblio. Se cabeleireira e se bibliotecária podem ser diferentes são títulos muito distintos.

Mas Claudinho é como se eu estivesse numa biblioteca, na área, todos os dias. Eu continuo trabalhando com gentes.

Cada pessoa que me procura busca um tipo de informação. De acordo com os pontos de vista cada, sob cada aspecto que é bem particular, todos estão buscando um foco de informação, seja, técnica, social, humana ou de beleza. É um todo que se constrói pelas interações né? Também reli uma xerox da matéria antes da nossa conversa (te aluguei até consegui participa né? Mas tá valendo pra mim). O próprio Reigota⁶⁸ diz que meio ambiente também é concebido como globalizante né? Então é aí que eu me incluo.

Eu e o meu trabalho de relações com as pessoas e o ambiente onde eu as recebo.

Não to fazendo nenhum elogio pra ti Claudinho, mas reconhecendo como foram bacanas as discussões que tu oferecete pra nós, com aqueles textos e as saídas. Podes acreditar tinha muita gente ali que ficou diferente depois dessa matéria. Muita gente guardou o teu material. Até me lembrei de um texto da Tristão se não me engano, um dos últimos que tu trabalhaste com a gente. Lá a autora vai nos falar de duas palavrinhas muito interessantes é Sabor e Saber.

É a mesma raiz e na maioria das vezes a gente esquece-se de dar sabor ao saber.

⁶⁸ Resgatei a citação completa do autor:

“[...] há três tipos de concepções ambientais: antropocêntrica (que privilegia a utilidade dos recursos naturais para a sobrevivência do ser humano), naturalista (que evidencia somente os aspectos naturais do meio ambiente, podendo às vezes excluir os seres humanos das sociedades modernas como se fossem seres extra-ambientais) e globalizante (que evidencia as relações recíprocas entre natureza e sociedade).”

(REIGOTA, Marcos, 1991).

Na lista de referências REIGOTA, Marcos. O meio ambiente e suas representações no ensino em São Paulo, Brasil. *Unambiente*, Brasília; n. 1, p. 27-30, 1991.

Não com essas palavra⁶⁹ mais é assim que ela diz. Li o livro do Marcos Reigota, mas de acordo com a tua bibliografia – to sempre me referindo ao teu material por que foi na tua cadeira que comecei a me interar sobre esse assunto, sabes né? Lembras quando eu disse na tua aula que a gente lavava os carros lá no Cassino, no verão, por mais de uma vez por dia, às vezes?

Eu lembro Claudinho da tua cara de reprovação.

Ainda mais quando a gente teve aquela visita num restaurante lá do teu parente e ele falou sobre o que tinha aprendido sobre o aproveitamento de água.

Bah! Confesso que aquela saída de campo me deixou envergonhado. Era isso aí que eu tinha pra falar.

“Terminei aqui”. (NASCIMENTO, Ana, 2011 – Documento – *on line* – e-mail).

Não estava no *script* dessa obra que é a Tese, um olhar de Bibliotecário, sobre o que é Educação Ambiental, a partir da obra de Marcos Reigota (2009). Porém, convidei a muitos para a festa de escrever. Agora, convidado a ser convidado a ler – não recusei o convite.

Na trajetória pelo Curso de Biblioteconomia, esses aprendentes deixaram suas marcas no mais frio concreto que edifica a FURG. Deixaram rasgados nas paredes e corredores, veios por onde corre a clorofila, que dá cor verde aos vegetais. As garras desses educandos riscaram a lousa mais que poderia marcar o giz. Um comprometimento que tem o amor por princípio, ainda perfuma as salas de aulas do pavilhão quatro. Estou impregnado desse aroma. A Educação Ambiental que está em cada um deles é fruto da semente que dá a árvore maior – que volta a ser semente... A Educação.

A escolha da profissão poderá ser dolorida, ou, no mínimo, passível de uma leve dor no pensamento. Porém a escolha é uma questão de escolhas.

Escolho seguir. Não no mesmo vagão. Descer na próxima estação. Perder o barco que sai do porto, na hora marcada. Voar mais alto que o avião.

⁶⁹ Resgatei a referência bibliográfica e a citação completa da autora:

“As palavras comuns, frequentemente utilizadas nos discursos sobre a Educação Ambiental, começam a parecer sem sabor e a soar irremediavelmente falsas e vazias. Sabor e saber têm a mesma raiz etimológica. Precisamos resgatar o sabor do saber que está no desejo de mudar a vida. As linguagens vagas e totalizantes que impregnam os campos do sentido da Educação Ambiental tornam o cotidiano estressante e (des) potencializam as práticas dos sujeitos sociais.

Tenho pensado e observado, em vários encontros com professores e professoras, educadores e educadoras ambientais, que isso pode ser o elemento desencadeador da sensação de frustração e angústia que sentem, às vezes, pelo gigantesco ideal de reverter o quadro de destruição dos bens naturais e resgatar a relação cultura/ natureza, sociedade/ meio ambiente.”

Na lista de referências: TRISTÃO, Martha, 2005, p.253. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.

Arriscar mergulhar na escuridão de uma noite de inverno – na Hidroviária de São José do Norte, RS.

Descer a pipa e carregar ela por toda a praia – mostrar-se diferente.

Beber todo o vinho, até transbordar toda a vida que ele tem. Perder a vida. Vestibular.

Saber que vai sofrer, por que vai lembrar.

Comer laranjas de umbigo – lembrar-se da amiga.

Tocar na manga do lampião e queimar o dedo – mas precisa arriscar sentir aquele gosto de luz de lampião.

Voltar os olhos pro Norte e chorar muito – até sentir que o peito agora está aberto, dividido por dois tempos. Em um deles Ela está – conta histórias e faz ele se sentir como um reizinho.

Escolher as escolhas certas é não se permitir ter certezas, mas somente todas as possibilidades de escolhas. Tal qual os Bibliotecários, o Claudio também colecionou possibilidades. Possibilidades de escolhas.

Os Bibliotecários escolheram contar o que pensam ser Educação Ambiental.

Tinham escolhas. Escolheram se permitir não ter certezas. Falaram. Escreveram. Mandaram pela rede as suas pescarias. Estão somando na feitura da Rede.

Agora estou forte. Constituído de quem eu sou. Essa é a hora do encontro. Encontro com pessoas que também são catadores de papelão.

São pescadores.

1.11 O ENCONTRO – ESTÁ POR ADVIR O PORVIR

Na mirra que vai perfumar toda a escrita e embriagar a pesquisa, encontra os catadores de lixo – papelão.

Naquela primavera de agosto, setembro e outubro foram colhidas conversas.

Hoje são informações científicas, em processo de tratamento. O professor-pesquisador está no limbo da ciência. Em construção.

Arrisca conceito sobre o que é Educação Ambiental.

Não é sagrado. Não está pronto.

Os catadores de lixo, especificamente papelão, são surpreendidos pelo Natal em outubro. Um presente do professor-pesquisador Noel.

Um embrulho bonito, com fita amarrada e etiqueta da loja.

Um livro. Uma intervenção. Uma proposta de olhar. Olhar de novo. Talvez novo olhar sobre o que têm compreendido o que seja Educação Ambiental.

No que tange a expectativa por resultados, justifica-se que nesse momento da tessitura da Tese, ainda não encontraremos.

Embora tenhamos garimpado relevante material, por exemplo, conversas, observações, fotografias e informações, ainda não consideraram cientificamente tratados para apresentação.

As entrevistas de caráter preliminar e de natureza empírica, sobre a questão eixo dessa investigação – O que é Educação Ambiental... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS, ainda são referenciais de leitura para compor esse trabalho.

Todos os encontros promovidos com os pesquisados têm sido registrados sob o formato de gravação e transcritos o mais originalmente possível, pois entende-se que o valor humanístico é essência dessa produção científica.

As falas dos cinco convidados para a pesquisa, acerca de suas concepções sobre - o que é Educação Ambiental? Estão reunidos em dois blocos de estudos.

Primeiramente, considerações aos escritos empíricos e de livre interpretação por parte dos pesquisados, levando-se em conta a história pessoal de vida desses. No segundo momento, acontece o tratamento das informações e o enfrentamento que ocorre entre linguagem simples e a intervenção literal – leitura da obra de Reigota (2009).

O resultado dessas relações entre discurso social acadêmico e discurso social “de rua” é o desenvolvimento do humano nessa seara de seres aprendentes. Princípios e fins da pesquisa, integrados para a concepção de novos processos de decisão para fazer histórias, novas histórias de vida de gente e de meio ambiente.

Aqui há um dormente que divide o que era um Projeto de Qualificação e o que pretende ser Tese. Até aqui, nesta página, tratava-se da apresentação de uma proposta de Doutorado – A Qualificação, que ocorreu no dia 22/12/2011, com os pareceres da Banca Avaliadora, onde indicavam pela continuidade da pesquisa. Aprovação do Projeto Proposta de Tese.

Considera-se importante trazer esse início de pesquisa, para corroborar no corpo teórico da investigação que seguiu-se pela confecção científica da Tese.

Um malhado e entrelaçado de fios de *nylon* pela agulha de fazer Rede prospecta aquilo que poderá ser uma grande e farta pescaria.

Um projeto de Rede inicia. Muitos redeiros convidados. Cada um sabe um ponto, uma malha ou uma laçada a ensinar. Aceito a todos.

Todos sabem. Estou entre os grandes e fico confortavelmente feliz⁷⁰.

A Qualificação. É quando chegamos à praia e reconhecemos o bote Diamante. As falas do Cocuruto. Um orientador que orienta, para todas as direções, todos os pontos cardeais e portos.

A joia que o lixo me presenteou.

As letras de música que a banca escreveu pra mim.

⁷⁰ Recuso-me a substituir a expressão Feliz, sob pena de me tornar pouco Feliz, sentimento que nem perto de mim passou.

1.12 RESPEITÁVEL PÚBLICO... A QUALIFICAÇÃO



Lixo é: arroz, feijão, pão, luz, massa, refrigerante, feira, passagens, meias brancas ...



Fonte: as fotografias são em Rio Grande, RS (Bairros Cibrazem, Santa Tereza e um lixão na 4ª Secção da Barra). Algumas fotos pelo autor, outras doação do Sr. Adilson (trabalhador informal – Camelô, em Rio Grande, RS).

UM PROJETO DE TESE...

A QUALIFICAÇÃO: 22/ 12/ 2011

**Começa agora, depois da hora 10 (am),
O meu verão.
Ainda não está aberta a temporada de pesca,
Mas pescador pesca sempre.
Estou na proa do Diamante,
primeiro e imediato marujo,
Se precisar mergulho,
Nado,
Vôo até a beira da praia.
Pesco com as gaivotas.**

(Claudio, 2011)

***Com o Victor, Daniel, Leandro, Valdo e Marcos
Qualifiquei.
Aprovado!***

***Sigo catando histórias,
Visitando todos os tipos de lixeiras,
Convivendo com pessoas,
Provando café.***

***Abandono a sacada.
Desço a escada.
Me encontro na rua.
Tenho fé!***

***Mas, “O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL...
... para cinco catadores de papelão,
no centro da cidade do Rio Grande, RS?”***

*É o que pretendo responder – para mim, para a
Banca, para o leitor...
pela voz dos catadores .*

APRESENTAÇÃO DA QUALIFICAÇÃO...
22/ 12/ 2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL – PPGEA**

APRESENTAÇÃO PARA QUALIFICAÇÃO

CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA

**O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL...
...para cinco catadores de papelão, no
centro da cidade do Rio Grande, RS.**

Rio Grande, RS
2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA**

CLAUDIO RENATO MORAES DA SILVA

**O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL...
...para cinco catadores de papelão, no centro da cidade
do Rio Grande, RS.**

- Projeto de Qualificação de Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como pré-requisito para o desenvolvimento da Tese de Doutorado em Educação Ambiental, sob a orientação do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues.
- Linha de Pesquisa: Educação Ambiental não Formal – EANF.

Rio Grande, RS
2011

•	SUMÁRIO	
•	CONSIDERAÇÕES INICIAIS:	01
•	O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL ... para cinco catadores de papelão, no centro da cidade do Rio Grande, RS?	
•	O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL pelo professor-pesquisador: sob um recorte da obra de Marcos Reigota;	
•	QUAL A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL , para cinco catadores de papelão, no centro da cidade do Rio Grande, RS? Com a intervenção da leitura da obra - REIGOTA, Marcos. O que é educação ambiental . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 107 p. ISBN: 9788511001228,	
•		
•	TRÊS OLHARES DE BIBLIOTECÁRIOS sobre a obra de Reigota: CHARLENE Brasil, SUELI Thomazine e THIAGO Wyse.	
•	UMA TESE EM CONSTRUÇÃO	16
•	COCURUTO – Segundo Distrito de São José do Norte, RS, BRASIL	18
•	Eu, por que a gente não bota o nome dele de Renato? Constituindo-me pessoa humana.	
•	Eu, Claudio Renato Moraes da Silva, tornando-me um educador e ambiental.	
•	Eu, Claudio Renato Moraes da Silva, tornando-me um pesquisador.	
•		
•	A TESE: uma jóia no Rio Grande	47
•	Uma jóia encontrada no meu cotidiano.	
•	PRA FALAR SOBRE CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS:	51
•	Catadores de Lixo e o Meio Ambiente Urbano	
•	Catadores de Papelão, na cidade do Rio Grande, RS	
•		
•	AS PESSOAS: convidados para a pesquisa.....	56
•	CONTEXTO DA PESQUISA	58
•	A QUESTÃO DE PESQUISA	61
•	JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS: Geral e Específicos	
•		
•	METODOLOGIA	62
•	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65



Distorcido, com ou 100 foco.

Uma maneira de olhar.

Só uma maneira de olhar!

**Nesta pipa eu navego livre, liberto.
Eu sou a própria Diversidade.**



**Nesse barco eu consigo voar.
Volto pra casa,
Chego da viagem.
Viajo!**



**Uma vez,
Eu já estive
No lugar
Do menino.**

Foi muito Bom!

Foto de uma chegada da pesca do camarão.
Ayrton Melo Neves e seu filho Cícero,
Fev./2011, Pontal da Barra do Norte







Por que a Tese?

JUSTIFICATIVA

Por que pesquisar, investigar *in loco*, entrevistar ou colher falas comuns na multidão?

Para que fora possível elaborar uma produção, muito mais que científica, metódica, **metodológica, uma produção fundamentada no cotidiano do humano pelo humano na** Visão positivista de quem **se vê inserido no contexto social** de um trabalho que, **afogado à margem do "status social"**, seleta o lixo que a humanidade **produz – os catadores e selecionadores de lixo.**

Esses seres tão ou mais humanos, de pouca instrução **escolar, e poucas condições de sobrevivência. Alguns desempregados, com ou sem profissões definidas, mas que dado a busca constante da manutenção de sua dignidade desempenham, efetuar no seu *affaire* cotidiano o cuidado com a cidade, contribuindo, assim, para a profilaxia do planeta.**

Justifica-se ouvir.

Pensando a Tese.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Perceber, por meio do diálogo e entrevistas, qual é a Representação dos pesquisados – cinco catadores de papelão, sobre o que é Educação Ambiental.

Objetivos Específicos:

- Recolher as falas dos pesquisados, dimensionar e apresentar quão significativas são os conceitos de EA, para cinco catadores, a partir da janela que vêem o mundo,
- A partir da leitura da obra O que é Educação Ambiental, de Marcos Reigota – uma intervenção - ouvir novamente os pesquisados e recolher suas leituras de EA.

Os objetivos específicos são instrumentos para trânsito na questão da pesquisa. São responsáveis pelo ir-e-*vir* nas imagens que representa o que é Educação Ambiental nos seus cotidianos, levando-se em conta as atividades que desempenham no meio ambiente, na natureza e com o lixo.

A leitura apresenta-se como instrumento metodológico de intervenção.



A pesquisa vai utilizar a obra o que é EA do Professor pesquisador Marcos Reigota, e esta obra é a **Rede** de fundo para toda a investigação. Trabalhar com os catadores, especificamente de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS, é ouvir pessoas, suas concepções, conceitos, conhecimentos, informações que têm acerca do que é EA, do que é MA. Então a obra de Reigota vem ser contraponto. Tem função de ser a relação de comparação, entre um conhecimento empírico e a informação, como ferramenta de interferência – a leitura do livro.

Percebe-se que no primeiro momento da pesquisa, a bagagem dos pesquisados é “in natura”. Um discurso natural, nato de cada uma das pessoas. Mas que, também é adquirido no seu(s) universo(s) social de convivência. Seja por culturas, formação de instrução, educação na comunidade, heranças de conhecimento, política e as políticas públicas para si, por crenças, religiões. De toda a maneira, esses fatores irão constituir e representar o que é EA para os catadores de papelão, no sentido mais perceptível e intuitivo.



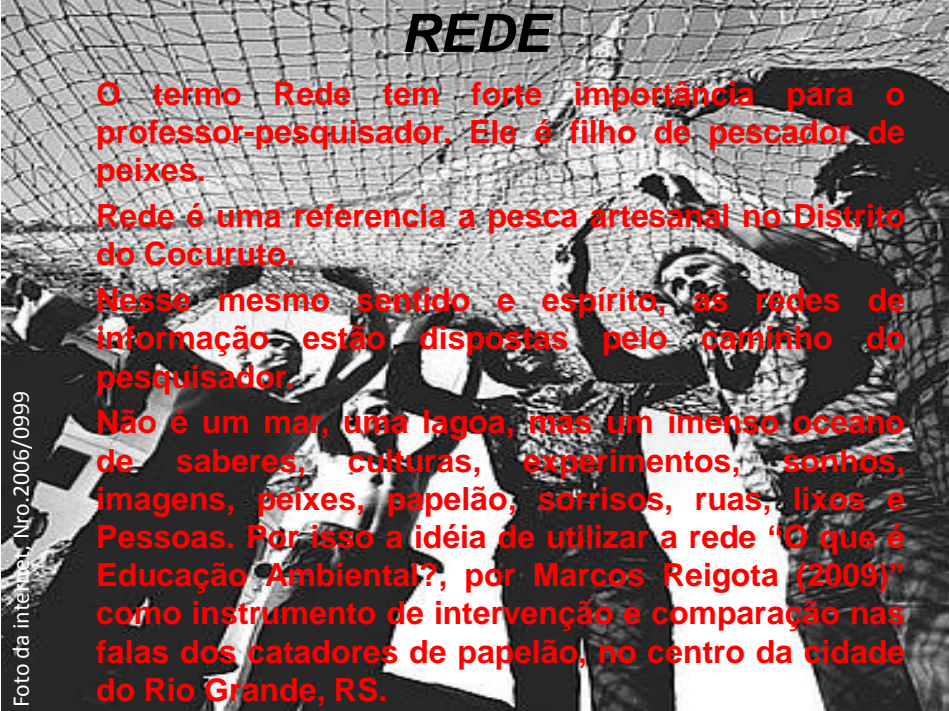
O que é Educação Ambiental ?

E a obra o que é EA, como instrumento de intervenção, “transforma” ou “não” a percepção do que é EA para essas pessoas. O professor-pesquisador presenteou a cada um dos cinco participantes, um volume da obra. E foi proposto que o segundo momento da pesquisa essas pessoas, de posse desses livros fizessem a leitura. E depois, então, pudessem novamente responder ao professor-pesquisador o que é EA?

Qualquer construção que venha emergir, um conceito sobre o que é EA para cinco catadores de papelão, no centro da cidade do Rio Grande, RS está atingindo pessoas. Pela pesquisa, com a pesquisa, nos pesquisados, no pesquisador, nos leitores.

Nesse momento, as suas falas de respostas, para a questão da Tese: O que é EA? passa a ser impregnada de conhecimento científico. A informação, sob uma linguagem pós-coordenada de conhecimento, conjugada por saberes experimentados, por outras pesquisas, agora é referencial no pensamento. O catador de papelão perde-se um pouco do empirismo e tem um olhar interferido pela leitura da obra o que é EA.

Constrói por re-construção, aquilo que tinha como imagem, do que fora EA para si. As novas falas, para a mesma pergunta são agora diferentes.



REDE

O termo Rede tem forte importância para o professor-pesquisador. Ele é filho de pescador de peixes.

Rede é uma referência a pesca artesanal no Distrito do Cocuruto.

Nesse mesmo sentido e espírito, as redes de informação estão dispostas pelo caminho do pesquisador.

Não é um mar, uma lagoa, mas um imenso oceano de saberes, culturas, experimentos, sonhos, imagens, peixes, papelão, sorrisos, ruas, lixes e Pessoas. Por isso a idéia de utilizar a rede “O que é Educação Ambiental?”, por Marcos Reigota (2009)” como instrumento de intervenção e comparação nas falas dos catadores de papelão, no centro da cidade do Rio Grande, RS.

Foto da internet, Nro.2006/0999



REDE

Os catadores de papelão não estão sendo convidados a escrever livros.

Não escreverão histórias. Não escreverão a tese. Porém, e importantíssimas são suas falas, o convívio que proporcionaram, a história que têm e são.

As Pessoas pesquisadas – os catadores de papelão SÃO a história que escreve essa tese. São o corpo teórico tangível, sensível e visceral nessa investigação.

Ouvi falas e comi da comida dessas pessoas.

A Tese - uma joia no Rio Grande, RS.



RETORNO ...do Cocuruto para a comunidade de catadores de Papelão

1. Oferecer as pessoas pesquisadas a apresentação formal da defesa dessa Tese;
2. Também citada a Associação de catadores de Lixo do Rio Grande – ASCALIXO, levar até a Associação uma proposta de Seminário, para a discussão do tratamento, beneficiamento e destino final do lixo coletado na cidade do Rio Grande, RS,
3. Levar as Secretarias do Meio Ambiente e dos Serviços Urbanos, da Administração Pública, um documento final, advindo do Seminário (proposta tema) “Educação, Ambiente, Lixo, Saúde e Catadores, na cidade do Rio Grande,RS.” para apreciação e consideração acerca do mesmo.





Para a Banca Avaliadora,

Eu sou menor que esse barco,

Sou menor que essa lagoa,

Sou tão pequeno que não apareço atrás dos montes.

Sou aprendiz.

Sou do Cocuruto.

Irmão dos peixes. Eu sei voar.

claudio, 22.12.2011

Obrigado!

UMA TESE EM CONSTRUÇÃO...
março de 2010...
Até depois, de depois de amanhã...

O desenvolvimento desse trabalho de pesquisa pretende compor uma **REDE** de relações sociais, de sentimentos e ciências, a TESE.

Segue a construção... A partir daqui apresenta-se a representação da investigação científica.

2 UMA TESE EM CONSTRUÇÃO

E por falar em Educação Ambiental, questão eixo e título desta pesquisa, passamos a confeccionar o texto. Estruturar a arquitetura da Rede que vai sustentar tantos saberes. A Educação Ambiental para além dela mesma.

O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL... um conceito pelo pesquisador, a partir da obra - REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 107 p. ISBN: 9788511001228.

O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS?

O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS? Com a intervenção da leitura da obra - REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 107 p. ISBN: 9788511001228.

Essa questão vai construir três capítulos, para essa Tese. Também, subcapítulos que organizam e dividem ideias e textos.

As falas dos pareceres da Banca Avaliadora são letras de músicas.

Representei, sob a forma de um mosaico de vozes e imagens, as escritas dos mensageiros que avaliam todo o texto.

A taça transborda de tantas informações, tanto conhecimento tratado e servido ao professor e pesquisador. Os interlocutores avaliadores dessa Tese contribuem com música. A orquestra que é regida pela agulha de fazer rede. Todas as falas. As vozes de Valdo, Belinaso, Marcos e Daniel são costuradas – é Rede.

É nesse emaranhado de pontos e nós, todos interligados, que se constrói a Tese “O que é Educação Ambiental, para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS”.

Pode-se afirmar que sem essas linhas. Sem esses redeiros que ensinam pontos novos, tornar-se-ia impossível construir e representar a Rede. Não teríamos uma Rede de pescar.

O professor e pesquisador⁷¹ presenteia os interlocutores da/na pesquisa, os catadores de papelão e os bibliotecários, com a obra de Marcos Reigota “O que é Educação Ambiental (2009)”.

Aqui, nesse ponto da pesquisa o professor e pesquisador presenteia os interlocutores avaliadores desse trabalho com as suas próprias falas. Faz uma costura e apresenta fragmentos das avaliações.

Assim fazemos a tessitura da Rede. Segue as falas que conversam:

[...] Quero salientar a ótima forma de escrita do Claudio, bastante agradável e articulada, bem como salientar a sua proposta de trabalho, o olhar dos catadores sobre a obra O que é educação ambiental, de Marcos Reigota. [...] Sugiro a incorporação de leituras das obras que versam sobre a problemática de resíduos sólidos em Rio Grande, do autor e ex-professor do Mestrado em EA, Artur Santos Dias de Oliveira, que trata dos pressupostos teóricos e práticos que desenvolveram o projeto “Adeus aos Lixões”, penso que de alguma forma, te auxiliarão a compor o “todo” da tua pesquisa, [...].

Posso dizer que um dos momentos de alívio desse dezembro de 2011 foi a leitura do projeto de tese de Cláudio. [...]

Feliz me deixou o texto imagético que tenho em mãos. Não apenas costurado com lindas imagens silenciosas, mas com um texto entrecortado por muitas cenas imaginativas que teimam produtivamente em habitar o leitor. Interessante escrita em fuga da linearidade no texto acadêmico [...]

sugiro uma inventividade metodológica que permita um adensamento de histórias, ou seja, um percurso de pesquisa que permita emergir modos de estar “educador ambiental” mesmo em momentos cotidianos em que isso não esteja deliberadamente e/ou explicitamente informado”.

⁷¹ Os termos professor e pesquisador, em momento algum, sob nenhum sentimento são afastadores entre o Claudio e os catadores de papelão. “[...] a sensação de hierarquização, distanciamento e reverência que tento desconstruir com meu trabalho, textos e praticas pedagógicas e sociais cotidianas”. (REIGOTA, 2011). Isso não ocorreu professor. Colecionei vários e distintos pronomes de tratamento durante a pesquisa, todos importantes e valorosos, como professor, doutor, senhor, moço, meu jovem, amigo, dos meus, parceria, meu filho, vizinho, garoto ... Todos estão em mim. Sou próximo deles, se assim não tivesse conseguido ser, não poderia chamá-los de muito queridos parceiros de pesquisa. São mais que interlocutores – não só interlocutam, mas entremeiam-se nas malhas que construiu a minha rede particular. Pescamos juntos. Catamos sonhos. Desconsidero e condeno o afastamento pela mera hierarquização entre pessoas. Sou um aprendiz de práticas pedagógicas sadias, e um imitador seguidor de reverencia humana humanitária.

“[...] O que é educação ambiental” publicado pela Brasiliense em 1994 tem uma história que se confunde com a minha e sabê-lo sendo lido por cinco catadores de papelão, por iniciativa e intervenção do Cláudio Renato Moraes da Silva com o apoio e orientação do Victor Hugo Guimarães Rodrigues significa um dos seus momentos mais emocionantes para mim. [...]

nunca pensei que poderia ser lido e deglutido por catadores de papelão e isso, tanto nos aspectos pessoais, profissionais e políticos são cheios de significados. Nesse momento só consigo registrá-los aqui e dizer que precisarei de um tempo muito maior para poder explicitá-los aos colegas e a mim mesmo. [...] vocês podem imaginar o que sinto com o trabalho do Cláudio e quando leio em determinado momento que uma criança de seis anos “intervém” e escreve nele e a leitura de “O que é educação ambiental” feita pelos catadores. Isso me conduz a declarar nesse momento público que me sinto muito mais contemplado e reconhecido com a leitura dos catadores de papelão de Rio Grande do que “esquecido e injustiçado” com as questionáveis apropriações indébitas de autores “críticos” ligados ou próximos em diferentes momentos nos últimos anos aos aparelhos ideológicos do Estado. Creio que para o pesquisador em educação ambiental, professor e bibliotecário que o Cláudio é essas observações são importantes na tese e no seu trabalho futuro. [...]

Os catadores tiveram acesso ao meu Lattes e passaram a me chamar afetuosamente de professor Marcos. Tenho grande orgulho de ser chamado e conhecido como professor, num momento histórico em que essa categoria é tão desvalorizada.

“Quero ressaltar neste parecer algumas questões que considero muito importantes em se tratando de um projeto de Tese de Doutorado: a) O exercício da autoria e do envolvimento afetivo presente em seu texto. Tal fato, ao contrário de ser uma questão menor, me parece de grande importância, pois, as nossas pesquisas acadêmicas precisam ser assumidas como algo que nos afeta, que nos atravessa e com o que nos responsabilizamos. [...]”.(CONVERSAS Dos avaliadores – Banca)

O lixo se constitui como a matéria prima da minha pesquisa. O lixeiro e o lixo. O professor e pesquisador científico. O texto do autor. O catador de lixo. O texto e o professor-pesquisador. Os interlocutores na pesquisa.

As relações estão estabelecidas. Desenvolver sentimentos e ciência é o caminho que vamos percorrer. Juntos.

O modo de revelar é de cada um. A imagem só pode ser vista de cada olhar. As pessoas são o caminho da pesquisa.

Degustar do cheiro que está na revelação é tudo o que se tem, aqui.

Nas falas dos catadores de papelão está à primeira intervenção daquilo que pode ser Educação Ambiental. Aqui começa o meu contágio. A doença que é a minha cura. Os saberes que interferem no professor e no pesquisador.

Estou contaminado por oceanos de falas. Falas que faz bem.

Tudo é intervenção. Desde, e, a partir da décima parte do milésimo daquilo que nos desacomoda. Desorganiza. Interfere.

Por isso não cabe trazer uma parte específica da intervenção pela intervenção. Catadores de papelão, autor da obra “**O que é Educação Ambiental**” e pesquisador, todos eles.

O tempo todo. Em toda a pesquisa estão intervencionando, e sendo resignificados.

Sintam-se, todos nós, encharcados de cheiros. Maresias. Cheiros de peixes. De homens. De lixo e arte.

Esse cheiro que matiza a essência e realça o papelão despede-se da prainha do Cocuruto.

Esse trabalho é de natureza livre. É um barco que viaja com um motor de pano, onde o vento é combustível.

Uma grande caixa verde⁷² sem tampa que voa. Um perfume de madressilva se espalha no ar e embriaga toda a gente.

A liberdade da palavra liberta a gravação e a transcrição.

A escrita dessa Tese é livre. Os homens que contam a história desse trabalho falam quando quiserem.

Não tem marcação para a “deixa”. Todos são protagonistas principais no espetáculo.

Não preciso chamá-los para conversar. Eles chegam antes. Colocam-se sempre bem – nos lugares certos. Por isso não cabe pré-definir onde ou quando falam com empirismo ou pela intervenção da leitura.

Todos são convidados - o tempo todo fala.

⁷² Referem-se aos *containers*, caixas plásticas na cor verde, coletores para lixos.

O pretense diretor – professor-pesquisador pede desculpas se por vezes esses atores se mostrarem hiperativamente atuantes e barulhentos.

No entanto, esse pretense diretor regozija-se de tamanha dedicação a cada papel que não foi decorado.

Li, por Mario Prata (1998), um texto grandioso. No mínimo confortante, para aquele momento de escrevente de Tese. Diz assim:

“Sabe tese, de faculdade? Aquela que defendem? Com unhas e dentes? É dessa tese que eu estou falando. Você deve conhecer pelo menos uma pessoa que já defendeu uma tese. Ou esteja defendendo. Sim, uma tese é defendida.

Ela é feita para ser atacada pela banca, que são aquelas pessoas que gostam de botar banca.

As teses são todas maravilhosas. Em tese. Você acompanha uma pessoa meses, anos, séculos, defendendo uma tese. Palpitantes assuntos.

Tem tese que não acaba nunca, que acompanha o elemento para a velhice.

Tem até teses pós-morte.

O mais interessante na tese é que, quando nos contam, são maravilhosas, intrigantes. A gente fica curiosa, acompanha o sofrimento do autor, anos a fio.

Aí ele publica, te dá uma cópia e é sempre - sempre - uma decepção. Em tese. Impossível ler uma tese de cabo a rabo.

São chatíssimas. É uma pena que as teses sejam escritas apenas para o julgamento da banca circunspecta, sisuda e compenetrada em si mesma. E nós?

Sim, porque os assuntos, já disse, são maravilhosos, cativantes, as pessoas são inteligentíssimas. Temas do arco-da-velha. Mas toda tese fica no rodapé da história.

Pra que tanto sic e tanto apud? Sic me lembra o Pasquim e apud não parece candidato do PFL para vereador? Apud Neto.

Escrever uma tese é quase um voto de pobreza que a pessoa se autodecreta. O mundo pára, [...]”.

A construção é algo relativizada pelos olhos daquele que vê. Nesse trabalho, busca-se ver pelos olhos dos pesquisados – catadores de lixo. Nosso olhar a olhar pelos olhos de quem sabe e aprende. A reciclagem pelo lixo que era lixo Pelas afetividades. Pelo texto e pelas falas é o argumento que, por si, defende a Tese.



2.1 A TESE: UMA JOIA NO RIO GRANDE, NO RIO GRANDE DO SUL DO BRASIL.

Havia restos e sobras. De coisas e de comidas – dentro de um enorme prato verde. Ou seria uma bacia? Ou uma caixa?

Peço licença à poesia e identifico o recipiente como um container coletor de lixo.

Encontro a Joia da pesquisa.

2.2 SOBRE O TEMA QUE ME ESCOLHEU

Em uma conversa informal, com um senhor que aparentava mais de cinquenta anos, e que imaginei fosse – catador de materiais descartados no lixo construiu-se minha primeira ideia de pesquisa.

Observava o quão, repetidamente fazia movimentos de ir e vir, desde a lixeira - container⁷³ até a carroça para depositar materiais, especificamente papelão e papel.

Imaginei que fosse catador desse tipo específico de material.

Acertei que era catador de papelão. Pela curiosidade fiz abordá-lo e puxar conversa. Depois de alguns poucos minutos, com o assunto versando sobre todas as coisas e ao mesmo tempo sobre nada, provoquei um recorte em nosso diálogo, quando diretamente perguntei o que achava “sobre o lixo espalhado pelo centro da cidade?”

De imediato começou um discurso que me impactou, tanto pela relevância no que dizia, como pela maneira concreta que descrevia fatos.

As primeiras frases não as tenho registrado, porém a partir de um tempo pedi-lhe autorização para gravar no aparelho celular, o que de imediato assentiu positivamente.

⁷³ Repositório para lixo. Caixas em plástico e com tampa, disponibilizado pela Secretaria de Serviços Urbanos, da cidade do Rio Grande.

Parte dessa conversa está transcrita abaixo e permite verificar a consistência dos argumentos desse quase monólogo, segue:

“Pelo que eu vejo quase ninguém que trabalha com o lixo ou no lixo, não têm nenhuma noção de educação e nem cuidados com os lixos. E muito menos ainda as pessoas que botam vidros no lixo e resto de cacos quebrados, sem nenhuma proteção dá pra dizer que as pessoas não estão preocupadas com as outras pessoas, antes mesmo de pensar no seu lixo. Deviam ter o pensamento naqueles que vive do lixo delas.

Isso é educação, as pessoas tão perdendo isso.

Tanto faz falar do lixo aqui no Rio Grande como nos lixo lá em São Paulo ou Porto Alegre, só depende das pessoas pra coisa melhora, e não adianta culpa a prefeitura pela sujeira das ruas, a gente somos os que sujamos.

Pra mim todas as coisas tão ligadas, mesmo que eu more lá no meu bairro e não venho aqui joga sujeira nas ruas do centro, mas se eu suja a minha rua, essa mesma sujeira vai influir no todo.

Tem um amigo meu que às vezes diz o seguinte – o senhor vai até acha graça, eu acho: a vaca lambe a cria e come o cordão do bezerro, pra nunca mais esquece que tão ligado pra sempre, o mal da gente é que nem sabemos onde perdemos o umbigo.

Eu lá na minha casa são três (03) filho e uma (01) filha e todo mundo lá em casa tá no colégio, até a mulher, menos eu por enquanto.

Eu fiz até a sétima série no Cipriano, depois quando quis ir pro dia não teve vaga pra minha idade, eu trabalho sempre depois das cinco e meia, seis hora da tarde fica difícil pra ir no horário do colégio que começa as sete, mas eu sei que no colégio se aprende muita coisa boa, mas tem uma coisa, a maioria dos colégio e dos professor não tão muito preparado pra fala de educação pra trata de lixo.

A maioria deles vão nas vila dá as aulas e voltam pra suas casas no centro, uns vão de carro, não vão de ônibus, na real tão poluindo né?

Ainda tão levando sujeira pra nós. Claro que isso pode se uma besteira, mas se a gente for falar e se preocupa com a natureza, com esse mundo que a gente vive e que não é nosso, precisava fazer muitas coisas diferentes, tem um monte de modernidade pra dá conforto que é falso faz mais bem do que mal. Tem gente que diz que quando acaba a água não vão tá mais aqui, isso é ridículo, e as planta, essa praça aqui não vai existir mais [. . .]”(ELISIO, 2011 – entrevista transcrita).

Nesse momento começava a se formular a questão da minha pesquisa: “Qual o conceito de Educação Ambiental para os catadores de materiais depositados nos lixos em Rio Grande, RS?”.

Busco conceitos de Educação Ambiental, em mim. Conhecer sobre o que é lixo e quem é o lixeiro. Fico perturbado. Não sei responder. Não esperem respostas. Respondam.

Sufrimento. Um estado de delicada “pena” dos que catam lixo se aproxima e se instala no meu peito.

Confesso que por vezes não conseguia fazer a distinção entre homens dentro do lixo, lixo e lixo com os homens.

Não sou arrogante. Estou triste com esses rascunhos de imagens.

“Não vou me sujar
Fumando apenas um cigarro
Nem vou lhe beijar
Gastando assim o meu batom
Quanto ao pano dos confetes
Já passou meu carnaval
E isso explica porque o sexo
É assunto popular. [...]”
(RAMALHO, 2005).

Vou me sujar. No lixo se for preciso.

Não sei fumar, mas posso dá dinheiro para comprar o seu cigarro. Eu posso beijar. Entregando assim um pouco do meu perfume. Trapos de muitos panos, nas lixeiras, contam histórias. Sexo é educação. É Educação Ambiental. Popular.

O que sei sobre Educação Ambiental é pouco. É quase nada. Então vou buscar os primeiros passos. São os passos que iniciam a caminhada.

Esse não é o único referencial da escritura.

Pela leitura que tenho sobre a obra *O que é Educação Ambiental?* pelo escritor, biólogo, mestre e doutor em educação, com atuação nas ciências humanas, educação e Educação Ambiental, Marcos Reigota, penso que tenho um fio que compõe o pano.

Despertou-me saber qual a interpretação de Educação Ambiental o professor-pesquisador têm, e também, como esse conceito é representado no cotidiano empírico dos catadores de lixo, no centro da Cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul do Brasil. Dos brasileiros.

2.3 COMEÇA A TESSITURA

A Rede virou escrita. Advir a Tese.

Resignificação da Rede. Tecendo histórias e construindo escritas, imagens e ideias. O termo Rede tem forte importância para o professor-pesquisador, pois é uma referência a pesca artesanal, ao período em que o progenitor do professor-pesquisador labutava nessa atividade. Tamanha importância tem a pesca na vida do Claudio Renato Moraes da Silva que se confunde até com o início biológico do mesmo.

A Rede que o protegeu, também alimentou. Foi pano que cobre e aquece afugentando assim, o frio do doce inverno, que não era cruel, mas forte lá pelas bandas do Cocuruto.

A Rede é uma possibilidade de relações para cingir sentimentos.

A Rede é a oportunidade de nos emaranharmos nos nós e ficarmos bem unidos, juntos daquilo e daqueles (as) que amamos ou escolhemos amar.

A Rede não é só uma Tarrafa que abre no ar e abraça o cardume de peixes que já esperam pelo abraço.

A Rede são as costuras que estabelecemos por todas as nossas vidas. As tramas, as laçadas que fazemos na feitura da Rede são beijos de lua, em arrebatadas declarações de paixão, que nem precisam vir a ser amor.

Mas estão na Rede.

Estarão por todo o tempo que a Rede insistir em viver.

Lá, para o Renato, a Rede era a sua maneira de amar. De viver intensa e visceralmente a sua vida.

Na tessitura dele, de acordo com a maneira dele de fazer a Rede, talvez muitos pontos a se soltar. Algumas laçadas não se prenderam o suficiente e deixaram buracos na Rede.

As tramas não foram firmemente amarradas, o que causou grandes perdas nas pescarias.



Fotografia 9 - As Amarras que nos Protegem.

Fonte: Produção do próprio Autor ⁷⁴

Aqui o texto tem significação de tecido. As imagens se entrelaçam:

– “a Rede das pescarias, lá do Cocuruto está aqui e agora uma trama de fios pela agulha de fiar faz o tecido pano que transparece a questão da Tese: **“O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL ... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS.”**

Por que pesquisar, investigar *in loco*, entrevistar ou colher falas comuns na multidão? Mais que dar ouvidos a essas falas, retratar pessoas humanas com figurinos de catadores de lixo.

Homens, mulheres e crianças se fantasiam para assumir papéis... papéis de catadores e/ou pescadores, no mar, no lixo.

⁷⁴“Título: As Amarras que nos Protegem.”

Fotografia pelo autor, no Porto Velho, Rio Grande, RS, em 18 março de 2012. Os nós prendem todos nós a um cabo seguro, no porto. Estamos unidos. Somos as amarras.

Em momento algum essa atividade lhes rouba a dignidade, pois o orgulho de ser trabalhador, independente do setor, só isso já os dignifica.

Entre os catadores que conversamos é unânime essa afirmativa. As condições de subtrabalho são de risco, insalubres e de baixo retorno econômico, mas ainda assim uma atividade de sustenta para alguns.

Essas pessoas têm rostos e mãos, porém muitas vezes ficam perdidos dentro das lixeiras, e quando passamos, na pressa de *despachar* sacos de lixo, não os vemos. Ou pior, os ignoramos. Quando não os confundimos com aquilo que carregamos. É muita pressa. É o sistema.



Fotografia 10 - Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável - MNCR

Fonte: Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável⁷⁵

Vislumbro a possibilidade de investigar o discurso sobre o que é Educação Ambiental, para os catadores de papelão. E um segundo momento, confrontar esses conceitos encharcados de empirismo pela leitura da obra de Reigota (2009).

⁷⁵Foto disponível no site www.mncr.org.br
Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável - MNCR

2.4 PRA FALAR SOBRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS:

Catadores de Lixo e o Meio Ambiente Urbano

Catadores de Papelão, na Cidade do Rio Grande, RS.

Para constituir os interlocutores dessa investigação, buscaram-se no II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia alguns subsídios que possa representar a sociedade emergente – catadores/selecionadores e recicladores de materiais recicláveis.

O II Congresso Nacional⁷⁶ preconiza que “estimativas do Banco Mundial apontam que cerca de 2% da população das cidades da Ásia e da América Latina sobrevivem da catação. A atividade de catação ilustra uma área que vem sendo paulatinamente explorada, que é o potencial gerador de renda de programas de reciclagem. Nos países do chamado terceiro mundo, a reciclagem ainda se sustenta mais no trabalho informal desse segmento do que na cultura ecologista – ainda incipiente – da população. A complexidade e intensidade do processo de catação variam de país para país, de local para local, mas, em geral, as condições de trabalho desumanas, a superexploração dos intermediários da reciclagem, o preconceito da população local e a falta de incentivo e de apoio do poder público são alguns dos elementos comuns em quase todos os lugares onde esta atividade está presente.

Além disso, os chamados processos de modernização do setor de resíduos sólidos têm significado, via de regra, privatizações o que, conseqüentemente, implica em extinção das oportunidades de trabalho para o setor informal, como registra a literatura especializada (Birkbeck, 1978; Furedy, 1984).

No entanto, as últimas décadas vêm presenciando, em várias partes do mundo, um processo de organização do segmento de trabalhadores informais da reciclagem em cooperativas ou associações, que, em muitos casos, vêm se engajando em diversos projetos de reciclagem em parceria com administrações

⁷⁶ Anais do II Seminário Nacional - Movimentos Sociais Participação e Democracia 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil ISSN 1982-4602

locais. No Brasil, várias cooperativas de catadores foram fundadas nos últimos anos, como por exemplo, a *Coopamare* de São Paulo.

Em Minas Gerais, o surgimento da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte – a ASMARE⁷⁷ -, em 1990, trouxeram à cena “novos sujeitos sociais” que problematizaram a postura histórica em relação aos catadores como sujeito incapaz de intervir nas ações que lhe diz respeito, ou seja, como sujeito portador apenas de mazelas e deficiências.

A implantação de uma política de resíduos sólidos de forte cunho cidadão, a partir de 1993, através do *Projeto de Coleta Seletiva de Belo Horizonte em Parceria com a ASMARE* pela Superintendência de Limpeza Urbana – SLU contribuiu na atribuição de “status semi-público”⁷⁸ a este segmento empenhado na construção de uma identidade coletiva enquanto agentes ambientais. Belo Horizonte também foi pioneira na incorporação dos carroceiros do entulho da construção civil, através do *Programa de Correção Ambiental*, da SLU, que implantou duas estações de reciclagem de entulho e várias estações de recebimento de pequenos volumes de entulho onde os carroceiros que trabalham no recolhimento desse resíduo podem fazer a correta deposição dele.

Percebemos que esses projetos funcionam como modelos demonstrativos das possibilidades integrativas a partir da gestão de resíduos sólidos e vêm inspirando não somente a organização de várias associações/cooperativas dos trabalhadores informais da reciclagem no Estado de Minas Gerais e no resto do Brasil, como tem também criado um clima de maior sensibilidade das administrações municipais para a importância da criação de alternativas de incorporação do segmento de trabalhadores informais do lixo. São caminhos que podem ser seguidos, em qualquer lugar. Bastaria uma vontade. Um querer. E tudo é possível ser ou voltar a ser.

⁷⁷ A partir de um trabalho sócio-pedagógico desenvolvido pela Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte no final da década de 80.

⁷⁸ Remeto-me à análise de Offe das três dimensões de análise das organizações de interesse, quais sejam: [...]1. O nível da vontade, da consciência, do sentimento de identidade coletiva e dos valores dos membros que constituem o grupo de interesse; 2. O nível da “estrutura de oportunidade” sócio-econômica da sociedade dentro da qual um grupo de interesse emerge e atua; 3. As formas e as práticas institucionais que são proporcionadas ao grupo de interesse pelo sistema político e que conferem um status particular à sua base de operação (1989:224).

O anteprojeto de lei de iniciativa do Poder Executivo que tramitava há anos no Congresso Nacional foi recentemente⁷⁹ regulamentada pelo Presidente Lula e "institui as diretrizes para os serviços públicos de saneamento básico e a Política Nacional de Saneamento Básico – PNS", estabelecendo diversos requisitos de caráter geral extremamente importante, destacando-se entre eles o estabelecimento de diretrizes para os serviços de manejo dos resíduos sólidos referentes à inserção social de catadores de materiais recicláveis, bem como oferece o anteparo legal à celebração de convênios e contratos com associações e cooperativas de catadores. Essa política representa um avanço histórico em termos do reconhecimento do direito ao trabalho aos catadores de recicláveis, à medida que as diretrizes oferecem os elementos legais necessários que podem dar anteparo às legislações estaduais e municipais específicas de incorporação de catadores em projetos de coleta seletiva. E mais, o catador passou também a ter representação no Comitê Interministerial. Tal Programa prevê a criação dos Fóruns Lixo & Cidadania, cuja gênese será desenvolvida um pouco mais adiante no texto. Elaborado originalmente por uma equipe técnica especialmente constituída para essa finalidade em 2004: Grupo de Trabalho Interministerial de Saneamento Ambiental e Inclusão Social de Catadores de Lixo criado pelo Governo Federal em 11 de setembro de 2003⁸⁰ através do Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis. Nos últimos anos, recursos de diversos programas federais passaram a ser colocados no setor de resíduos sólidos e, em especial, em programas de capacitação de catadores.

De um lado temos o processo sócio-organizativo desse segmento social, tradicionalmente avesso à organização – os catadores de papel, trabalhadores de rua do setor de reciclagem e cuja trajetória de vida da maior parte de seus integrantes remetia-se ao viver na rua⁸¹. De outro, temos todo o processo de surgimento, no Brasil, de novas formas de participação política e de experiências de que busca resignificar a participação política para além do direito de votar e de ser

⁷⁹ O presidente Luiz Inácio Lula Silva assinou, dia 21 de junho de 2010, durante a 4ª Conferência Nacional das Cidades, em Brasília, o decreto que regulamenta a Lei 11.445, conhecida como Lei do Saneamento Básico. Sanciona, no dia (02) de agosto, de 2010, a Lei que cria a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).

⁸⁰ O Decreto 3214 de 11 de setembro de 2003 cria o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo, com as finalidades de: implantar o projeto interministerial "Lixo e Cidadania: Combate à Fome Associado à Inclusão de Catadores e à Erradicação de Lixões".

⁸¹ Tal característica vem mudando nos últimos anos em decorrência da complexificação da questão do desemprego. Várias associações/cooperativas têm sido compostas quase que exclusivamente por pessoas desempregadas.

votado, nos quais os fóruns lixo e cidadania se inserem com forte representatividade. Particularmente, na cidade do Rio Grande, RS o trabalho dessa sociedade de trabalhadores - catadores e selecionadores de materiais estão representados pela Associação de Catadores e Separadores de Lixo do Rio Grande – ASCALIXO.

Porém, entre a comunidade de catadores é comum alguns preferir entregar/vender seus materiais para compradores diretos sem a intermediação da Cooperativa – ASCALIXO.

A Associação, formada em 1991, inicialmente por um grupo de mães do Bairro Navegantes, um dos primeiros a integrar o programa (passou a triar e comercializar os materiais coletados); a Associação de Trabalhadores Autônomos de Recicladores de Resíduos (ASTARR) criada em 2000, formada por pessoas que trabalhavam catando no lixão dos Carreiros, e o Centro de Estudos Ambientais - CEA⁸², do Rio Grande, que conseguiu incluir na Lei Orgânica do Município a obrigatoriedade da coleta seletiva na totalidade do município, destinando a arrecadação obtida com a comercialização para associações de moradores e escolas públicas.

Antes de 1990 a triagem dos materiais para comercialização era realizada por funcionários da própria prefeitura, o que se verificou inadequado; não houve

⁸² O Centro de Estudos Ambientais – CEA é a primeira organização não governamental ecológica do sul do Rio Grande do Sul. Foi legalmente instituída em 18 de julho de 1983, em Rio Grande, de onde procurou desenvolver ações na região. Nesse sentido, no início dos anos 90, o CEA estabeleceu um escritório regional em Pelotas.

Rio Grande e Pelotas são municípios localizados junto a Laguna dos Patos, cenário de encontro entre o pampa e a zona costeira, região de ecossistemas belos e de rica diversidade biológica. Dunas, marismas, campos, matas e banhados (Zonas Úmidas) conformam suas relações ecológicas, insuficientemente protegidas, como é o caso do Banhado do Taim, legalmente tutelado pela Estação Ecológica do Taim (ESCTAIM), ainda que de forma parcial.

O CEA prioriza a cooperação com outras instituições, por considerar que os ecossistemas se espalham para além dos limites municipais e, no caso das Zonas Úmidas, para mais além, através das fronteiras políticas do Brasil e Uruguai, requerendo uma aliança entre diversos agentes para implantação de medidas de cuidado ecológico.

A exemplo da nova configuração dos movimentos sociais emergentes na década de 80, o CEA foi constituído inicialmente (e mantém esse perfil até hoje) por pessoas preocupadas, não só com as consequências sociais e ecológicas negativas resultantes do modelo de vida urbano/industrial hegemônico no planeta, mas também com a retomada da democracia e o exercício da cidadania, valores e práticas sufocadas até então, pois Rio Grande era considerada área de Segurança Nacional e, entre outras medidas ditatoriais e autoritárias do governo militar, o prefeito não era escolhido pelos eleitores. Outra característica definidora do perfil do CEA é a ausência de busca de lucro e muito menos remuneração de seus membros, que na maioria das situações colaboram de forma voluntária e sem contrapartida financeira pelo seu envolvimento em ações e projetos.

<http://centrodeestudosambientais.wordpress.com/about/>

preparação dos funcionários e conseqüentemente criou-se uma conotação pejorativa para alguns, que chegou a considerar a triagem uma espécie de punição.

A partir de 1991 a triagem e a comercialização de materiais recicláveis passavam a ser realizada pela ASCALIXO.

A entidade se tornou de “utilidade pública” pela Lei Municipal n. 4.756 de 16/04/93. A estruturação da associação de catadores permitiu a expansão do programa de coleta seletiva na cidade para o centro já em 1991 e para a praia do Cassino, situada a 15 km da sede do município, em 1993.

Segundo o fundador daquela Associação, Honorino Renon, em um encontro ocorrido em outubro do corrente ano, diz que graças ao apoio da Prefeitura, foi possível aumentar a área física e, nos últimos cinco anos (2006-2011), a produção da ASCALIXO saltou de 540 para 1250 toneladas em 2010, sendo que neste ano poderá atingir 1500 toneladas. Além disso, o número de prensas também aumentou de duas para seis equipamentos.

Para Renon (2011), ainda é difícil tratar sobre trabalho cooperado:

“São proporcionados cerca de 30 empregos diretos, em todo o município. As pessoas que eram desempregadas ou catadoras de lixo, que andavam pela rua, hoje têm na Associação uma casa, uma família e tem emprego. Mas mesmo assim é meio difícil convence os catadores que a Associação, que é uma Cooperativa só quer o bem deles, quanto mais material a gente tiver para oferecer ao comprador, maior a negociação para o preço. Quando a gente vende em grande quantidade todos ganham mais, e recebem um valor mais justo. Muitos deles pensam que a gente tá aqui para tirar deles, e não é isso, a nossa preocupação é igual se fosse para um amigo ou um parente nosso, se justo e não deixa que eles sejam enganados por aí. Os compradores diretos não têm interesse no nosso trabalho de grupo, eles preferem um por um levando o material, dessa forma a negociação é mais fácil”.(RENON, Honorino, ASCALIXO, 2010/1).

Destacou, ainda, que a ASCALIXO é reconhecida nacionalmente e tem apoio da Refinaria Ipiranga nas campanhas educativas. A ASCALIXO é a primeira ONG com fim específico de reciclagem de lixo do Brasil, tendo 16 anos de funcionamento. Ainda salientou que o convênio tem duração de 12 meses podendo ser prorrogado. "A ASCALIXO é uma associação de trabalhos cooperativados, sem fins lucrativos, e com o apoio da Prefeitura estamos crescendo cada vez mais", disse ele.

A literatura disponível nos oferece pouca ajuda em relação ao entendimento da possibilidade de constituição de pessoas sociais a partir da *rua*. Lefebvre, em a *Revolução Urbana*, embora reconhecendo em seus argumentos “a favor da rua” que “na...rua”, e *por esse espaço, um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, apropria-se dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado*, também nos adverte que a mesma...não permite a constituição de um grupo, de um “sujeito”, *mas se povoa de um amontoado de seres em busca* (1999:30).

No entanto, várias experiências de organização desse segmento de trabalhadores de rua vêm se constituindo no Brasil (tendo mesmo sido constituído, em 2001, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis), principalmente a partir da visibilidade adquirida pela experiência de organização dos catadores de Belo Horizonte cuja parceria com a Administração Municipal, desde 1993, ajudou a evidenciar as possibilidades de intervenção por políticas públicas voltadas a essa sociedade.

Tomando o exemplo do que ocorreu em Belo Horizonte, pode-se adotar alguma tomada de ação, aqui em Rio Grande. Sobretudo, no que tange a intervenção por políticas públicas voltadas para esse segmento da sociedade – catadores e selecionadores de lixo.

Como forma de retorno para os pesquisados é pretendida uma apresentação desse trabalho, para os órgãos competentes no município do Rio Grande, por exemplo, Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Serviços Urbanos e Secretaria de Saúde. Dessa maneira, entende-se que ocorre o retorno social da pesquisa.

Instrumento para aperfeiçoar formas de conhecer e ajudar aqueles que são selecionadores e limpadores, de parte do lixo, na cidade do Rio Grande, RS.

Para responder a questão da tese – O que é Educação Ambiental... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS é importante que a dinâmica da pesquisa não seja entendida como um simples colher falas. Há toda a velocidade que transita pela cidade, na rua e, passa pelos catadores. Acontece nos catadores, mas, excepcionalmente, eles notam. A energia que é luz está acima das suas cabeças. Eles leem. Têm pressa e tranquilidade, mas a energia de um entremeado de fios está sobre eles, em alta velocidade (Ver fotografia 11).

2.5 AS PESSOAS QUE TRABALHAM NA COLETA DE LIXO:

Convidados para a pesquisa.

As pessoas que trabalham informalmente na coleta de lixo para transformá-lo em educação, alimentação, saúde, vestuário e alguma qualidade de vida são valiosas, pois contestando a todos os olhares de desprezo e superioridades, conseguem fazer a mágica de transformar papelão em par de meias brancas.

Todos os dias, ao nosso lado, no meio de nós, visíveis ou não visíveis, lá estão os catadores de sonhos.

Posso afirmar que a questão surge, também, principalmente, pelo fato do meu conforto social. A sacada da minha casa permite que assista essas pessoas nos seus afazeres, quase que diariamente. Sem que eu nem as tenha percebido ali.

Observava, quase que invisíveis esses trabalhadores, desde a minha janela. Vejo um tapete verde que são as copas das árvores da Praça Xavier Ferreira. Um flerte de imagem da Laguna dos Patos namora comigo. Vejo o urbano, carros, carroças, poluição.

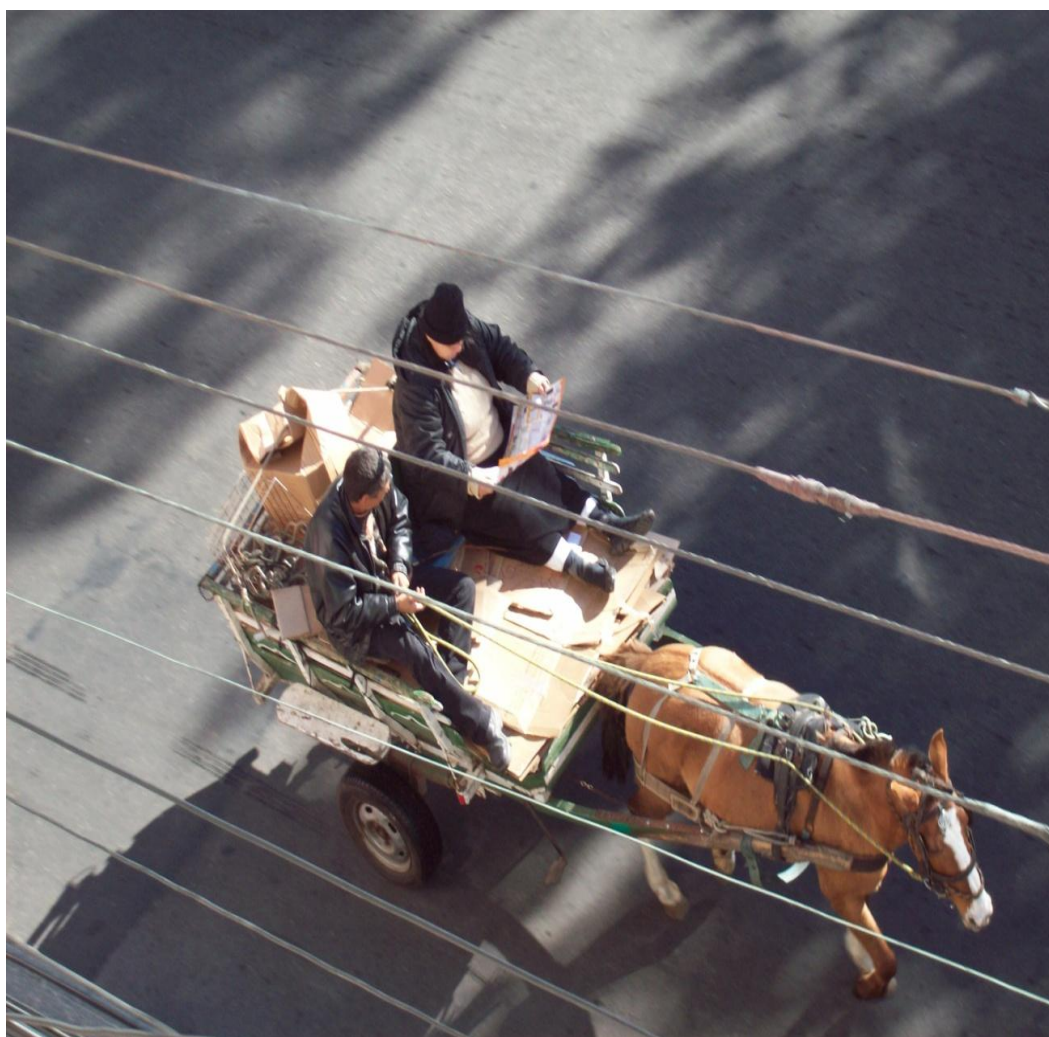
Mas também vejo gentes catando lixos nas lixeiras.

Catando, selecionando, às vezes comendo. Isso faz parte do meu cotidiano, moro na Marechal Floriano Peixoto, que fica no centro da cidade do Rio Grande, RS.

Lá estava à joia. A joia do Nilo, também é imperceptível aos olhos de quem vê visível aos olhos que se permitem enxergar.

Com esse elenco, cinco catadores de papelão pretendem-se trabalhar Educação Ambiental.

Essa pesquisa é veículo que leva até as casas e as famílias dessas pessoas.



Fotografia 11 - Ler. Ler a leitura da própria vida cotidiana. Ler.

Fonte: Produção do próprio autor – um olhar da sacada.



Fotografia 12 - Boa Viagem! Penso que deveria Ter uma santidade que proteja os/as catadores de todas as coisas.

Fonte: Produção do próprio autor – ainda na sacada.

Foram momentos de convivência. Em algumas visitas – imersão no cotidiano. O interesse, por saber quem são os convidados a serem pesquisado, permitiu entrar nas casas e descortinas o véu das janelas.

Proporcionou-se um olhar de dentro das casas para a rua. Não eram só catadores de lixo, pelas ruas do centro do Rio Grande. Mas pessoas que de suas casas, olhando pelas janelas sonhavam com possibilidades econômicas.

Por vezes sentei á mesa com/dessas pessoas. Dividiram-se pães, café, água, conversas, sonhos e realidades. O professor-pesquisador foi uma metodologia de intervenção. Por vezes ouvi muito, outras vezes falei muito pouco e torne a ouvir um pouco mais.

Tudo é metodologia para a pesquisa.

Para quem escrevemos?

Percebi que as famílias liam o livro do Reigota. Como posso afirmar isso? As conversas revelaram. Ainda compartilhavam da leitura com o professor-pesquisador.

Os comentários ora surpreendentes, ora impactantes, mas sempre, todos muito interessantes para os ouvidos de quem enxergam e para os olhos de quem se permite sonhar.

A intervenção estava acontecendo. O presente está sendo usado. Nem todos nessas casas são leitores, mas todos, em todas as casas são excelentes ouvintes.

Uma curiosidade foi encontrar uma criança de seis anos que desenhou nas folhas brancas do livro. Também nessa pequena pessoa aconteceu a intervenção.

Compondo com o conhecimento, anteriormente expressado através das entrevistas, a leitura da obra *O que é Educação Ambiental* vai permitir ao professor-pesquisador garimpar nos pesquisados qual outra dimensão que têm sobre Educação Ambiental, depois da leitura oportunizada.

Nesse segundo capítulo, prenuncio do final dessa investigação. Outras apropriações sobre Educação Ambiental vão emergir.

Outros olhares sobre o que é Educação Ambiental se tornarão.

Na minha lixeira, agora aberta e escancarada para a catação, reconsiderarei e redescobri materiais descartados. Hoje, todos recicláveis.

Todos esses catadores de lixos são recicladores de muitos momentos nossos. A partir dos materiais encontrados nos lixos das cidades, podem-se identificar tipos de pessoas, de vidas, de consumo e de Primeiro usamos que depois de usar.

Faz parte dessa Tese, como é em toda a produção intelectual e braçal – seja escrever, pescar ou catar – um momento que vai aproximar o leitor do final da escrita.

E quando as representações de teatro. Vida. Arte. Pesca. Dança. Voo ou final de um dia de catação de lixo, nos aproximamos do silêncio das falas. A defesa dessa Tese. A própria defesa do professor-pesquisador.

Uma resposta para uma pergunta.

Uma pergunta simples. Objetiva e direcionada. O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL? Porém, muitos discursos. Falas. Um festival de música respondeu a singela pergunta. Do alto daquela sacada pensava que estava vendo gentes. Desci pelas escadas, coloquei-me o mais próximo possível daquele barco verde⁸³ e o meu olhar viu Pessoas.

Naveguei por um oceano. Os meus olhos vislumbraram a luz do norte, uma luz que não era de lampião. Ainda no mar, seguro, pescava na proa, com o Diamante negro que me segurava pelos ombros. Minha segurança.

Saber o que é Educação Ambiental é difícil. É fácil. É nada complicado. É simples como são as infâncias daqueles meninos que ficou lá naquele campinho, com aquela graminha verde. É puro sentir daqueles que garimpam, pescam e catam coisas de pessoas.

Os catadores de papelão não só responderam a pergunta, como também, a partir de suas diferentes maneiras de jogar a Rede pescaram em mim muitas outras respostas. Algumas outras perguntas e histórias, como “As histórias que os pescadores não contaram: ...” (FOGAÇA, Alice, 2008).

“Olha meu filho, não sei se aí nas tuas pesquisa tu vais saber mesmo, o que é que nós catador sabe e diz que é Educação Ambiental. Pode que um ou outro diga coisas mais certa praquilo que tu precisa. Pode até que alguns de nós, e pode ser eu mesmo, que diga coisa aí pra esse teu gravador que nem é nem perto do que tu queria. Eu so um homem que podia se teu pai, e vou te dize uma coisa que seria bom que tu escrevesse no teu trabalho, isso pode ajuda, depois que tu tiver lendo ele a entende muitas outras coisa que tu não pergunto⁸⁴. Fica perguntando pra nós o que é Educação Ambiental é muito fácil, por que a gente tá acostumado todos os dias a lida com esses assuntos. Não é por que a gente tem mais conhecimento que as outras pessoas que não lido com catação, limpeza das ruas mesmo, que a gente sabe mais. Talvez seja por que pessoas como eu e os outros colegas são mais preocupados com o que que sobra das compra e não com as compra propriamente dita. A gente já não tem muita condição de compra coisa, mas geralmente a pessoas que trabalha com a consciência que tem do lixo, e do lixo que se produz é mais fácil pra nós pensa lá na frente – o que vai sobra e pra onde vai a sobra daquilo que a gente tá comprando. [...]”

⁸³ Barco verde, entenda-se *container*’s.

⁸⁴ Utilizei, textualmente, ortograficamente e, tentei reproduzir a emoção daquele homem, que disse poderia ser meu pai. Depois de encerrada a nossa conversa, a gravação pelo meu gravadorzinho, ainda conversamos por mais um tempo e, então disse a ele que toda a sua entrevista seria transcrita (escreveria todas as suas palavras) e utilizada integralmente no meu trabalho.

Nesse ponto da conversa, enquanto lê essa declaração de Educação e Educação Ambiental, (GUIMARÃES, Leandro, 2012), na Defesa dessa Tese, lá no dia 23 de agosto, naquela manhã de sol, na Casa FURG, disse:

“To arrepiado. Estar mais preocupado com as sobras do que as coisas em si mesmos ... é no mínimo de arrepiar.” (Leandro Belinaso Guimarães, 2012).

[...] Entendeu meu jovem. Tá conseguindo vê⁸⁵ onde eu to querendo chega? A gente vai no supermercado também, e vai na feira, a gente é pessoas pobre mas trabalha e tem uma vida igual a todos os outros. Não vo dizer que compra não é bom, mais a gente que tem muito pouco e com o pensamento que tem, não se comprava tanta coisa que nem se precisa é fluxo de compra né?⁸⁶ A pessoa vai comprando, empilhando coisa em casa é caixa, vidro, um monte de sacola plástica, compra tanto produto pra isso e praquilo e todos são o mesmo, só se diferença nos nome mais tem as mesma finalidade no uso. Tá gerando lixo variado. E pior que na hora de manda embora vai faze uma mistura de vidro, papel, plástico, muita embalagem que poderia até servi de outros fim. A gente compra amaciante de roupa na carroça, a gente leva os galão ou as garrafa pet quem vai compra menos quantidade e pronto. É a mesma embalagem já faz mais de ano quase. O produto é até melhor. É mais forte. É mais concentrado, o chero fica saindo das roupas e se espalhando enquanto elas tão secando na corda. É forte mesmo. Isso não acontece pelo centro é mais difícil uma carroça ou um caminhãozinho pelas rua vendendo esses produto, mais também não acontece por que ainda não vieram vende por aqui. Tá eu sei que muitas pessoa já vão acha meio estranho, não confia no cara que tá vendendo, no jeito que foi fabricado, essas coisa. Mais a gente pode fecha os olho e confia nas fábrica grande que fazem os produto e apresento eles bem bonitinho pra gente compra? e pior, cada vez reutilizando menos os material por que umas nem compram do reciclado. Eles tem uma conversa de qualidade pro consumidor, claro que pra passa esse preço mais alto pra quem compra. Aí tá uma falta de inteligência de todos. Lá os fabricante, as empresa que não ajudam o meio ambiente comprando só do reciclado pras suas embalagem e os que compram, o consumidor se achando muito esperto e achando que pode mais compra alguma coisa bem cara que depois ele vai joga fora, sem retorno nenhum. Nem lá pro início onde tudo começo, nem pra ele e menos pra natureza, e também nem pro catador, nem o lixeiro vai pode ter uma utilidade com a vida desse produto, seja lá um vidro, uma embalagem mais diferente. Tu é moço talvez não vai lembra do leitero e do verdulero que vendiam no centro da cidade. Só tinha que ter a garrafa limpinha pra troca pelas cheias de leite e era tudo mais simples, mais era mais inteligente. O verdulero passava e as dona de casa saiam pra compra legumes essas coisas e levavam as bacia cheia até a porta de casa, quase até a cozinha, não tinha sacolinha, nem saco era só uma questão de paciência pra espera e a próxima faze a mesma coisa. A vantagem de se velho é que a gente já viu primeiro. Ainda me lembro das carroça de pão saindo aquele cherinho pela rua, parecia um perfume que deixava a gente tonto. Até criança comprava pão pra come na rua de tão

⁸⁵ Arrepios de alegria invadiram toda a minha alma, quando esse homem ofereceu o seu ângulo de visão. Nesse momento se concretiza possibilidades para responder a pergunta da tese... “O que é Educação Ambiental... para cinco catadores de papelão, no centro da cidade do Rio Grande, RS?”

⁸⁶ Aprendi que para a palavra “compulsividade”, pode-se utilizar como sinônimo a expressão “fluxo de compra”, de acordo com apropriada observação de um consumidor consciente.

bom que era. A gente até vê um pessoal por aí vendendo pão caseiro, pelo menos diz né? Vai confia (risos). O lucro das coisa tá acabando com o tempo de vida que elas deviam ter. Eu to falando muito por mim mesmo, daquilo que eu já vivi, desde lá da companhia da minha mãe. Meu jovem tem muitas história que eu podia conta pra ti. Tenho certeza que lá o teu professor⁸⁷ ia acha umas interessante. Mais agora o que interessa mesmo é sabe o que que eu acho da Educação Ambiental né? É bem por perto do que falei. É ter uma responsabilidade muito grande com as pessoas. É sabe que pra tudo que a gente faz sempre tem um resultado, pode ser bom ou não muito bom. Nem nós catador somos unidos a fundo. A gente poderia ter muita força e faz muito mais, não só por causa de nós mesmo, mas pelas outras pessoas que de certa maneira convivi com a gente, toda vez que a gente ta juntando coisa de uma casa, também tamo convivendo com essas pessoas. Alguns dotor diz que a gente é o que come, mas também as pessoas podem ser conhecidas pelos lixos delas. A gente podia até fazer um estudo pra sabe quem são. A gente pode descobri um monte de informação e assim ajuda que as pessoas se conheçam pelo que elas usam e por aquilo que elas chamo de lixo. Isso pode se uma pesquisa não é? Quero muito ajuda no teu trabalho. Podes ter certeza que o pessoal também tá aí pra colabora, ainda mais que o que a gente diz, depois se vira um livro (risos) é como se a gente fosse os escritor também, né?” (Elisio, 2011 – entrevista transcrita).

Na pesquisa, quando pensei que perguntava “O que é Educação Ambiental... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS?” não poderia imaginar a densidade da resposta oferecida.

Hoje sei o que acho que sei, sobre o pensamento dos catadores de papelão do Rio Grande, RS.

As competências que direcionaram esse estudo, toda essa observação e entrevistas possibilitaram representar esse momento do pensamento dessas pessoas. A propriedade de sentir o que é Educação Ambiental, para/por esses catadores não é possível mensurar. É um sentimento mais que sentido.

É como dor que dói sem se perceber ...

“[...] é dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder”.
(CAMÕES, Luiz Vaz de,).

⁸⁷ Na conversa inicial, antes de começarmos a gravar a entrevista, expliquei que trata-se de uma pesquisa para um estudo que estou fazendo, e que tem um professor que orienta todo o trabalho. Mencionei que o professor é depois de mim, o primeiro a ler o que eu pesquisei e transcrevo, sob a forma de um texto para compor toda a pesquisa.

Revirar lixeiras espreitar-se nas esquinas a esperar pelo sinal verde das lojas... – sim, pode-se pegar o papelão. Desviar das carruagens em ruas de fogo (trânsito frenético pelas ruas, no centro do Rio Grande, RS). Sujar as roupas. Sujar as mãos. Aliviar a alma quando enche a Kombi com o material que era buscado, desde cedo. Lixo, digo, arroz, feijão, pão, luz, massa, refrigerante, feira, passagens, meias brancas.

E pensava eu ter algumas bastantes respostas. Porém, igual acontece com os pescadores, que tem histórias não contadas, também entre os catadores fui surpreendido.

Enquanto pesquisador, por toda a pesquisa o que a motivou foi uma inquietação, uma vontade de saber.

Aqui eu pergunto: - inquietação pega? Contagia pessoas? Causa efeito inquietante nos outros?

Aqui eu respondo: - sim, para as três perguntas. Sim.

Um homem. Cidadão brasileiro.

Pai, catador de papelão. Inquieto. Contagiado ou contagiante nesse processo de relações pesquisador-interlocutor pesquisado, pediu que eu gravasse, transcrevesse e, principalmente, publicasse o que iria dizer:

“Eu gosto de política. Se a gente não fizer política a gente não é uma pessoa, por que em tudo que a gente faz, desde a hora que a gente se levanta, até na casa da gente quando se diz bom dia ou não se diz nada, isso já é política, e o dia se bom ou ruim pode se o resultado desse simples bom dia. Eu so do Partido Verde – PV sou filiado e tudo e levo muita fé nas coisa que essa sigla representa. Não to falando das pessoas que tão no partido, elas nem sempre são aquilo que é o partido, tá me entendo né? Eu sou da política que o partido prega. O ideal era que o que todos dizem ser capaz de fazer, principalmente nas épocas de eleição fosse feito sempre, todos os dias. É engraçado os caras dizer, todos eles, quando querem voto, que tem solução pra tudo, ou quase tudo né. Então por que essas solução não entro na prática, quando vão pros cargo né. Ou melhor ainda, por que que os político não são cooperativos, pensa mais coletivo. Se “A” tá no governo e antes dele foi “B” e se o “B” tava fazendo, por exemplo, uma ponte, o “A” é bem capaz de derruba e faz mais adiante, só pra não aparece o trabalho do outro. *As pessoas mais simples, não vo dize os mais pobre, por que se pobre não é se pobre é tá pobre, as coisa pode muda a todo tempo, num instante até. Tá pobre não é desculpa pra nada.*⁸⁸ Eu to pensando em se candidato a vereador. Já andei pela Secretaria do Meio

⁸⁸ O itálico e sublinhado é iniciativa do pesquisador, pois entende que tão texto merece destaque. Tanto pela força que tem, como pela expressão facial presenciada.

Ambiente e a dos Serviços Urbanos, para umas reuniões lá. Meu amigo, aquele pessoal não sabe ou não tem conhecimento de como se faz projeto pra essa área do lixo. O lixo que é reciclado, não o lixo no geral sabe.

Pessoas. Educadores ambientais. Políticos de ações. Pessoas inquietas, não pelas condições que vivem, mas pela qualidade que é possível tê-la. Para si e para todos os outros.

Pessoas – administradores e contadores natos no ofício de catadores de materiais.

“Seu Devair disse que o kilo do papelão na Recicladora Porto Seguro, que fica lá no final da São Miguel⁸⁹ eles pagam pelo kilo dez centavos de um real (R\$0,10) a ASCALIXO que fica aqui no centro, lá perto do canaleta sabe, eles pagam dezoito centavos (R\$0,18). Na minha visão, a ASCALIXO é quase também como uma cooperativa tinha que ter mais interesse pelo material que a gente junta. Por exemplo, eu junto desde lá da minha casa até aqui no centro e aí vendo na ASCALIXO, vale a pena pelo preço que a gente consegue. Mas se eu to lotado e já to indo pra casa fica mais fácil eu guarda em casa, até pelo horário e vende por lá pela Porto Seguro é mais perto, perco um dinheiro até, mais não dá pra volta pro centro. Então vê bem se eu não to certo no meu pensamento – o idial era todos que são catador vende pra Associação, desse jeito todo mundo ganha. Eles vão ter muito material e vão pude discuti um melhor preço, por que vão ter uma carga enorme de produto e a gente vai saí ganhando também. A gente ficou sabendo que eles na ASCALIXO tem um caminhão grande. Um caminhão bom que é a óleo, não gasta quase nada. Até que a gente dividiu o combustível entre todos, mesmo assim era lucro. Aí a gente nem precisava se preocupa pra quem vende. Economizava até na saúde da gente. Dava mais vontade de juntar material. E também a gente não ia deixar nada pelo caminho. Às vezes a gente vê coisas e não dá pra levar – papelão, pet, latinha, coisas boa que dava pra se usada denovo, mas a gente acaba deixando lá, exposto nas ruas. Pensa se tivesse um horário que o caminhão fosse nos bairro ou mesmo encontra com a gente pela rua mesmo, ia esvazia as carga da gente e facilitava a nossa faxinada nas rua.

Eu moro no final da Visconde do Rio Branco⁹⁰, naquela parte que não tem calçamento, lá eu tenho duas carrocinha dessa aqui e quatro cadelas de rua, só duas são castrada.

Tem dias que eu consigo junta pra mais de duzentos (200) kilos só de papelão, isso dá mais de vinte real (R\$20,00) por dia. Isso saindo da minha casa, atravessando a 1º de Maio e indo até a Junção, entrando por ali por perto da Lorenzetti, ali onde hoje é a parada que faz integração dos ônibus sabe? E vindo pro centro, sempre pela faxa. Quando o tempo ajuda né, bem no inverno não dá pra fazer isso.

Moço vou te dizer que sou bem feliz com a minha profissão. A minha profissão não é só de um ajuntador de lixo. A minha profissão é aquele que limpa a cidade também. Eu tenho a mesma importância dos varredor contratado pela prefeitura”. (DEVAIR, 2012 – entrevista transcrita).

⁸⁹ Bairro na periferia do Rio Grande, afastado do centro, Bairro Residencial São Miguel.

⁹⁰ Rua que inicia no centro da cidade, depois da Avenida Major Carlos Pinto (Canaleta)

Senti na minha cara um vento de maresia anunciando anchovas.

E da mesma sacada os meus olhos observavam um homem dentro do lixo.
Em pé, dentro do container.

Não o chamei.

Não fotografei a cena.

Lembro que não falei nada, nem pra mim mesmo.

Faiscavam meus pés de pesquisador, pari ir ao encontro daquela pessoa.
Um turbilhão de sentimentos e imagens rondavam a sacada.

Quando ficava perturbado pelo oceano de sentimentos que me encontravam,
por exemplo, saudades, risos, abraços, peixes, Cocuruto, pessoas e lixo.
Perguntava ao meu “Bachelar”:

- como vou trabalhar tudo isso?

Então imaginem uma única e sábia palavra. Isso mesmo, uma palavra mágica
como resposta. E era assim que ele respondia:

-“ escreve”!

Assim fiz.

Assim penso que busquei fazer. Escrevi! Escrevi!

Pelo caminho que nos leva a todos pra pescar – eu escrevi! Escrevi!

No campo do imaginário.

No campo do sonho.

No campo metodológico – fiz catalisar todos e tudo em si.

Praticamente mergulhado dentro dessa lixeira. Catava. Catava e pescava
coisas naquela lixeira.

Parei ao lado e cumprimentei-o:

- Olá amigo, boa noite! Tudo bem – já passavam das vinte horas.

Educadamente levantou a cabeça e assentiu, num gesto afirmativo. Sem
nenhuma palavra. Ainda.

Procurando estabelecer um diálogo perguntei:

- Trabalho pesado esse? Ele manejando a cabeça, ainda sem palavras, assentiu novamente a cabeça de forma afirmativa. Dessa vez consegui ver o prenúncio de um sorriso. Acanhado. Talvez desconfiado, mas já era uma possibilidade de relacionamento.

Aproximei do homem pescador de lixo. Revelei e entreguei a ele todo o meu eu pesquisador e perguntei:

- Trabalhando sozinho? Ele voltou o corpo de dentro do container de lixo e com as duas mãos apoiadas na borda olhou e disse-me:

- Hoje to sozinho. A mulher e as crianças ficaram em casa. Eu não costumo vir bem pro centro, ainda mais a noite, mas aqui nessa lixeira do hotel sempre tem coisa boa.

Encorajado pela nossa pretensa aproximação perguntei:

- Têm esposa e filhos então, todos em casa esperando? E ele respondeu:

- *Sim.*

Embora com esta resposta silábica, não desisti de fazer valer o meu papel de pesquisador e perguntei:

- Sabe pescar? E ele apoiado no container olhou pra mim, de uma maneira delicada, porém com uma expressão de espanto disse:

- Não, eu não sei pesca e nem entendo nada de pescaria.

Perguntei então:

- Sabe plantar? A expressão era de riso e a resposta foi à seguinte:

- Não, não sei planta também.

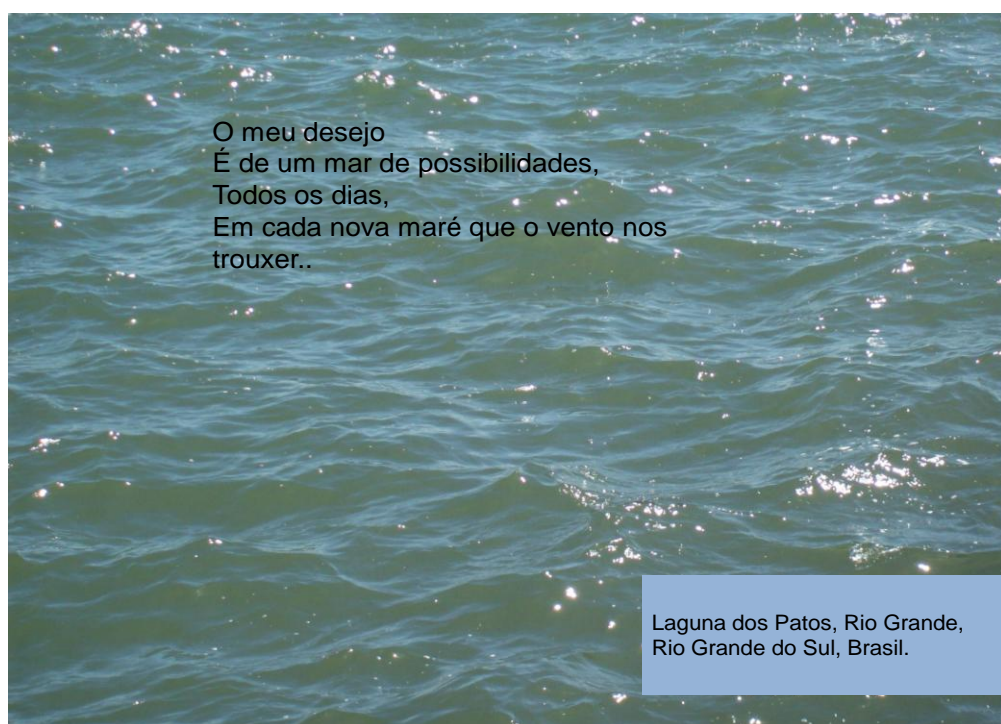
Continuava com as mãos assegurando a borda do *container* de lixo, e agora sorria para mim. Percebi que esperava por mais indagações. Ele não mergulhava no trabalho. Estava a me olhar. Realmente esperava por perguntas.

Então perguntei:

- Sabe ler ou escrever? Ele mostrou uma expressão séria. O sorriso foi dispensado. Ele afastou-se do coletor de lixo. Os braços cruzaram-se sobre o tórax de um homem de uns cinquenta e poucos anos, aparentemente. Ele respondeu:

- Só lê só escrevê, isso não basta. Eu escrevo bem o meu nome, sei lê algumas coisas. Mas preciso tá aqui, trabalhando agora.

Confesso que fiquei um pouco triste com essa resposta. Triste porque fiquei imaginando qual o significado da alfabetização para esse homem, esposo, trabalhador e pai. Não sei representar esse homem mergulhador. Peço licença, ao orientador, a Banca e aos leitores e ofereço uma fotografia desse homem.



Fotografia 13 - Mergulhador. Escafandrista. Catador. PESSOA⁹¹.
Fonte: Produção do próprio autor.

⁹¹ Eu vi um homem mergulhar num *container* de lixo. Fotografei o homem. Era um homem igual eu. Igual a todos nós. O pesquisador foi tomado pela humanística. Pelo respeito ao próximo e não vai revelar/representar essa imagem. Quando assisti aquele mergulho pensei, de imediato fotografar e oferecer aos leitores dessa Tese. Foi somente naquele imediato momento. Depois de olhar para o que a lente da máquina captou – percebi que aquele mergulho poderia ser de qualquer um. Lembrei que todas as velas buscam os ventos que sopram. Sopram pro mar. Ou pra lagoa. A laguna dos Patos. Ofereço aos leitores e aquele mergulhador essa imagem. Uma imagem que é água. Que é vida para os peixes. Que é pão para os pescadores do mar.

Agradei pela nossa conversa. Despedi daquele pescador de coisas “chamadas lixo”.

Quando já havia me afastado, virei para admirar aquele trabalhador.

Ele agora estava mergulhado num oceano verde. Acreditando nas possibilidades que a pesca poderiam lhe oferecer.

Ele mergulhava.

Nadava num mar que não tinha peixes.

Verdadeiramente senti meu coração mergulhado nele. Só lamento se tais expressões possam ser “não acadêmicas”. Mas somente eu sei e senti aquela dor tão dolorida.

A dor da minha pequenez. Da ausência de eu ser uma possibilidade na vida daquela família.

Não resisti. Voltei! Perguntei como voltaria para casa, com aqueles sacos de materiais. Intrometido eu. Bisbilhoteiro.

Penso se eu não tivesse conhecido um pescador, talvez e só talvez – a vida desse catador nem me interessasse.

Não respeitei a nossa, já despedida, e chamei pelo homem catador.

Iniciando por um pedido de desculpa, pois afinal o homem trabalhava e eu o interrompia.

- Desculpe aí amigo, mas poderia lhe fazer uma última pergunta? Um corpo de pescador/catador emergiu daquele oceano verde e ele apoiando as mãos na borda do barco Diamante, disse:

- Fala moço, o que que foi?.

Senti uma leve rudez na voz, porém entendi que de certa maneira, eu causava incomodo a cada interrupção do trabalho. Perguntei muito diretamente:

- Os seus filhos também trabalham com o senhor, quando vai buscar materiais recicláveis e possíveis de venda, pelos coletores de lixo, na cidade?

Ele demonstrando tranquilidade, sem aspereza na voz, quase uma doçura, disse para mim:

- “Eu não quero isso prôs meus filhos moço. Eu trabalho prá eles pudê estudá. Comprá bons caderno, fazê bem os trabalho deles. Tê passagem prá não se arrasta por báxo das roleta. Levá uma merenda.

Não fica no inverno dependendo da gente consegui ou não uma jaqueta da prefeitura. Por isso eu trabalho. Os meus guri vão sê alguém na vida. Sabe por que?
- eles querem.”

Com essa resposta a inquietação do pesquisador, provocou-o para o diálogo. Havia interesse pela vida daquele homem. Daquela família.

Disse:

- Percebi que o senhor tem somente este tipo de trabalho – estou certo?

A resposta do catador foi afirmativa. Manifestada por um sim. Lembrei quando o “Corpo Fala⁹²”. Continuei na observação e acrescentei:

- O senhor não sabe pescar, não sabe plantar. Será que oferece outras opções ou possibilidades de escolha para os seus filhos. A escola hoje é a realidade deles, mas a realidade que eles têm e sobrevivem é do seu trabalho. O seu trabalho é por de mais digno. Logo, esse exemplo poderá ser seguido, visto como uma opção e as possibilidades que o cerca.

O catador afastou-se daquele homem. Um pai assumiu o diálogo. Na minha frente um pai herói falava. Meu gravadorzinho registrava.

Eu transcrevo a seguir:

“Eu sempre vou preferir que eles estejam na escola. Aprendendo e aprendendo todas as coisas que não sei ensina. Se algum quiser ser um pescador pode ser. Conheço muita família boa lá no Bosque, na Quinta, nas Ilhas. Uns Rapaz bom. De estudo. Todos bem na vida. Uns tem botes, andanas. Boa casa e ganham bem quando a safra é boa. Um filho meu ou os dois podem ser pescador se quiserem. Também o senhor falou de plantar. Muita gente tá deixando de planta e eu e o senhor mais ainda, deve tá sentindo a falta de muita verdura e fruta. Essas coisas mais simples que é só vira a terra, fortifica ela bem natural e joga sementes. Qualquer verdura ou árvore de frutas, hoje o cara compra aí no mercado. Planta. Cuida. Colhe e vende. Também é um bom negócio. Lá no Taim mesmo, tem muita granja de arroz. É um bom serviço também. Uma dão casa pra morar é tipo uma vila do próprio engenho. Tenho um cunhado que mora lá. Lá também tem colégio pras crianças menos. Acho que é bom aprende a pescaria como também é importante aprende agricultura. Mas sempre na escola. Pra nós

⁹² WEIL, Pierre e TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**. São Paulo: Vozes, 2001. 288p.

lá em casa colégio é sagrado⁹³, nem eu nem a mulher afrouxamos os guri. Não é por vergonha nem nada, mas esta vida só tem sentido se todas as pessoas nos vissem como gente também. To me referindo à maioria. Tem gente boa como o senhor. Mas muitas pessoas desrespeitam a gente que é mais velho, imagina uma gurizada mais nova.” (JOSMAR, 2012 – entrevista transcrita).

Era hora de ir.

Minha Rede estava cheia.

Muitas histórias, lembranças, memórias me encontraram. Percebi que a minha canoa precisava fazer a viagem de interpretação das emoções.

Despedi-me com atenção e alegria. Desejei a mais perfeita de todas as viagens até seu porto seguro.

Não caminhei em direção a minha morada. Naveguei em nuvens de temporal. Na minha nuca, o vento norte conversava comigo e dizia:

- Representa-os, com delicadeza. Com verdade. Com imagens.

A vitalidade desse texto que agora é Tese está na força que as imagens produzem e “infectam” o professor-pesquisador.

A virulência da imagem.

A viceralidade da pesca. O cheiro do lixo.

A imagem é Potencializadora.

Dinamitadora.

Motor.

Os catadores de papelão identificaram no autor “um Outro”.

Um - Outro que escreve e escreve, porque se preocupa com o Outro.

Alteridade? Penso que sim. Afirmativamente sim.

Sim, desde que socorria pessoas na enchente, lá no Cocuruto.

No parecer de Reigota encontrei: “[...] as múltiplas vozes se tornam mais presentes na tese.”

⁹³ Grifo do professor-pesquisador. Destaca-se o significado do estudo para essa família.

Posso afirmar que aqui falam os pensamentos. Os ruídos. Os sussurros. As imagens e as falas dos catadores.

Homens e mulheres que se reconhecem como Educador Ambiental.

Tomo emprestado o termo “disparador” Belinaso Guimarães (2012), para dizer como certos foram os disparos que nos permitimos fazer.

Mutuamente.

Voluntariamente e com permissão.

Não poderia tomar outro termo como “disparador”.

“eu acho que a gente que vive catando as sobras – o que é lixo pros outros – não faz de nós lixeiros. Tá certo que a gente disputa o lixo com o pessoal do caminhão, mas eles não têm muita noção do que tão juntando é só um trabalho pra eles. Para nós é mais que isso. A gente tá ensinando pras pessoas que botam um monte de coisa fora – o que não presta pra elas que um lugar mais importante que a lixeira é o lugar onde aquele lixo pode chegar – e faz toda a diferença numa casa.” (ROGÉRIO, 2011 – entrevista transcrita).

Eu, professor-pesquisador, reservo-me a ter ou escrever comentários sobre essa fala.

“A gente que tá nessa de catador vê muitas coisas pelo lixo e fica pensando: ou a pessoa é muito burra⁹⁴ pra bota isso fora, e depois vai compra denovo ou é muito mal educada com o seu lixo – tipo bota vidro inteiro e quebrados, cocô⁹⁵ (de criança e adultos), muitos remédios. Essa coisa de dizer que botam as bateria de celular e as pilhas em lugares próprios não é bem assim. Parece que a gente é professor né? Não to querendo sabe mais que as pessoas. Afinal eu uso do lixo delas pra ter algum dinheirinho. Mas eu to só te dando umas dicas de como é a coisa. Dava pra escreve um livro (rsrsrs) o Educação Ambiental 2 com o pessoal catador de lixo, só não temos as experiências de professor⁹⁶. A gente encontra é muito perigo no lixo. Muita sujeira que nem precisava. Outra coisa, já tem aqui em Rio Grande um lugar que a gente liga (3233-7272)⁹⁷ e eles vão buscar o óleo usado, aquele que não se aproveita mais pra comida, quando é quantidade grande eles vão busca, quando é pouco a pessoa mesma pode leva lá. Mas a maioria não sabe eu acho, ou se sabe

⁹⁴ Fidelidade ao vocabulário do pesquisado.

⁹⁵ Fidelidade ao vocabulário do pesquisado.

⁹⁶ Referindo-se a obra “O que é Educação Ambiental/ Marcos Reigota” – livro que receberam para leitura

⁹⁷ Para simples confirmação, utilizei o número que me foi oferecido e constatei o serviço que é prestado gratuitamente.

não faz. Esse pessoal não tem muita preocupação com a natureza né (rsrsrs) eles poderiam lê mais né (rsrsrs)? Assim não iriam fazer uma sujeirada nas lixeiras. A gente que tá nas ruas trabalhando experimenta muitas coisas. Um são boas – quando as pessoas são boas e outras são ruins. Tu tá fazendo comigo o que a dona Leda, lá da galeria faz – ela conversa comigo e me pergunta como vai a saúde do lixo da galeria (rsrsrs). É como se a gente estivesse todos conversando ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto – eu, tu, o professor que escreveu o livro que tu nos deu⁹⁸ e a dona Leda. Nós estamos escrevendo um livro todo mundo juntos. Uns mais conscientes que os outros. A dona Leda é muito consciente com o lixo dela. Tudo separadinho e quando tem cacos de vidro ela escreve. Mesmo quem lê pouco sabe que tem um aviso e tem que tomar cuidado se for pegar. O Mogar, um conhecido meu aprendeu a lê com os lixos. Nas letras grandes dos papéis e das embalagens. Eu leio bem. Eu até queria escrever um pouco.” (ROGÉRIO, 2011 – entrevista transcrita).

Preciso interromper, pois todos esses “disparos” de sabedoria desarrumaram o que pensava estar arrumado, em mim.

Penso aqui na obra do professor Marcos – os primeiros passos do que é Educação Ambiental (um trocadilho com o nome da Coleção). Posso afirmar que já começaram a me fazer andar diferente.

Não tenho um norte. Uma direção, mas está à minha frente um caminho novo. Talvez seja o mesmo caminho, porém mudei a direção de/do olhar.

Olhar além do container. Perceber que aquela grande caixa verde serve apenas para coletar lixo. Não pessoas. Não sonhos.

O meu jeito de olhar, agora, vê o quanto eu olhava para dentro. Dentro de quase tudo. Não percebia que na superfície também tem peixes.

E com menos esforço de pescaria.

E com eles aprendi a deixar marcas.

Marcas limpas de verde.

Passos marcados.

Não por mim, mas por todos nós que caminhamos esse tempo todo, juntos nessa pesquisa.

Marcas que marcam para o bem.

Essa pesquisa não iniciou falando sobre Educação Ambiental com as

⁹⁸ Faz referências ao professor Marcos Reigota “O que é Educação Ambiental?”

pessoas pesquisadas. Nenhuma ideia sobre Educação Ambiental foi oferecida a eles. Nenhuma perspectiva em Educação, Política, Economia ou Sociedade.

Até então!

Porém, os ruídos foram se tornando voz. Brados ouvidos com clareza e em tom harmonioso. Tudo o que não estava explicitado como interesse na pesquisa, por exemplo, saber sobre vidas, pessoas, cotidianos, culturas, trabalho, sociedade, religião, política e sobrevivência foi nascendo. Todos os dias um pouquinho. Partos naturais. Festivos. Cheios de prazer. Sem dores.

Mais um pouco de pesquisa.

O autor Reigota fez viagens pelo Brasil, desenvolvendo trabalhos, seminários e palestras.

Viajei pela lente da sacada da minha janela e percebi que uma joia se mostrava para mim.

Naveguei desde o Cocuruto e encontrei homens em lixeiras, dessa forma – a joia da pesquisa.

Homens muito simples.

Não falei sobre a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, reunida em Estocolmo de 5 a 16 de junho de 1972. Não dividi com eles o conteúdo dessa Carta. Guardei pra mim à necessidade de um critério e de princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente humano.

Aprendi outros princípios.

Mais simples. Bem menos elaborados.

Omiti que Tbilisi proclama sete fundamentos e vinte e seis princípios sobre a Educação e o Meio Ambiente. “Essa educação ajuda a explicitar a continuidade permanente que vincula os atos do presente às consequências do futuro. Demonstra, além disso, a interdependência entre as comunidades nacionais e a necessária solidariedade entre todo o gênero humano⁹⁹.”

⁹⁹ Documento extraído de Educação Ambiental e Desenvolvimento: documentos oficiais, Secretaria do Meio Ambiente, Coordenadoria de Educação Ambiental, São Paulo, 1994, Série Documentos, ISSN 0103-264X. Aprendendo e ensinando Ecologia por meio da Educação Ambiental centrada em

Eu os subestimei.

Revelaram seus fundamentos e princípios sobre o que é Educação Ambiental de forma experimentada. Dispensaram o que é histórico, meramente por não conhecer.

E disseram sobre Educação Ambiental:

“não joga papel de bala no chão, não bota fogo nas lixeiras, recolher cocô de cachorrinho – isso não é Educação Ambiental é coisa que precisa acontecer, mas não é Educação Ambiental.

A gente que trabalha no lixo e mesmo sendo gente simples, de pouco estudo sabe diferença o que é pessoa educada e pessoa mal educada. A pessoa mal educada não conhece o que é Educação Ambiental. A gente vê isso nas atitudes. A gente vê na cara das pessoas que olham pra nós como se nós fosse só uns lixo também [parte do lixo que compõe o lixo que está dentro da lixeira]¹⁰⁰ isso não é Educação Ambiental. Se não tem respeito pelas pessoas como que a gente pode espera que essas pessoas respeitem o lago da praça ou então respeitem os cachorrinhos que estão deitados tomando sol no costado das paredes, nas calçadas, ou ainda trocam de móveis e botam os antigo na frente do prédio – poxa, por que não chama um carroceiro e dá pra ele os móveis, pelo menos ajuda a pessoa e o meio ambiente.

Nós que fazemos meio que uma segunda limpeza na cidade, mais pelo centro, nós estamos fazendo Educação Ambiental – nós transformamos ou ajudamos a natureza a transforma aquilo que era uma coisa e passa a ser outra.” (ELISIO, 2011 – entrevista transcrita).

Não tenho procuração para realizar nenhuma correção gramatical, ortográfica ou de ideias. O meu papel aqui é aprender. É respeitar. É ser o mais educado possível. Representar. Da forma que é e são.

Esse texto, tão rico e tão intenso, segue a definir o que é Educação Ambiental, de uma forma simples, livre e na pele.

“[...] primeiro é preciso definir o que é lixo – tanto pras pessoas que jogam coisas fora e pra gente que junta. Eu, na minha opinião acho que o que é lixo não é o que sempre é lixo. É o jeito que a pessoa tá na hora que bota uma coisa fora, que vai dizer se é lixo mesmo. Pra nós é lixo quando a gente consegue transforma, ou em dinheiro, em serventia pra casa, pros filhos – quando a gente enxerga muito além”.(ELISEU, 2011/2 – entrevista transcrita).

atividades pedagógicas sobre Reciclagem de Resíduos/Curso Teórico-Prático: “A Educação Ambiental como precursora de ações educativas”. Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Ambiental – GPPEA/ Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico

¹⁰⁰ Percepção e leitura por parte do pesquisador.

Representar essa voz que fala, e é texto, primeiramente é ter a sensibilidade de beijar cada palavra.

No texto do autor Eliseu (2011/2) “o que é lixo não é o que sempre é lixo. É o jeito que a pessoa tá na hora [...]”.

De que maneira, agora, encontram-se os nossos armários de emoções: Cheios de lembranças? Todas boas? Todas ruins? Algumas esquecíveis? Algumas nunca esquecíveis? E os nunca e os para sempre onde ficaram?

E aquelas fotografias, juntos, nos lugares que fomos juntos – aqueles sorrisos... A gente guarda ou rasga e joga no lixo?

E os discos, os livros, os bilhetes de geladeira, os presentes e as roupas que ainda dormem naquelas gavetas...

A gente joga fora agora?

Isso, nessa hora é lixo.

As lembranças são recicláveis?

Com a permissão do autor Rogério e apropriação do conceito lixo começam a perceber que lixo, não necessariamente, seja todo o composto material que a humanidade produz no seu dia-a-dia, mas também aquilo que suja as nossas relações. Suja a Rede, a casa, os conceitos pré e a falta de abraço.

Ainda que continuasse a pesquisar, a perguntar e a ouvir, ainda assim, não esgotaria as múltiplas representações que tem o termo lixo e a sua conceituação.

As emoções também podem se tornar material descartável – lixo?

Essa pergunta tem a resposta de cada um. Para cada leitor uma resposta, para cada resposta – a vida de cada leitor.

Representar o que é lixo para os catadores, não é tão somente depositar coisas em lixeiras ou espaços de coleta.

Mas entregar para o Outro aquilo que deixou de nos pertencer e passa a fazer parte em outra história de vida.

Mesmo quando “descartamos” qualquer drama de consciência ambiental, ao colocar o que é lixo no lixo, ainda assim, nem sempre está dimensionada a significação daquilo que é lixo.

Pode um catador de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS, nos oferecer um novo conceito de quando o lixo é realmente um lixo?

Eu aceito. Eu me rendo à beleza de um cesto em arame, na cor verde, cheio de frutas plásticas, todas muito coloridas. É o enfeite no centro da mesa da cozinha.

Era lixo. É arte. É lindo. Uma representação. Um conceito.

Aceitar o Outro em nós é aceitar a possibilidade de ouvir o que o Outro no outro pode nos oferecer/ensinar.

Eu aceitei essa definição, embora possa alterar o conteúdo, ainda assim faz sentido o questionamento.

A liberdade de ouvir mais subtraem as possibilidades de erros.

Ainda fui surpreendido pelos meus convidados, quando me ensinaram qual o significado de aprender, com base nas suas experiências e dos filhos:

“As criança vão pro colégio e aprendem com as professora. Nós, em casa, ensinamos nossos filhos sobre a vida. Quando eles chegam no colégio eles ensinam o que aprenderam e quando chegam em casa ensinam pra nós o que as professoras ensinaram. É simples, todos sabem um pouquinho pra ensina e pra aprende também.” (ELÍSIO, 2012 – entrevista transcrita).

Na obra “O que é Educação Ambiental?” vamos encontrar o autor Reigota abordando a Educação Ambiental, a partir daquilo que está presente no cotidiano dos alunos. Durante a nossa pesquisa, tudo que essas pessoas tinham e têm sobre a Educação Ambiental é a sobrevivência de seus dias.

Lá na obra, como aqui, também ocorre da mesma forma. Não se objetiva trabalhar Educação Ambiental, sob tópicos ou aspectos específicos, mas de forma livre.

Todos me permitiram gravar, transcrever e publicar suas falas. Porém, entre os cinco catadores de papelão, somente um autorizou representar e apresentar suas imagens, através da fotografia.

Eu perguntei aos outros catadores, por que preferiram não revelar suas imagens? Um deles me ofereceu a seguinte resposta:

“Não é por vergonha de vê a gente trabalhando com o que dizem que é lixo é mais pra não fica um monte de fotos da gente, por aí e a gente sê visto como uns lixeiros. E também tem as pessoas que ajudam a gente, vai parece que nós tamo se mostrando e sendo mais que os outros.”(CATADOR, 2010/1 – entrevista transcrita).

O professor-pesquisador olha para a imagem e não interfere. As imagens que se desdobram nessa fala vêm revelar e proclamar quem são os interlocutores nessa pesquisa. Os catadores de papelão, que antes e ante a pesquisa continuam a ser o que são: Pessoas, catadores de papelão e coisas. Comentários.

É uma revelação de domínio público.

Os cinco termos de autorização (cópias) encontram-se devidamente preenchidos, assinados e anexos a Tese. Os originais sob a responsabilidade do pesquisador.

E se alguém perguntar: - Onde está o menino?

Onde está que não se faz representar aqui?

Falta esse “dado” na Tese.

Aquela “pessoinha” que é “dado” será representada, não aqui. Mas uma metodologia sensível, ousada, inventiva e científica que virá representar aquela expressão.

É preciso ver. É preciso sentir. Eternizar aquela cena na memória.

Mesmo não sendo uma metodologia consagrada, reconhecida nas ciências e pela academia, ainda assim nos utilizamos de um recurso não formal, mas claro e representativo daquele pequeno menino e sua grande sabedoria.

Buscou-se na maneira mais simples de representá-lo. Ao consultar a mãe, sobre a possibilidade de fotografar o menino, essa entendeu que não seria oportuno. Não autorizou. O que entendemos sem nenhuma insistência.

Falou da pouca idade da criança, a exposição do “rostinho” do menor para muita gente vendo. Não permitiu representar esse “dado” na pesquisa.

Enquanto pessoa humana que sou – compreendi. Respeitei essa mãe.

Porém, o professor-pesquisador, na sua inquietude de investigador científico recorreu à criatividade na pesquisa, para dessa forma representar o menino.

Perguntei a mãe se poderia representar seu filho a partir da caricatura¹⁰¹ de uma fotografia do menino. A resposta foi um sorriso. Seguida de um sim, muito alegre, mas condicionada: - “então faz assim, o professor manda fazer duas caricatura e uma dá pro (nome) de presente pra ele guarda de lembrança do senhor”.

A pesquisa supera barreiras e supera-se como mera pesquisa, passa a ser, de fato, uma investigação de possibilidades. Presentear a criança com essa arte metodológica é olhar para uma tarrafa de pesca e ver um brilho de lua nos olhos dos peixes.

Superar barreiras é fazer a mágica de transformar pilhas de papelão – lixo... Em pratos fartos de arroz, feijão, salada, pão, café e Dignidade. Também aquecer os pés das crianças que vai pra escola. É dizer que imagem é metodologia.



¹⁰¹ Caricatura – penso que é ou será, também uma metodologia que representa dados de pesquisa. Tão séria e fidedigna que uma tabela estatística, por exemplo. A mãe ofereceu uma foto recente do meu importante “dado” e levei-a na 39ª Feira do Livro da FURG (26 janeiro a 05 fevereiro), para o artista fazer a mágica da representação. “Abracadabra!” e temos o menino.

2.6 O PASSEIO: TALVEZ UM OLHAR PARA A SUPERFÍCIE.

Na tarde do dia catorze de janeiro, de dois mil e doze, passando das quinze horas, numa tarde de um sábado nublado, excursionei por Rio Grande.

Um passeio de Kombi me levou desde o centro da cidade até um lugar, longe dali. Mas lá havia um Castelo.

À medida que nos aproximávamos, não havia um caminho de árvores altas, jardins recortados, fontes, pontes, nem bandeiras.

Mas uma bela muralha.

O Castelo se escondia atrás de uma grande cerca de recortes de madeiras, sob uma cuidadosa simetria.

Encontrava-me no Bairro Castelo Branco II.

Agora andava pelo passeio antes de entrar na intimidade dos nobres.

As instalações magníficas – uma decoração de valores mais que materiais. A arquitetura e a engenharia foram cúmplices na ambientação do espaço.

Dentro das instalações já me aproximava da mesa.

Fui convidado a sentar. Convidado para o banquete.

Minha segunda vez em um Castelo¹⁰².

Eu já sou reconhecido por toda a nobreza – o Rei já falara sobre esse simples e a nobreza sabe o meu nome.

Tratam-me pelo nome: “Claudinho”.

Segundo Belinaso Guimarães (2012):

“[...] sugiro uma inventividade metodológica que permita um adensamento de histórias, ou seja, um percurso de pesquisa que permita emergir modos de estar “educador ambiental” mesmo em momentos cotidianos em que isso não esteja deliberadamente e/ou explicitamente informado.[...] Colher depoimentos, tecer entrevistas com a mediação do livro do Marcos Reigota e da sua presença, Cláudio, enquanto pesquisador colocam em jogo na pesquisa ao menos duas mediações acadêmicas significativas que

¹⁰² O professor-pesquisador visitou o castelo dos Jerônimos (Portugal), quando lá residiu.

reverberam, possivelmente, nas respostas dos catadores sobre “o que seria educação ambiental”. As duas mediações que me refiro seriam: a sua presença como pesquisador e a presença de um reconhecido livro no campo da educação ambiental. Considero interessante se Cláudio, por exemplo, acompanhasse um dia na vida de cada um dos seus personagens. Constituir nessas andanças um diário das histórias escutadas pode ser muito instigante, [...]” (GUIMARÃES, Leandro, 2012 - Parecer).

Professor Leandro Belinaso Guimarães: – obrigado por me mostrar o caminho.

Penso que percorri passo-a-passo. Sem correr. Viajando. Se me perguntarem pelo diário de bordo, direi que parte está aqui, por essas páginas. Outra parte, porque sou egoísta, guardo comigo. Imagens e Imaginário dos caminhos dessa pesquisa.

Eu faço o meu original. Faço no meu imaginário infantil, a casa ser a rua. O berço a minha casa expandida - em mar, em pesca, em todos os lugares que fui e cheguei.

Nunca deixei a minha casa. Agora e aqui estou sentado naquela graminha verde. Hoje não haverá aquele futebolzinho. Todos foram pescar. Inclusive eu estou pescando.

Nunca estive só. Têm sempre um vento Norte que balança o berço que eu durmo tranquilo. E sonho com catadores de papelão.

Uma explosão de sentimentos encontra-se.

Chocaram-se.

Desfizeram-se e passaram a ser novos. Tanto no pesquisador, quanto nas pessoas que se entregam a ação da pesquisa.

Uma intervenção atravessou pelo cotidiano de todos os envolvidos e não os deixou continuar a ser o que eram antes desse trabalho que investiga que é trânsito na vida e na vida das pessoas.

Todo esse filme lindo – passa naquele Castelo onde estou.

Para os catadores de papelão, que coletam seus materiais no centro de Rio Grande, RS passou a ter novo significado o que é Educação Ambiental. Conforme podemos ler nessa fala:

“Eu acho que já sabia muita coisa sobre o meio ambiente, todas as coisas de proteger, cuida onde bota o lixo fora, isso a gente sempre sabe. Depois que a gente lá em casa leu o livro O que é Educação Ambiental?¹⁰³ que é escrito bem dizer pros professor que tão envolvidos com esse assunto, fica uma preocupação na gente que é pai e mãe: - eles consegue aprende bem direito isso, por que se eles tivessem aprendido bem tinham ensinado mais pros nossos filhos no colégio.

E também será que os professores moram como a gente mora. Sabe bem das dificuldades que a gente passa nessa vida pra manda os nossos filhos para o colégio?

As realidades são meio diferentes Claudinho. As pessoas não são culpadas por ter de mais e outras ter de menos – a diferença é como as pessoas se tratam. Não é nem o trabalho das pessoas que faz as pessoas ser mais ou menos. Isso é só trabalho. É preciso fazer alguma coisa pra vida anda pra frente. Não to dizendo que os colégios estão distante de nós, não é isso. As maneiras que as coisas são ensinadas é que faz toda uma diferença. Quando a minha guria Clara estava estudando no Caic¹⁰⁴ uma vez nós convidamos a Professora pra ir na nossa casa, ela aprendeu a fazer um minhocário.

A gente tem vendido bem terra forte lá pro Cassino¹⁰⁵. Tu vê e ela nem tinha idéia como fazia. Agora a minha mais nova tá aqui no colégio da Castelo¹⁰⁶ e tá se virando com a horta comunitária. De vez enquanto a patroa vai por lá e dá umas dicas. Tem até uma torta que se faz com farinha de casca de batata. Nem tu sabia disso né.

Eu falo que o que faz a diferença nas pessoas e como elas sabem das coisas e como é que elas usam isso, seja pela necessidade, por fazer o bem pras outras pessoas ou, então nem usam os conhecimento e nem dão pros outros.” (ELISEU, 2012 – entrevista transcrita).

¹⁰³ A obra de Marcos Reigota, O que é Educação Ambiental? Foi presenteada para cada um dos cinco participantes da pesquisa.

¹⁰⁴ Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (**Caic/FURG**)

¹⁰⁵ Bairro de Rio Grande, considerado Balneário Cassino.

¹⁰⁶ Maneira como se refere ao bairro que reside – Bairro Residencial Castelo Branco

2.7 O ANTEFINAL DO FECHAR DAS CORTINAS SE INICIA.

O expectador está próximo da praia. As redes já puxadas. Todo papelão foi juntado...

Braços cansados e mãos muito sujas preparam a cena final.

Quando recolhe o último lixo. Naquela rua. Naquela lixeira – o homem meu Deus que não é um rato, mais parece cada um de nós.

É muitas pessoas e tem nomes... **Rogério, Eliseu, Carlos, Delvair, Vidal¹⁰⁷, Salvino, Valcir e Candida¹⁰⁸, Josmar e Elísio.**

Por hoje e só por hoje acabou. Cataram os últimos peixes, digo, papelões.

Anunciamos que as pessoas dessa pesquisa, hoje são mais que simples pessoas. Os convidados para o diálogo são mais que catadores.

São pescadores de gentes. Peixes e papelões. É toda a cena dessa arte.

Nesse final de espetáculo, já próximo do ato final, cabe ratificar o que dizíamos antes: “eles não escreveram essa Tese. Não foram convidados para isso. Penso, e só penso que não escreverão livros, ensaios, artigos ou teses.”

Porém, e com a propriedade de grandes dramaturgos, todos eles são revisores do texto “O que é Educação Ambiental... para cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS?”.

Mas ainda tem luz... Um som de maresia insiste em não calar e as falas dos atores, todas inflamadas. Tagarelantes. Felizes e muito altas. Não deixam a cortina cerrar o espetáculo.

Sigo adiante. Permaneço mais um pouquinho com eles e com as vidas deles.

Aproveitem. Vibrem.

Aplausos!

Levantemos das cadeiras e pedimos *Bis!Bis!Bis!*

¹⁰⁷ As falas dessa pessoa não constam no corpo da Tese, por se tratar de não alfabetizado, com isso, impossibilitado de assinar o Termo de Autorização. Porém, os meus ouvidos estão impregnados pela sua música de palavras – ideias e conceitos tão importantes. Embora não tenha utilizado aqui, ainda assim estão nos entre nós dessa Rede que tece a pesquisa e faz a Tese. Obrigado Senhor Vidal.

¹⁰⁸ IDEM. Obrigado Senhor Valcir e senhora Candida.

Talvez assim, e só talvez, o espetáculo possa entrar em cartaz na mente e no coração das plateias. Por muito tempo.

As mãos limpas desses catadores de lixo apertaram a minha mão. E entregaram-me cinco procurações que autoriza que eu escreva a nossa Tese.

A representação daquilo que disseram ser Educação Ambiental é a própria escritura da Tese.

E se a obra do professor Marcos (assim tratado pelos pesquisados) é Rede que é fundo para essa pesquisa, então, com a permissão dos bichos-da-seda – os catadores de papelão são o próprio fio que tece toda a Rede que nos protege.

É uma obra nova.

Uma peça nova.

Por mais de uma vez, camisetas sujas e suadas ofereceram um peito limpo e generoso. E encontrou com o meu – o abraço.

Agora aqui, lendo o que está escrito, como poderia continuar a afirmar que eles não escreveram essa Tese.

Não se trata de um jogo de palavras que envolvem e confundem o leitor.

Mas uma constatação que só me foi permitido, quando caminho pelo antefinal e vejo as cortinas.

Eu declaro que a sensibilidade que habita em mim permitiu ouvir além do que está na palavra.

Ver pelos olhos de crianças.

Sentir cheiros que nem mesmo O Perfumista¹⁰⁹ catalogou em suas listas.

Essa escritura tem muitas mãos.

Todos nós somos redeiros.

A Tese faz um convite. Mergulhamos em algum mar. Ou pelo menos, algum oceano de histórias. E nos reconhecermos ou encontrarmos o rosto de um alguém.

¹⁰⁹ Filme O Perfumista – a história de um assassino. Jean-Baptiste Grenouille (Ben Whishaw) nasceu com o olfato mais apurado do mundo. Por isso, encontrou uma prolífica - porém nada reconhecida - carreira como criador de perfumes. No entanto, sua constante busca pelo aroma perfeito o leva a caminhos perigosos.

Pesquisei. Andei por ali e acolá. Transitei por lugares.

Revisitei autores e pessoas.

Convivi e experimentei – vidas, hábitos, comidas, fé, pescarias e passeio de Kombi¹¹⁰.

Procurei por uma metodologia que permitisse representar o que a gente sente, quando senta à mesa de uma família que vive da catação do lixo, mas oferece e DIVIDE¹¹¹: - café passado na hora, pão de padaria e bananas. Tudo isso a um estranho. Que não trabalhou junto.

Busquei por uma metodologia que melhor tratasse sobre a representação do diálogo com uma criança de seis anos, que utilizando a obra “O que é Educação Ambiental” fez desenhos no verso de folhas em branco e justificou: *“por que ali não tem letrinha e não estraga o livro do meu pai”*.

Reunir dados, tratá-los e depois representá-los sob um modelo metodológico adequado é o que se faz em uma pesquisa.

Porém tenha-se claramente o quão visceral são esses dados, quando trabalhados com/nas pessoas. Por vezes difícil de apresentar. Representar. Reapresentar.

Simplesmente, representar.

Em algumas situações tivemos dificuldades na utilização de um método. Então, decidimos por utilizar muitos, sob muitos enfoques para representar.

Pra falar com os leitores utilizamos imagens.

No caso dessa Tese, optamos por um foco principal – a força das imagens. Repete-se e reafirma-se que a imagem é metodologia.

O que convivi e experimentei fica tatuado na minha alma. O diálogo com um pequeno grande homem, na casa dos seus seis anos, quando falava acerca de suas escritas “**na/sobre**” a obra de Reigota. A palavra aqui é: indescritível.

¹¹⁰ O professor pesquisador viajou com o Sr. Rogério, em sua Kombi – veículo para trabalho e lazer da família, desde o centro, na cidade do Rio Grande até o Bairro Castelo Branco II, residência desse.

¹¹¹ A palavra em caixa alta representa a dimensão da generosidade dessa família. O professor-pesquisador pede licença para mantê-la.

A pureza da representação é o que representa¹¹².

A metodologia não alcança aquela carinha de pessoa pequena.

Torna-se impossível chamar aquela “pessoinha” de dados e representar metodologicamente aquela expressão.

É preciso ver.

É preciso sentir.

Eternizar aquela cena na memória.

Inegável e indiscutível a importância de fundamentar o modo de fazer.

Fazer pesquisa é fazer ciência. É aprender e dividir.

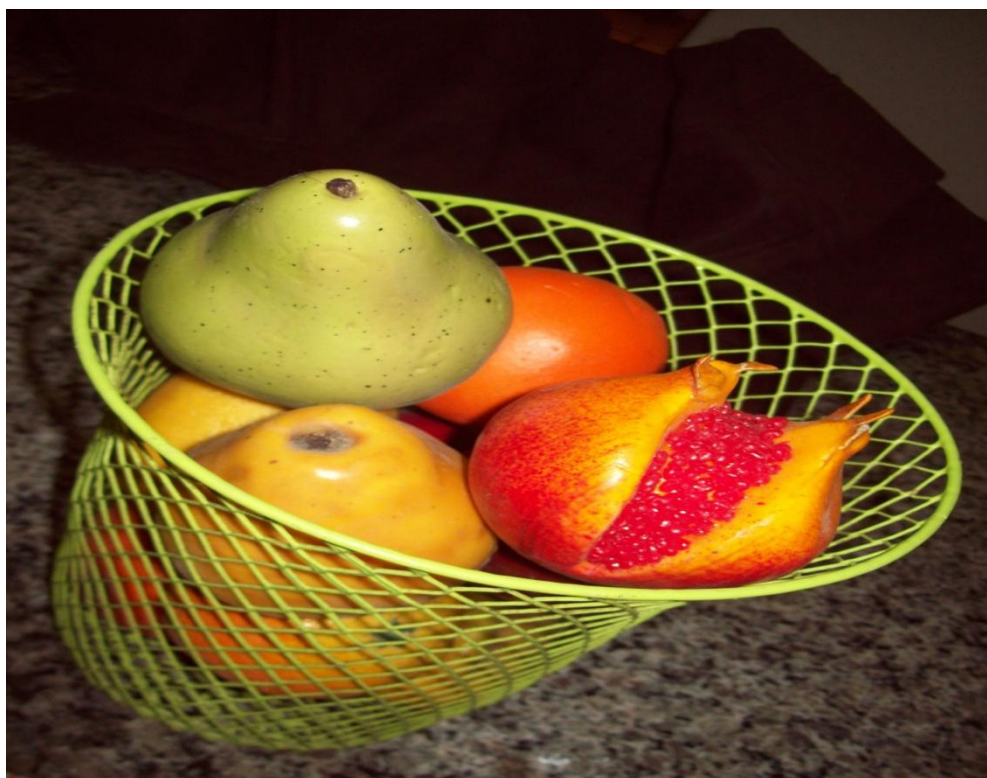
É mais uma referência.

Fazer uma ciência nova exige um novo modo de fazer. E nessa viagem de pesquisa todos sai ganhando. Ganha o professor-pesquisador, pois se torna aprendente. As pessoas que são a pesquisa - ensinaram, aprenderam, transformaram e SE transformaram.

Os autores que emprestam seus tantos métodos de fazer – são citados, comparados e diferenciados.

Os leitores que experimentam o novo e passam a ser mais. A ter mais uma maneira de fazer. E, sobretudo, sai vitoriosa a magnânima Academia, pois se permitiu Permitir.

112 Grifo do professor-pesquisador.



Fotografia 14 - Essa é a última moda. Um luxo. As frutas parecem quase de verdade – à mesma cor.

Fonte: Produção do próprio autor, com autorização.

Essa encantaria. Essa obra de arte. Esse mimo repousa sobre a mesa de pedra que fica na casa da família que acolheu o autor. Lá bebi café.

Sob o comando de uma agulha de madeira, de fazer Rede, que é batuta dessa música de catador de pescador continuo na regência.

Eles continuam catando aquele pescador.

Pescam nas lixeiras. Procuram por um amor que eu perdi.

Voz e imagens dizem para eu continuar a viagem.

Ainda têm pessoas falando sobre Educação Ambiental.

E naquele inverno passado, lá na sacada da minha casa, que fica naquela rua, em frente à praça, no centro da Cidade do Rio Grande, no Sul do Rio Grande do Sul do Brasil – comi laranja de umbigo e lembrei-me da Lúcia.

Aquela que caiu do balanço. Lá no Cocuruto.

Faço silêncio e escuto a voz deles.

Ouçam o que os catadores de papelão falam sobre EA e Professores:

“Tem professor que nem sabe direito pra que serve o papelão que a gente junta. É mesmo, isso é verdade. Agora a gente não faz mais, mas antes a minha mulher fazia cesta de páscoa, daquelas bem reforçada sabe? Que são costuradas e tudo. Se faz daquele papelão de quatro camada sabe? Que tem duas de sanfona e duas folha grossa lisa.

A gente separava em quatro, com todo cuidado e coisa e tal e usava o sanfonado pras alça que fica bonito, fica de ondinha sabe? E a cesta mesmo era feita do liso, juntava as duas parte lisa e aí costura é melhor que só cola, fica bem forte o fundo. Hoje não se faz mais isso.

Vendia nas venda aqui perto, nos mercadinho. Tinha umas que usava papel de seda, ficava mais bonita até, mais viva, mais também com a mesma técnica de costura bem e faz a alça crespinha. Hoje é de vime ou nem e faz mais cesta, as caixas de chocolate já vem pronta e cada ovo mais grande que não tem cesta pra caber.

Vou dizer pro senhor que lá em casa a gente leu todinho o livro do professor foi até a minha guria de doze anos que gostava de lê pra nós, ela tá na sexta-série, lá no Cipriano¹¹³ e diz que vai se professora de matemática na FURG. E pergunta por que ela qué sê professora de matemática: – perguntei.

- Por que ela disse que até hoje não conheceu uma professora de matemática que tem paciência de ensina matemática.

Eu acho que essa guria dá pra coisa. Vai sê uma boa professora de matemática pras criança.

O cara tem que tem vontade verdadeira pra sê qualquer coisa que decidi na vida. Seja pra sê carrocerro, dotor, trabalha em escritório, professora, pra qualquer trabalho que a gente faz é preciso faze bem feito, não por que é só isso que a gente tem, mais por que de alguma manera é uma escolha.

A gente vive reclamando da falta de coisas, de dinheiro, mais saúde, uma casa melhorzinha, mas tem situação que o cara poderia tê tudo isso e foi

¹¹³ Escola Municipal de Ensino Fundamental Cipriano Porto Alegre

pra outro lado. Desperdiça outras escolha e agora fica se fazendo de coitado que só tem isso.

Eu não sou um cara que reclama, nem me lembro de reclama quando era mais novo.

Meu padrinho, que já é falecido tinha um ditado muito bom: ele dizia que sempre tem dois caminho e a gente pode ir num e depois no outro, mas não pode se arrepende se escolhe um só¹¹⁴. (CATADORES, 2012 – entrevista transcrita).

Esse aprendiz de professor e pesquisador recebe esse ditado como um conforto. É bom saber que temos a possibilidade de escolher. Ainda que se arrepender, poder-se-á fazer outra escolha. Sob nenhuma hipótese utilizo essa sabedoria como um escudo para justificar o caminho seguido. Porém assumo essa sabedoria como possibilidades de caminhar e pescar.

Por mais de um lugar. Em mais de um oceano. Errar pra acertar. Acertar errando. Errar. Acertar. Aprender a errar.

Mostrar o erro e aprender.

As soluções pela simplicidade advêm daqueles que também são simples. Recorro ao autor Reigota (2009) e transcrevo a sabedoria das suas palavras: “Os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão às soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs”. (REIGOTA, 2009, p.19).

“[...] eu até comentei com o Jovino, aquele meu colega que junta só das loja aqui do centro (junta papelão) nós tava discutindo o livro e tivemos o mesmo pensar, os dois – quando sai as notícias sobre os carroceros que tiro areia lá do Cassino¹¹⁵ e vendem como aterro. E nem é das duna.

Na maioria das vezes é do outro lado da faixa, nem é perto do cordão de areia e nem da praia. As noticias só sabe critica e condena. Ninguém nunca vai lá saber da vida do cara. Como ele tá vivendo com a família dele. Qual as condições que ele tem de bota comida na mesa. As maquinas não passa por lá. Tem família que no bem inverno não sai de casa. É água mesmo. E barro. Chega abri uns valetão que cabe uma carroça. Até um carro inteiro. Isso não é muito noticiado.

Tá é errado isso de tá tirando areia de lugar que não é da gente. Sabe que lá tudo é área de marinha né? Mesmo que a gente não mexe nas dunas, ainda assim prejudica sim a natureza dos bicho que vivem lá.

Os tuco-tuco¹¹⁶ mesmo eles vivem nos tunelzinho de areia. Esse pessoal mais novo, tem uns que nunca viram um bichinho desses brincando na terra. Brincando de se esconde da gente. Todos os meus filho já viro. Eles vão sabe conversa sobre isso...”[...].

¹¹⁴ Grifo do professor-pesquisador.

¹¹⁵ Balneário Cassino, Rio Grande, RS.

¹¹⁶ Nome científico *Ctenomyidae*

Eu também sei conversa sobre tucotuco. Eu, a minha irmã Claudia Andréa, meu sobrinho Jean e o meu Luciano, todos nós, sabemos conversar sobre tucotuco.

Nas dunas do Cassino, em completo respeito e silêncio, já observamos esses “irmãozinhos” brincando de entrar e sair de casa.

Isso é como um encantamento.

É um segundo mágico. É um instante que revela a vida que vem da terra a fora.

E o senhor falou:

“dá pra fica meio de campana e aí o cara vê os bichinho. Não dá pra quere tira foto deles por que é muito rápido. Mais pra que foto se fica na memória da gente né?”(ELISIO, 2012 – entrevista transcrita).

2.8 O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Antes e depois de ler REIGOTA?

O que é Educação Ambiental antes e depois de Reigota, para os cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, RS se confunde com as histórias desses catadores.

As falas desses homens são músicas.

O que é Educação Ambiental para essas pessoas é o que mais quero saber. Quando os conheci, julguei-os por suas caras. Só depois lhes perguntei os seus nomes.

Descobrir por eles e com eles que Educação Ambiental é no mínimo um namoro. Prazeroso relacionamento.

Antes de ler Reigota, os interlocutores dessa pesquisa revelaram o que pensam ser – e é Educação Ambiental.

Os pesquisados trouxeram a Educação Ambiental sob e sobre a pele.

As revelações das imagens, todas essas que estão nessa tese e, aquelas que a lente da câmera e dos olhos não captou, representam, todos os dias, o que é Educação Ambiental para esses educadores.

Essa aquarela de falas pinta o que é Educação Ambiental. Seja Inventiva ou inventada, mas Educação Ambiental.

“Por mais que a pessoa pense nas consequências daquilo que ela tá fazendo, seja pra outra pessoa ou pra mãe natureza, se for de bom fica tudo bom pros dois, mas se for algum mal, ora é claro que o resultado vai ser ruim pras duas partes. E incrível que a pessoa já tá sabendo de antimão que o estrago virá – pode ser numa amizade, uma queimada de lixo, os óleos que despeja na pia da cozinha, os cuidado que tem quando bota o lixo fora, às vezes, até coisa quebrada vai junto, sem nenhum aviso ou mesmo bem enroladinho pra protege quem junta coisas.

Mesmo assim as pessoas tão fazendo coisas que são reprovadas, recebendo as consequências e voltando a fazer.

O senhor vem aqui perguntando sobre Educação Ambiental pra nós que conhecemos bem esse campo e o senhor pergunta com cara de quem que sabe mesmo né?

Tem muito pessoal que podia dá aulas desse assunto. Gente que to falando, de catador.

O senhor tinha que ter conhecido o seu Dedablio¹¹⁷ ele era um velhote muito inteligente. Essas notícia que saí na TV sobre meio ambiente, os ministro falando de usina que vão derruba mata, cidade, floresta, tudo isso ele sabia conversa como ninguém. E um velho simples. Um cara que nem estudo eu acho, mas sempre preocupado com que a gente vai dexa. Isso sobre as consequência das coisa se como um mesmo rio de duas nascente, isso ele sempre tava falando. Um cara muito sério que poderia tá lá dentro das escolas ensinando mais que algum professor até. Ele dizia que é de Estrela¹¹⁸ e veio para aqui por precisão, a gente não sabe por que. Me lembrei disso por que o senhor fala sobre o que é Ambiental, Educação Ambiental né? Mais uma coisa é certa não é só aquilo que a gente ouve falar, lê, vê na TV é muito mais séria e não é um livro ou muitos livro que se escreve que vão muda as pessoas, só a pessoa muda as pessoas e faz delas diferente, boas pessoas ou não.[...]"(CATADORES, 2012 – entrevista transcrita).

¹¹⁷ A transcrição do nome está conforme o pesquisado escreveu em um pedaço de papel. Num primeiro momento tive dificuldades em entender, interpretar e representar o nome do senhor “Dedablio”. Depois em casa ouvi a gravação, li a transcrição que havia feito e reli por muitas vezes o nome “Dedablio” que o colega escrevera no pedaço de papel. Confesso que não conseguia - na minha simples compreensão, representar a imagem da pessoa desse nome. Em uma oportunidade encontrei com o colega que falara sobre o senhor “Dedablio”, novamente referi o nome e perguntei por onde poderia procurá-lo, se ainda estava em Rio Grande, e manifestei a minha estranheza com o nome. De imediato o senhor que conversava comigo disse: - eu não falei o nome completo dele pro senhor né? É que a gente conhece ele por “Dedablio” – é o seu Durval Wergueiro. Nesse momento aquietou-se a minha compreensão e percebi o quão e belas são as terminologias que nos representam. Agradei. Compreendi muitas coisas. Nenhuma delas vou revelar aqui. Descubram-se. Naveguem por nomes, sobrenomes e terminologias de representação.

¹¹⁸ Cidade de Estrela, RS.

Quando os meus ouvidos ouviram, os dedos da minha mão, segurando na caneta escreveram. Os meus olhos leram e a minha boca salivou – num sinal de quero mais... **”só a pessoa muda às pessoas e faz delas diferente, boas pessoas ou não.[...]”** - FALAS de catadores de papelão, 2012.

... Compreendi que Educação Ambiental é maior que eu.

Muito maior que todos nós. Pois é da mesma medida e importância que uma única pessoa.





Fotografia 15 - O pão nosso de cada dia é de Papelão.

Fonte: Produção do próprio Autor.

Um dia desses, com bastante sol e calor o professor-pesquisador voltava por um caminho que não costumava andar. Pois ali estava outro brilhante que compunha a totalidade da joia que encontrara.

Procurei pelo condutor da "carruagem" e encontrei um rapaz de pouco mais de quarenta anos. Primeiramente, tratei de me apresentar. Não dispensei um bom e afetuoso aperto de mãos. Comentava com ele que essa imagem seria bem vinda para o meu trabalho de pesquisa. Detalhei qual é o meu trabalho, a proposta de pesquisa. Enfatizei a pergunta que gera toda a investigação. Falei na FURG, dos outros catadores de papelão que estavam contribuindo comigo. Tudo isso sensibilizou o rapaz. Autorizou fotografar o seu trabalho e ainda me disse: "o senhor nem sabe, esse papelão todo vira pão lá em casa, e ainda faz a Kombi anda".

Não demonstrou interesse em participar da/na pesquisa.

Agradei e segui pelo meu caminho.

Penso naquilo que denominamos lixo, o que pode representar, para cada um de nós.

Continuo a revirar falas. Falas de catador de lixos. Para responder o que é Educação Ambiental.

Talvez para representar um conceito ou mesmo pra dizer o que é Educação Ambiental, seja preciso ler. Pescar. Catar coisas em si e nas pessoas. Imaginar. Imagens. Fotografias.

O que é Educação Ambiental? Para aquelas pessoas todas. Todos os que não falaram aqui. Todos os que eu não encontrei e, não ouvi.

Como saber o que é Educação Ambiental, para o meu pai? Para o teu pai? Para todas as crianças que não conhecem vagalumes? Para aqueles que não têm uma graminha verde? Para os cavalos que não resistiram às lidas nas carroças, presos aos varões e, debaixo do couro que lhes rasga o couro?

Como saber o que é Educação Ambiental?

Penso que esse exercício não se esgota aqui. Essa prática é para se repetir todos os dias.

Antes e depois do sol.

Depois e antes da chuva. Quando os olhos dormem.

Principalmente, quando os pés, apressadamente, deitam sobre a terra e caminham em procissão com um corpo humano.

E nessa festa, em romaria, um romeiro conta a sua experiência com a leitura de Reigota. O seu Elisio diz:

“Tá lendo esse livro do professor Marco faz eu pensa que as minhas ideia sobre conserva a natureza é diferente do que eu pensava antes [Intervenção]. Tá eu tinha uma ideia que a extinção dumas espécies tava ameaçada e isso era só culpa do homem, tipo do cara comum que caça e pesca quando não tem que pesca naquela época. Eu mesmo conheço uns parente lá da Z3¹¹⁹ que tiveram que fazer um curso da justiça, por que pescavam na época do defeso¹²⁰. Isso é burrice tão acabando com a natureza que sustenta eles e a família deles. Acho que falta um poco de esclarecimento pra esse pessoal.

¹¹⁹ Denominação para Colônia de Pescadores da 3ª Região – Zona de Pelotas

¹²⁰ Período em que as atividades de caça, coleta e pescas esportivas e comerciais ficam vetadas ou controladas em diversos locais do território nacional. Este período é estabelecido pelo IBAMA de acordo com o tempo em que os crustáceos e os peixes se reproduzem na natureza.

É de repente a falta de uma leitura até. Uma informação que fosse bem clara explicando tim-tim por tim-tim o que acontece quando o cara desvia o curso natural da vida. Agora eu já to vendo que quando a gente tá falando de Educação Ambiental é muito maior né? É uma responsabilidade que tá numa cadeia de interesse e de vontade diferente né?

Se fosse só pra evita que alguns tipo de passarinho, bicho e camarão desaparecesse, acho que não era tão preocupante assim e só isso não seria um problema de Educação Ambiental. A vida da gente todos os dias é de Educação Ambiental né? Essas lei que proíbe tudo é mais de interesse de mexe no bolso, de tira dinheiro das pessoas que fazem irregularidade na natureza. Tá certo que tem que te uma maneira punitiva, mas eu acho que isso não é Educação Ambiental, não é nem Educação, né?” (ROGÉRIO, 2012 – entrevista transcrita).

E se me perguntarem “como será o amanhã...” eu não sei.

Para representar um conceito ou mesmo pra dizer o que é Educação Ambiental, talvez seja preciso ler. Pescar. Catar coisas em si e nas pessoas.

“Hoje o que a gente vê é muito desrespeito pelas pessoas. Uma falta de amorosidade. Olha que to com 58anos e não fura um domingo que eu não vou lá na casa do meu velho pra passa uma tarde com ele.

Ele mora pra fora, eu tenho uma condução e vai todo mundo – minha mulher, dois filho, neto são dois e quando nós vamos lá chegamos cedo e saímos bem tarde – deixo lenha cortada pra ele, pra semana toda.”(ELISIO, 2012 – entrevista transcrita).

O grande desafio para o futuro é justamente encontrar a linguagem humana e humanitária para tratar sobre a vida e das coisas na vida. As relações que estabelecemos com as pessoas, em qualquer nível, sejam, parental, profissional ou de amizade é ou deveria ser – um simples contrato afetivo de reciprocidade.

Para continuar respondendo o que é Educação Ambiental? Peço auxílio ao mestre Josmar. Sento na proa do seu barco e, muito atentamente, junto ao barulho do mar, ouço a sua música:

“Uma vez vi uma cena curiosa ali por perto da Quinta¹²¹, mais pra dentro do corredor das maderera. Um caminhão vinha e despejava quantidade de costaneira¹²². Era adulto e criança tudo se matando pra junta e carrega. Era um formiguero. Aquela resina da casca da madeira soltava nas mãos e na roupa das pessoas. Aí como que a gente vai entende o que é certo fazer na Educação Ambiental? Se a maderera mesmo não tem nenhum cuidado, não penso nem nas pessoa que dirá na natureza. Pra muitos, nem gente nem natureza tem muita importância. Só tem preço pra vende ou pra compra. Pra eles nem gente e nem natureza é muito importante. A gente vê tanta coisa que tem explicação, mas no fundo é só uma fala falsa pra justifica o que os grande pode fazer. Só eu vi uns dois ou três despejo de costaneira. Imagina se distribuíssem direitinho pra um colégio, uma crecha ou pro pobre mesmo. Eu não sei dizer bem diretamente por que eles botaram esse material fora, não dá pra pessoa fica só julgando, mais deviam te uma certa responsabilidade. Muita criança pode se pisa. E os mais velho então nem se fala, pega numa veia da perna lá se vai uma variz rebentada. To lhe dizendo o respeito tá sumido. Muita poca gente tá se responsabilizando pelo que faz. As coisa acontece, se é pro bem tá tudo certo, tem até responsável. Mas se prejudica muitos, o que quase sempre acontece, aí ninguém é o pai da criança. Um camarada lá me disse, sem te certeza de fato que o cara do caminhão disse que a maderera vendeu uma carga maior que era pra se recebida por quem comprou, era quebra de encomenda, isso que ele disse. Vai sabe, né?” (JOSMAR, 2011 – entrevista transcrita).

Chamo Reigota (2009, p.17) para balizar essa fala, principalmente quando o autor diz, textualmente:

“A EA crítica está, dessa forma, impregnada de utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a humanidade, sejam elas entre a humanidade e a natureza.”(REIGOTA, 2009, p.17).

Para além da Educação Ambiental, que se façam exercícios de Educação. A todo o instante. Antes que o ponteiro, em sentido horário possa completar um minuto. Não nos encontramos em uma encruzilhada. Porém é sabedoria se tomarmos uma decisão, uma atitude.

Para Cortesão a palavra é “multiplicadores”.

Sejamos então.

¹²¹ Povoado que é 4º Distrito do Rio Grande, RS.

¹²² Parte externa do tronco da árvore de pinheiro. Cortes quadrilaterais, verticalizados. Deixando limpo o tronco que é a parte mais nobre desse tipo de madeira. A parte externa, também conhecida como casca é de valor inferior e mais acessível a comunidades carentes.

Não estamos e nem podemos está parados lá, naquele lugar de onde saímos a viajar.

É preciso não caminhar na contramão do caminho. Voltar agora, só se já estivermos bem diferentes de antes.

Mais maduros. Maturados. Depois do defeso.

Os gritos. As lágrimas. Os tons da natureza mudam com muita violência.

Abruptamente. A toda a metade de um minuto.

O que é vital para a vida e para a qualidade da vida passa por uma confusa interpretação de valores. Uns nem tão importantes assim.

Vive-se com pouca água da cacimba – até sem conhecer o que é uma cacimba.

Vive-se com metade dos parques. Sem baleias. Sem carroças e sem pescador.

Porém etiquetas tentam mostrar como não se vive.

Volto o olhar pro Cocuruto. A mãe limpa o lampião que vai ilumina. Por todo um bom pedaço da noite.

Ainda a tempo de pesquisa.

2.9 UMA LUZ DE LAMPIÃO

Ainda é cedo. A luz do lampião brilha e reluz.

Há bastante querosene no vidro.

A manga é muito limpa.

Quase transparente, logo a luz é quase branca.

Ainda posso perguntar mais. Posso saber mais das pescarias de catadores de papelão. Percebo uma fonte de pesquisa, de nome Salvino jorrando informações que alimentam a sede – do pesquisador.

2.10 UMA PESCARIA NO LIXÃO DO RIO GRANDE, RS.

Precisamos falar antes de chegarem os caminhões... Depois é um barulho terrível. Aves e gentes guerreiam pelo lixo – não estaremos mais sozinhos. Então investigo sobre as pescarias desses catadores de papelão, lá no lixão da prefeitura¹²³, investigo porque é pesquisa. Pergunto ao homem porque é pessoa. Apresento dados porque é pesquisa. Represento falas porque é humano. São falas das imagens que vi.

E ele continuou – representando suas falas:

“Eu não falei pro senhor do acidente lá do lixão, né?, eu trabalhava lá com meus colega. Lá a Flávia perdeu a mão e o seu Nico, um velhinho que nem era pra tá por lá, mas também garimpava lá ele teve a barriga furada até o intestino. Foi horrível, quase morreu de mau atendimento e falta de cuidado coitado. O cara do Louzada¹²⁴ lá da São Miguel que salvo ele, comprando os remédios. Hoje tá sofrendo ainda com essa sonda que tem que usa pro resto da vida agora. A Flávia perdeu a mão, ainda de toda a sorte que foi a mão que ela usa poco. Mas perde uma parte da pessoa e trabalhando é muito triste. Mesmo que seja no lixão, ainda é considerado um trabalho. A gente juntava muita coisa boa lá, pena que a prefeitura não tem preparo pra organiza o despejo dos caminhão. Esse velho mesmo era pra se tratado diferente pela secretaria da saúde da prefeitura. Eu acho que é uma questão de respeito com as pessoas. Educação mesmo. Isso também é Educação Ambiental, não é mesmo? O respeito tem que começa com as pessoa que são os primeiros ser viventes, né? Muito bonito faze aterro orgânico, uma máquina que agora separa os lixo seco dos molhado, antes era a estera, por isso que teve o acidente com a Flávia e foi culpa deles. Foi culpa da prefeitura e eu digo pra quem quiser ouvi, eles não davam nem bola pra como era despejado o lixo. Eu e mais uns outros não se jogava junto com o caminhão, mas tinha que gente que até subia no caminhão. Eles nem falavam nada. Pensa que alguém da fiscalização dizia pra toma cuidado ou que parava o baú pros cara sair de baixo, não, nada disso. A gente tava sempre falando: - isso ainda vai dá um acidente grave aqui. Pronto, logo dois acidente, e sério. Noticiaram esse acidente muito abafado. Um pessoal andou por lá fez uma fotos. Pensa que procurou conversa com o pessoal, nada. Nem importância deram pra nós. Taí mais uma falta de EDUCAÇÃO¹²⁵. Tava claro pra gente que não ia dá em nada aquilo. Só fizeram é fechar o lixão. Tiraram o emprego de muita gente. Muita família fico mal com isso.

Eu até acho que eles não falaram nada com a gente por que eles nem sabiam o que fala. O senhor mesmo, nada ou quase nada sabia disso, né? Eu não sei se o senhor já conhecia aqui. Não é um lugar di passeio né?”(SALVINO, 2012 – entrevista transcrita).

¹²³ Lixão Público e Municipal, Prefeitura Municipal do Rio Grande, RS – Bairro São Miguel.

¹²⁴ Uma loja de material de construção, localizada no Bairro São Miguel, em Rio Grande, RS.

¹²⁵ O professor-pesquisador sentiu necessidade em representar essa falta de educação em maiúsculo.

Para essa fonte, aos interlocutores e leitores desse trabalho de pesquisa, sobre conhecimento acerca do lixão do Rio Grande, RS tem-se a dizer:

- A resposta é sim. Já conhecia esse local. Quando ministrava, no Curso de Biblioteconomia, na FURG, a Disciplina Informação e Meio Ambiente. Por mais de uma vez, levei turmas de educandos/aprendentes ao lixão. A proposta da visita orientada se voltava para observação do ambiente humano e de lixo.

Igualmente, fazíamos em outros locais como a Estação de Tratamento de Esgoto – ETE, Estação de Tratamento de Água - ETA/CORSAN, Estação Ecológica do Taim – EsEcTAIM, Lagoa Mirim, Lagoa Verde, Ilha dos Marinheiros, Associação dos Catadores de Lixo do Rio Grande – ASCALixo, Museu da Pólvora – marismas, exuberante flora e fauna, entre outros são santuários de observação e dedicação, nos quais busco dividir com meus aprendentes-ensinantes.

Ainda sobre lixo e lixão busco em Oliveira (1992):

“3- O HÁBITO FAZ O LIXO

O lixo produzido está associado diretamente ao hábito inexorável de consumir.

Entretanto, há alguns exemplos paradoxais de geração de lixo.

Alberto Ferreira é um aluno de Engenharia. Muito aplicado e cuidadoso com seu material da Universidade.

No primeiro semestre do curso, ele frequentou as aulas da disciplina de FÍSICA I. Foi aprovado com nota alta.

O seu caderno de FÍSICA I, que ao ser adquirido não era mais do que um conjunto de 100 folhas vazias, passou a ter uma participação fundamental no seu aprendizado e logrou ficar cheio de “conhecimentos”, que finalmente o conduziram à aprovação. Depois, o mesmo caderno passou simplesmente a ocupar espaço na estante (a letra realmente não era das mais bonitas).

Lá pelo quarto semestre do curso, foi descartado (cheio de coisas úteis) no cesto de lixo.

Onde está hoje o caderno do Alberto? No lixão da cidade.

Se alguém ainda não sabe, LIXÃO é um depósito de coisas consideradas descartáveis, no qual é costume que as Prefeituras Municipais das cidades amontoem os resíduos sólidos, de preferência onde ninguém veja. É muito feio. Lá também costumam ir os cadernos cheios.”

(OLIVEIRA, Arthur Santos Dias de. **LIXÕES: o preço da ignorância**. 1992, p.15).

E o senhor Salvino ainda disse:

“o seu Nico era pra tá em casa no conforto só aproveitando o resto da vida – um homem que trabalho pra cria aqueles filho e deu estudo pra um que

ganho o mundo e a gente nunca mais soube. Uns dizem que o guri foi mal pro pai. Mas vai sabe o que passa na cabeça duma pessoa que consegue sair dum lugar que não quer ficar e tem essa oportunidade e aproveita. Não dá pra fazer crítica. Eu me lembro pouco do guri dele, a turma é que lembra mais". (SALVINO, 2012 – entrevista transcrita).

Lembrei a letra de uma canção.

Daquela canção que diz “Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça dando milho aos pombos”¹²⁶.

Pergunto-me o que aprendi no tempo que caminhei com essa pesquisa? Por essa investigação?

A minha pretensão é nenhuma. E, se, em algum momento, lá atrás, bem antes de ter iniciado a viagem, pretendia encontrar alguma ou algumas poucas respostas, posso afirmar que só muitas perguntas emergiram.

Agora, sobre a minha cabeça, um container cheio de sentimentos, insiste em ficar suspenso por redes de pescador e raízes de baobás.

.a mente, muitos questionamentos.

E, dentro do meu coração, para cada pergunta nova que encontrei, a resposta é sempre a mesma: - sim, desejo experimentar. Arriscar. Acertar, mesmo errando.

Para Reigota (2009), a Educação Ambiental não se sustenta somente na abordagem sobre conhecimentos sobre a natureza.

A Educação Ambiental é diálogo.

A Educação Ambiental se faz com rostos, mãos e pés que caminham entre conhecimentos e culturas. Ainda, segundo o autor, a disseminação do conhecimento possibilita a participação política e social dos segmentos da sociedade, como, por exemplo, “[...] (diretores e diretoras, cozinheiros e cozinheiras, serventes) do processo educativo”.

Acrescento nesses segmentos os catadores de papelão, os pescadores, os carroceiros, os varredores de ruas e praças. As relações sociais, ambientais, econômicas e afetivas que essas pessoas estabelecem é uma condição para a “busca de cidadanias brasileira e planetária” (REIGOTA, 2009, p.98).

¹²⁶ Música Milho aos Pombos, Zé Geraldo.

Embora as relações sejam um processo que modificam pessoas, ainda assim permite um movimento por parte das/nas pessoas. Essa dinâmica que não acontece isolada, mas mútua e ajustada é um caminho para aquilo que a sociedade preconiza como “viver bem”.

Viver eco emocionalmente correto.

Por que não? É possível sim. Basta que eu feche bem os meus olhos e perceba que não estou sozinho.

Ouçõ a pescaria.

Ouçõ gritos e vejo que o balanço está vazio.

Um movimento de gentes. Todos sabem uma receita para curar a queda da Lúcia. Para tratar daquilo que é dor.

Uma reunião de bagagens de heranças de vó e bisa se constituem em conhecimentos. Culturas. Crenças. Folclore, bandagens e fé.

Emplastos.

Chás.

Ataduras e talas rudimentares. Cuidados desse ou daquele jeito.

Todos sabem o que o seu conhecimento sabe.

Todos disseminam o que sabem porque aprenderam.

Estamos em uma aula de Educação Ambiental a céu escancarado.

Acima do balanço só as sombras de dois enormes eucaliptos.

Acima de nós - um céu.

Passei de um pesquisador que pesquisa, que faz perguntas e transcreve falas, para um leitor saudosos e um crítico das possibilidades perdidas.

Agora sou um ouvinte.

Sou um ouvinte dos meus pensamentos.

Por muitos momentos, enquanto uma linha investigativa me conduzia com todo o rigor científico ainda assim, tornava-se impossível não olhar para os dois lados do caminho.

E por mais que me esforçasse continuar igual tornou-se impossível.

Um gênio, de sabedoria desmedida e simples, confessou:

“Nós só moremos no meio ambiente. Quando a natureza não quer mais a gente num lugar ela expulsa as pessoas – o senhor não viu o Tsunami? O que aconteceu naquele terremoto lá na Espanha? Mas terremoto acho que não tem muito a ver com destruição da natureza né? Isso acontece desde que o mundo é mundo, o que pode tá acontecendo é muita gente usando a terra né? Isso pode acontecer? Esses desastre não tem muito a ver com as pessoas, claro que se tá acontecendo isso tudo e a gente tá aqui é por que de alguma maneira é a gente que tá ajudando pra que essas coisas acontece.

Para mim Educação Ambiental é ter cuidado com todas as coisa da natureza, por que tudo que tá aí é nosso, mas também é de todo mundo, até daqueles que nem nasceram ainda. Eu sempre pensei que Educação Ambiental era coisa de política. To sendo sincero contigo, não achava que era uma coisa pra fica pensando. Já se tem tanta coisa pra fica pensando o dia todo, mais aí quando um parente nosso falo que pesca lá no Bosque¹²⁷ e tá parando de entra o bagrinho, papa-terra, camarão mesmo tem sido fraco, até siri que vinha como lixo na rede, até ele tá sumindo e ele me garantiu que ouviu fala que é por causa dos veneno das plantação de arroz dos estanciero lá da Quinta e do Taim¹²⁸ e vem direto cai aqui na lagoa. Tais sabendo de algum estudo lá na FURG sobre isso? Ele comento que a Mirim tá comprometida pra pesca.

Tudo isso agora é preocupação pra gente é uma coisa que a gente fica pensando e fica triste né? Pensa bem tu sabe que teus parente não tão conseguindo sustenta a família com o fruto do trabalho é muito triste isso. E ainda pior sabe que alguém que é gente que nem nós tá causando isso pros semelhante. Pensa bem como que nós pessoa somos tão ingrato uns com os outro né?(ELISIO, 2011 – entrevista transcrita).

¹²⁷ Bairro Bosque Silveira, uma região periférica do Rio Grande, RS.

¹²⁸ Estação Ecológica do TAIM – EsEcTaim - Situada no Estado do Rio Grande do Sul, compreendendo partes dos municípios de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, entre a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico, próximo do Arroio Chuí, na fronteira do Uruguai, encontramos a Estação Ecológica do Taim, com uma área superior a 32.000ha, criada em junho de 1979.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é o fim de nada... É só mais um começo pelo fim.

Bem, nos filmes estrangeiros é *the end*. No Brasil é fim ou final.

Daqui onde estou vejo que já amanheceu. Tá na hora dos homens voltarem à praia trazendo as embarcações. Esse é o meu barco – Diamante. Foi uma bela safra que iniciou em 2010. Possibilidades se descortinaram por todo esse tempo, e o doutorado em Educação Ambiental me escolheu.

Viajei e recuperei meus eu's: - Cocuruto.

Berço. Safra de camarão. Festa dos Navegantes. Carroças e cavalos. Plantação de cebolas. Balanço. Laranjas de umbigo. Roupa de gesso da Lúcia. Temporal. Campinho de graminha verde.

Noiva do Mar, Santa Isabel, Lila, Bethania... O Rio Grande do Rio Grande do Sul.

A FURG. A Biblioteconomia. Professor. Aprendiz. Um artigo. O MEA.

Maria Judith Zuzarte Cortesão. Gratidão.

Uma pipa. A Lagoa Verde. O Taim. A Lagoa Mirim.

A Educação Ambiental. PESSOAS. Seleção. Doutorado. Viagens. Um Mestre. Ideias. Um vento, Norte.

Um homem. Um bicho. Um HOMEM.

Um jeito de olhar. Um "Olá!". Muito lixo. Muitas possibilidades.

Mais homens. Mais bichos. Mais PESSOAS – cinco agora. Uma ideia. Uma pergunta. Um monólogo. Vários diálogos. A confiança. O respeito. O primeiro abraço.

As famílias. O primeiro café, passado no saco de passar café. Um castelo. Encontros. Apertos de mãos.

Um menino – Davi. Uma caricatura – representação.

Aquilo que não é lixo. O que é lixo está em nós - O que é lixo poderá está em nós.

A pescaria. As Redes que abraçam. Um pescador toca em mim.

Cinco catadores de papelão, no centro da Cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul do Brasil.

A cena final.

A última fala que fala aqui.

3.1 O ESPETÁCULO

Meu nome é Eliseu, mais o pessoal me chama de Xavier¹²⁹.

“Olha, pra saber o que a gente ficou daquele livro do professor Marcos, que o senhor nos deu é fácil. Muita coisa a gente já sabia. Outras coisas a gente aprendeu que temos que alerta os outros, principalmente os professor dos nossos filhos e isso é geral. O senhor pode conversa com os outros que leu o livro, a maioria leu mesmo, os filhos que tem leitura melhor ou a patroa (rsrsrs), mas todos lemos. Pelo menos nas experiências que tão no livro ajuda o cara a vê como a responsabilidade de cuida da natureza não são igual pra todos. O jeito que as pessoas vêem a necessidade de fazer determinada coisa pela natureza é no mínimo diferente. É certo que todos estão preocupado com os rios, os bichos, o lixo, a poluição, essas coisas. Mas pra uns tem mais importância a água quente pra tomar banho por horas, passear de carro até pra ir à esquina, chega no supermercado e sempre encontra todos os produtos que enche o carrinho. Pra nós, que somos pessoas mais simples e talvez por que a gente sabe onde vai parar o lixo, me parece que se preocupamos mais.

No livro eu acho que não dá muito pra eles saber o que é Educação Ambiental. Eu to dizendo o que acho, e acho que muitos deles difícil de junta coisa pela rua. Sendo bem direto mesmo – acho que nenhum deles varo a noite de cabeça dentro de lixeira ou fez campana nas porta do comércio pra disputa papelão que dá um dinheiro bom. Certamente esse pessoal não viveu isso ainda. O senhor perguntou se a gente se é educador ambiental né? Se, se considera educador ambiental.

Olha eu vo dize uma coisa, o mundo tá pegando fogo aí fora, a gente tá vendo pela televisão que tem gelo tá derretendo, os bicho que são do gelo tão sem ter pra onde ir, queimada. A gente que vem de fora, que vem da

¹²⁹ Para ser fiel e dividir com o leitor a inocente e doce gramática dos pesquisados, mantenho a grafia. Muito embora saiba que posso está ferindo a língua portuguesa. Mesmo assim, peço permissão para poder oferecer a viceralidade dessa fala.

campanha. Eu nasci e praticamente me criei no interior de Dom Pedrito, RS. No mato mesmo. E lá eu me lembro que a gente não fazia nem arapuca, a gente não prendia passarinho. Todos os passarinhos eram nossos. Por que eram as nossas árvores e também não eram as nossas árvores. Eu vim de lá com vinte e sete pra vinte e oito anos. E nós nunca matamos uma lebre. As queimadas nós não tinha essa maldade de queima o mato. Hoje eles queimam o mato dizendo que é pra fortifica a terra. Não é bem assim. Queima o mato queima tudo. Queima as casas daqueles que viveram sempre ali. Muda tudo que tá naquele lugar. Até as pessoas ficam diferentes, isso por influencia até da falta de escuta um bentevi, um pinta silvo. Tem lugar aí pra fora que não tem nem quero-quero mais. E essa ave é a símbolo do Rio Grande do Sul, sabia?

A gente que trabalha juntando coisa, catando material por aí afora, pela rua, em qualquer horário e com qualquer tempo, se vê muita coisa. E se vê que o que às vezes parece que é lixo é só uma mudança na vida das pessoas. Quando me deixam conversa eu converso. Eu gosto de conversa com as pessoas. Eu também tenho muita coisa pra dizer. Claro que tudo com respeito né. Ali num edifício que tem perto do big eu já aconselhei uma moça que tava na frente e tava chorando. Com delicadeza e me aproximei e disse pra ela que se um moço bonito passasse ela nem ia ver. Ela riu.

Isso também é se um educador. Tenho mais experiência, então é justo que eu possa ajuda os outros. Mesmo quando eles nem me pede. Eu sou educador ambiental antes de ler o livro. Eu sou um educador ambiental. Lá na minha casa todos são educador ambiental. Parece que fica repetindo, mais é assim mesmo né? Tem que dizer do que se trata. Se educador ambiental é respeita os cachorro de rua. Ah, eu tenho uma boa pra lhe conta sobre cachorro. Eu tenho um conhecido que ele tem a carroça e tem dois cachorro. Eu não tenho carroça, eu tenho uma condução. Quando ele vem pro centro pra junta lixo seco, os dois cachorro vem dentro da carroça e ele carrega a carroça até fica uma quantidade boa pro cavalo puxa. Por que ele respeita o cavalo dele. Ele sabe que o animal é a condução dele. É um trabalhador que também leva o sustento pra dentro de casa. E os cachorro são os amigos dele e fazem a parte deles que é cuida do pátio dele. Nas vila não vai polícia.

A gente se garante cuidando um dos outro e uns bom cachorro de pátio. É o papelão que tá sendo juntado ali na rua também tem um destino, que é ajuda a bota a mesa. Vai sair da rua e não vai emporca a rua. A minha mulher, o meu guri a irmã da minha mulher que moram lá com a gente, e ela tem dois filhos, somos uma família grande e todo mundo lá já era de cuida do pátio, dos cachorro, vê as água, lava as vasilha de comida e de água. A gente aproveita muita água de roupa que serve pra muita coisa. A gente tem plantação e as água que lava a roupa, a que já tá enxaguando a roupa e que fica com poquinho de sabão, essa a gente agoa tomate, jogando no pé todo, por que é muito bom pro piolhinho branco. No galinheiro o senhor não sente nenhum chero de esterco de galinha, é botado areia todos os dias no galinheiro e é rastilhado todo dia. Renova a terra e vai altiando o galinheiro, depois de um tempo é adubo. Dá pra plantas de flor da mulher, ervinha cherosa como manjerição, hortelã, cidrera, funcho, sempre tem esses remedinho lá em casa. O cara faz o que acha que é certo senhor.

Nem bem o que devia fazer de melhor, mas faz alguma coisa que vai ajudando e mudando um pouco o lugar onde a gente vive.

A irmã da minha mulher e ela também fica nas volta e faz também, sabão. Eu não peço os óleos dos restaurante, mas elas tem uma conhecida que ganha muita quantidade, muito mesmo pra ela e acaba dando um mucado bom pra Sônia e a minha mulher também aprendeu a fazer sabão agora é uma farra, nem vê mais as novela delas de tarde. Tão ajudando a evita que um monte de óleo vá escorrer pelas pia e chega no mar.

Elas também tão ajudando até na safra do camarão sem saber direito (rsrsrs). É né? Tão ajudando a não polui a Lagoa dos Pato.

Lá todo mundo recicla tudo. É comida. É roupa. É alumínio que a gente derrete pra chumbinho de tarafa, sabe tarafa né? Separam os rótulo e as tampinha de garrafas plástica, as pet. Tudo é reciclado lá. Nada é lixo.

Lá no meu pátio não tem sujeira. Lá no meu pátio tem material. É muito interessante e a gente vê na televisão uns tipo de campanha de droga, pra não usar droga. Crack. Cocaína. Maconha, essas coisa. Na televisão isso parece até bonito, parece que é bom. As propaganda, o que é gasto com isso dá uma lembrança pro cara sobre a droga. É muito mais prejudicial do que de ajuda as propaganda e as matéria que dizem que é pra evitar droga. Parece que as campanha de evita o uso das drogas dão mais resultados contrário. Parece que esse chamariz alerta mais ainda. To falando isso já pra chega na natureza e o senhor vai entende.[...]" (ELISEU, 2012).

*Quando terminar essa pesquisa.
Quando vir às luzes se apagarem por si.
Quando vir que o balanço vazio
indica que é o final.
Nessa hora levantarei.
Sairei do meu lugar.
Farei todo o caminho.
Abraçarei os leitores.
A plateia.
Todo o elenco.*

Eu quero aprender a ouvir mais.

Eu preciso aprender a aprender e ouvir.

Claudio

Obrigado seu Eliseu.

“[...] É como na natureza e com as coisa que são sobre a natureza. Os repórteri ficam falando de desgraça na natureza. Morte por terra. Fulano mato uns índios por que eles tão plantando lá numas terra que ninguém plantava, mais agora querem a terra de volta. Tem discursão dos político pra aprova coisa que vão beneficia as pessoa, como a questão de leva água pras casa e esgoto. Dão uma matéria inorme sobre isso. Eu me lembro aqui no Rio Grande quando aquele navio quase afundo aqui. Se lembra? Foi um problema que teve e começou a derrama um óleo horrível no mar. Afeto bem ali por aquela volta da Barrinha, Santa Teresa. Depois se espalho por todo canto, até no Norte chegou. Aquilo foi muito triste. Me lembro que não paravam de falar do acidente, o senhor se lembra disso né? Muito assunto. Muita matéria na televisão. Mais propaganda que ação mesmo. Enquanto a noticia tava quente rendeu muito comentário, mais os coitado dos pescador tão amargando até hoje. Esse ano é que parece que o camarão tá descendo bem pra lagoa, por que nos anos anterior não era assim que se via não.

Eu não to querendo dize que não se deve dá notícia. Fala sobre as desgraça. O senhor vai me entende onde que eu quero chega.

Se noticia pouco e poucas vezes as vitoria da natureza. As coisa boa que acontece. É isso. O que acontece de bom não tem um apelo grande como acontece com as coisas que acontece de desgraça.

Eu vo lhe dize uma coisa, eu leio pouco, mas assisto os jornais. Mais eu acho que tem pouco livro falando das coisas boas que as pessoas fazem para ajuda na manutenção do meio ambiente. As vezes eu digo pros meus guri: - eu uma hora dessas vo começa escreve as coisa boa que eu escuto das pessoas na rua. Ah vo mesmo. Pelo menos vai se um livro bem positivo. Só receita boa (rsrsrs). Eu acho que isso nunca é se repeti dimais. Tem muita gente fazendo coisa boa pela natureza, mais parece que essas noticia não dão muito comentário”. (ELISEU, 2012 – entrevista transcrita).

3.2 O AZUL¹³⁰ DA TESE

Direito a fazer parte da tese.

Hoje é dia vinte de maio, de 2012 e estou com a Tese pronta. Alguns ajustes no formato, revisão da revisão. Leituras e mais leituras. Preparando para a impressão final. Encadernação e encaminhamento para o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA e, posteriormente, para a seleta banca avaliadora.

Mas nesse domingo de maio, pouco antes do meio-dia uma visão e uma fala conquistaram o direito a fazer parte da Tese.

Um dia lindo, e eu no centro da Cidade do Rio Grande, na Praça Xavier Ferreira, nas imediações do chafariz da praça, no ritual do chimarrão. Faz um sol bastante bonito. O azul do céu é total, como se fosse pintado com a mesma tinta, no mesmo pincel.

Pelo mesmo pintor que foi mestre do mestre da Sistina¹³¹. Todo no mesmo tom. Sem uma falha na cor.

E nesse domingo azul, um homem negro passou por mim carregando uma enorme caixa de papelão. O que mais me chamou a atenção foi o formato da caixa. Uma caixa retangular, muito grande e de largura estreita.

De onde eu estava conseguia ver que, de um dos lados de fora da caixa havia estampado uma tela de televisão, com muitas nuances de cores. Não definia o que representava toda aquela cor.

Caminhei com o chimarrão, para me aproximar daquele proprietário da caixa, e pude ver que o colorido são fogos de artifício explodindo em uma tela de televisão.

¹³⁰ Permitam-me os leitores, mas eu preciso pintar de azul aquilo que ficou tão escuro triste em mim. De alguma maneira, e assim penso eu, a cor possa devolver mais azul pro céu. Mais luz azul para todos os outros dias. Talvez e só talvez, o rosto daquele homem negro que carregava uma enorme caixa de papelão, de uma televisão se ilumine, também. A cor pode ser um anúncio de vida. Uma nova vida no final do outono. A caixa vem cobrir o que o inverno pode trazer – ventos fortes, chuva que molha, frio que queima, mas a cor... a cor dá a certeza de que todas as estações estão em movimento. O azul credita na mente daquele homem que é tempo bom pra pescar – caixas. Mesmo que ele nem olhe pra cima. Mesmo que os olhos dele não se levantem para olhar e ver o céu. Ainda assim é azul. É cor de esperança, embora contrariando o dito popular. Prezados leitores, eu preciso desse azul, por isso insisto em deixá-lo colorir o que há em nós.

¹³¹ Capela Sistina pintada pelas mãos do Mestre Michelangelo – um dom de DEUS.

Muitas e quase todas as cores estavam ali reunidas. A caixa era de uma televisão *led* de cinquenta polegadas.

Busquei me aproximar daquela pessoa e, na tentativa de puxar conversa, investi da seguinte maneira:

- que baita tela!

Como eu fui infeliz na exclamação.

Na ocasião não estava com o meu gravadorzinho, mas ainda posso sentir a resposta dele e, de certa maneira, representar aqui a imagem que não tenho, mas o que ficou daquela nossa não conversa.

A resposta dele veio como um temporal. Carregada de nuvens bem escuras que mancharam todo aquele céu que estava uniformemente pintado de azul.

Ele só disse:

- “nem tinha reparado isso nem é coisa pra mim. Bom mesmo é o que essa caixa vai fazer por mim, esse papelão não é muito grosso, mas é mais resistente pro chão e é bem comprido. Televisão a gente vê nos bar e nas loja. **Só junto papelão, sabe o que tinha dentro das caixa nem me pertence**”¹³².

Fiquei perdido num silêncio. Quase escuro. Procurei organizar o meu pensamento pra dizer alguma coisa, mas o bom senso falou por mim:

A minha resposta saiu de acordo com o meu silêncio. Uma resposta muda. Com vergonha de falar.

- É isso aí.

Continuei o passeio.

Lembro-me de olhar pra cima e perguntar por que a pintura do céu não pode ser sempre azul. Perfeita – pra todos.

Então esse é o **AZUL DA TESE**. Um presente para aqueles de catam caixas de papelão.

¹³² Destaque do autor, para o autor. Para que eu não esqueça.

***POR GENTILEZA,
quando sair do teatro
levar seus lixos e apagar a luz.***

Obrigado!



Fotografia: Uma cama de papelão.
Produção do próprio Autor.

BIBLIOGRAFIA:

São todos os catadores de coisas,

O tempo todo.

É o meu orientador, por todo o tempo.

É a Banca Examinadora,

"veredicto" desse trabalho...

Daniel, Leandro, Marco e Valdo.

Meu carinho aos autores, escreventes de histórias.

Meu respeito a cada um.

É bom nadar entre os grandes.

Sinto-me seguro.

(Claudio, 2011)



Fotografia Os barcos verdes. Não são de navegar. São pescarias.
Fonte: Produção do próprio Autor.

COCURUTO...

O ponto mais elevado.

***Um lugar. Uma gente. Uma prainha. Um time de
futebol.***

Lá eu não quebrei a perna.

Eu não caí do balanço.

Lá fui peixe.

Nadei e Nadei.



REFERENCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação - referências - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002a.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação - sumário - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003a.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação - resumo - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003b.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação - citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002b.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação - trabalhos acadêmicos - apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011a.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBIER, René. **Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed.70, 1977.

BARRETO, Aldo A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.

BLAUTH. P. R.; JUNQUEIRA. Os Catadores e a Educação Ambiental. ENCONTRO INTERNACIONAL DE CATADORES E TRIADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS, 1., 2000. São Sebastião, SP. **Anais...** São Sebastião, SP: Deutsche Gesellschaft fur Technische Zusammenarbeit-GTZ. 3p.

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado**: a mulher na Indústria Paulista. São Paulo. Ed. Ática, 1978.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 6. ed. São Paulo: Ed. Pensamento-Cultrix, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção docência em formação).

CASTORIADIS, Cornelius. **Da ecologia a autonomia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto 5**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

DA SILVEIRA, Natércia Janine Dantas et al. A vida no lixo e o lixo na vida”: os fatores de riscos existentes no trabalho dos catadores precoce de lixo na cidade de Campina Grande-Pb. REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 58., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: SBPC, 2006.

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. **“Mil Platôs”**. São Paulo: Ed.34, 1997.

ESPELETA, J. ; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo, Cortez Editora, 1986.

FREIRE, Isa M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p.58-67, maio/ago. 2006.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

GRUPO de Trabalho Interministerial de Saneamento Ambiental. SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS, 2007. ISSN 1982-4602584.

GUATTARI, Félix. **As Três ecologias**, 3.ed. Campinas: Papyrus, 1991.

JODELET, Denise. Representations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Dans D. (Éd.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1986. p.47-78.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderlei Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PINO, A. S. O social e o cultural na obra de Lev S. Vygotsky. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v.21, n.71, p. 45-78, jul. 2000.

_____. Imaginário e produção imaginária: reflexões em educação. In: DA ROS, Silvia Z; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa. (Orgs.) **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação**: sujeitos e (em) experiência. Florianópolis: NUP/CED; UFSC, 2006. p.49-75.

_____. A produção do imaginário e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. **Pro-posições**, Campinas, v.17, n.2(50), p.47-69, maio/ago. 2006.

PINO, A. S. Técnica e semiótica na era da informática. **Contrapontos**, Itajaí, v.3, n.2, p. 283-296, maio/ago, 2003.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Produção e consumo do e no espaço problemática ambiental urbana**. São Paulo: Cultrix, 1989.

RODRIGUES, Vitor Hugo Guimarães. **Currículo Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0540094614336740>>. Acesso em: 09 set. 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SATO, Michele. Debatendo desafios da educação ambiental. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRÓ MAR DE DENTRO, 1., Rio Grande, 200. **Anais...** Rio Grande: Mestrado em Educação Ambiental, FURG & Pró Mar de Dentro, 2001.

SAWAIA, Bader B. Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In: DA ROS, Silvia Z; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa. (Orgs.) **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação**: sujeitos e(em) experiência. Florianópolis: NUP/CED; UFSC, 2006. p. 85-94.

SIRVENT, Maria Teresa. Estrategias participativas en educación de adultos: sus alcances y limitaciones. **La Educacion**: Revista Interamericana de desarrollo educativo, [Barcelona], v.29, n.7, p.20-35, en./mayo 1985.

TEIXEIRA, Renato. **Romaria**. (Letra de Música). Disponível em: <<http://www.lettras.com.br/ze-ramalho/romaria> > Acesso em: 2 dez. 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MOKITIO KADA. Só para lembrar. In: O BANQUETE DA PALAVRA. [post]. 13 maio 2011. Disponível em: <http://jlrodrigues.blogspot.com/2010/05/comentario-missa-do-proximo-domingo_13.html>. Acesso em: 02 dez. 2011.

**APÊNDICE A – TERMOS DE CONCENTIMENTO PARA REPRESENTAÇÃO DAS
FALAS DOS CINCO CATADORES DE PAPELÃO E DOS QUATRO
BIBLIOTECÁRIOS**